

«Globalização»
«nova ordem»
e soberania

Tempos exigentes

O «efeito de dominó» que o imperialismo tanto teme será tanto mais provável quanto mais estreitos forem os laços de solidariedade e cooperação internacionalista que unem os comunistas e progressistas.



■ Albano Nunes

Pág. 13

Jogo e batotas

Os dados estão lançados. Aliás, já se conhece bem o jogo e os vícios. Do jogo e dos dados. Embora as sondagens, que fazem parte do jogo viciado, possam ter começado um pouco contra a corrente do jogo, de tal modo mostram grande – nessas sondagens... – a vantagem do PS sobre o PSD.

■ Sérgio Ribeiro

Pág. 17

Demanda de Cuba contra os EUA (2)

Os fundamentos da acção judicial interposta por organizações cubanas contra o governo dos Estados Unidos da América, cuja publicação iniciámos no último número, têm na famosa tentativa de invasão da Baía dos Porcos, a 17 de Abril de 1961, um dos seus máximos expoentes. Iniciada pela administração do presidente Eisenhower e prosseguida pelas administrações dos presidentes John Kennedy e Lyndon Johnson, a agressão a Cuba assumiu nesses dias proporções que afectaram toda a sociedade.

Págs. 14 e 15

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 5 de Agosto de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1340 • Director: José Casanova

Sindicatos atentos às eleições de Outubro

Defender nas urnas o futuro das férias



A luta dos trabalhadores impediu que fossem aprovadas graves propostas de lei sobre matérias laborais, designadamente o direito a férias, que poderia ser reduzido a apenas 10 dias úteis. Mas as ameaças mantêm-se. A CGTP-IN já apresentou o seu balanço da 7.ª Legislatura, defendendo que os resultados de Outubro devem «contribuir decisivamente para a mudança política capaz de assegurar, com seriedade, as medidas reclamadas pelos trabalhadores».

Pág. 5

Declaração de Luís Sá sobre a situação política e eleitoral

O Partido Socialista e o abuso do poder

«O Partido Socialista está já num caminho de abuso de poder para efeitos eleitorais. Instrumentaliza os cargos públicos. Utiliza os impostos que todos nós pagamos para propaganda indirecta do PS e sem o nosso acordo. Tudo para pagar a campanha eleitoral do partido do governo.»

Pág. 24

Os artistas da Festa!

Hévia

Santos & Pecadores

Ala dos Namorados

João Afonso

Sons da Lusofonia

Isabel Silvestre e Navegante

Blind Zero

Hands on Approach

Rampa

NESTE NUMERO SUPLEMENTO A CORES

Os artistas da Festa!

EDITORIAL

Uma campanha alegre



O deputado Rodeia Machado é o cabeça de lista da CDU por Beja

RESUMO

28
Quarta-feira

António Guterres apresenta a lista de candidatos socialistas às eleições legislativas ■ Ali Alatas anuncia o adiamento da consulta popular timorense para 30 de Agosto ■ Os 14 camponeses assassinados em Gracko são sepultados, sob forte protecção das tropas da força multinacional dirigida pela NATO ■ O Chefe do Pentágono, William Cohen, anuncia a substituição do comandante supremo das forças aliadas na Europa, Wesley Clark, por Joseph Ralston ■ A China anuncia o seu apoio à criação de uma zona desnuclearizada no Sudoeste asiático, integrando deste modo o projecto da Associação das Nações do Sudoeste Asiático.

29
Quinta-feira

Luís Garra, cabeça de lista da CDU por Castelo Branco, desafia António Guterres, candidato do PS pelo mesmo círculo eleitoral, para um debate público ■ O Governo inaugura o eixo ferroviário Norte-Sul ■ O ministro dos Negócios Estrangeiros australiano transmite ao Governo indonésio a sua preocupação por uma possível escalada de violência no território timorense após a consulta popular de 30 de Agosto ■ A secretária de Estado norte-americana, Madeleine Albright adverte os albaneses do Kosovo de que a comunidade internacional poderá deixar de os apoiar, caso continuem a vingar-se dos sérvios e a recomençar a violência étnica ■ O primeiro-ministro israelita, Ehud Barak, promete cumprir o acordo de Wye Plantation ■ Em Atlanta nos Estados Unidos, um especulador da bolsa de 44 anos assassina doze pessoas e fere outras nove, suicidando-se em seguida.

30
Sexta-feira

A CDU apresenta candidatos pelo círculo eleitoral de Beja ■ Xanana Gusmão reúne com o líder pró-integracionista Domingos Soares e com o presidente do Movimento da Terceira Via, Abílio Araújo, para debater a questão da reconciliação timorense ■ Inicia-se a Cimeira do Pacto de Estabilidade para os Balcãs em Sarajevo com o objectivo de reafirmar o interesse da comunidade internacional na reconstrução e estabilização da região ■ O líder moderado albanês, Ibrahim Rugova, regressa a Pristina com o objectivo de recuperar o protagonismo na região ■ O novo rei marroquino Mohammed VI presta homenagem ao seu pai e confirma a sua intenção de continuar com a política de alternância iniciada por Hassan II.

31
Sábado

António Guterres admite rever a atitude do Governo português no que diz respeito ao asilo político concedido ao anterior Presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira ■ A ONU começa a preparar o pós-referendo para o caso da independência ganhar ■ O primeiro ministro britânico, Tony Blair, em Pristina, apela à tolerância aos habitantes do Kosovo, ao mesmo tempo que pede aos dirigentes políticos o abandono de rivalidades em prol de um governo de cooperação.

1
Domingo

O Governador de Macau anuncia o desejo reafirmado pelas autoridades nipónicas de reforçar as relações com Macau após a transferência da administração para a China ■ Uma bomba explode numa igreja sérvia, no centro de Pristina, enquanto que centenas de sérvios continuam a fugir do Kosovo face à incapacidade da Kfor para os proteger ■ Yasser Arafat reúne-se no Cairo com representantes da Frente Popular para a Libertação da Palestina, numa tentativa de unir as facções palestinas antes das negociações com Israel ■ Durante a comemoração do seu 72.º aniversário, o exército chinês adverte Taiwan para não tentar dividir o país ou poder responder com a força.

2
Segunda-feira

A ONU manifesta-se satisfeita com o processo de recenseamento em Timor, prevendo o recenseamento de 378 303 pessoas até sábado ■ O comandante Ansumane Mané é intimado a comparecer perante a justiça por ter tentado eliminar o Presidente Nino Vieira ■ Os Taliban conquistam duas localidades estratégicas a norte da capital do Afeganistão ■ Uma colisão frontal entre dois comboios de passageiros na Índia provoca 500 mortos e pelo menos 1000 feridos.

3
Terça-feira

O ministro das Finanças, Sousa Franco, em reacção à suspensão do veto ao negócio de António Champalimaud e o Banco Santander, afirma não reconhecer à Comissão Europeia poderes para anular a sua decisão ■ O Presidente indonésio, Jusuf Habibie, oficializa a vitória do Partido Democrático Indonésio da Luta, nas eleições legislativas de 7 de Junho ■ A ministra finlandesa dos Negócios Estrangeiros, Tarja Halonen, promete a Yasser Arafat a intervenção do seu país no incentivo ao processo de paz no Médio Oriente e pela aplicação do acordo de Wye Plantation.

Acerca de dois meses das eleições legislativas, e apesar do período de férias, assiste-se a uma agitação frenética bem indiciadora do que o futuro imediato nos reserva. A política espectáculo, através das mais diversas modalidades, encaminha-se para a sua plenitude; as sondagens de opinião multiplicam-se e, de acordo com o hábito já instalado, há-as para quase todos os gostos; sucedem-se os combates de galos em torno do acessório, deixando bem oculto na sombra o que é essencial – enfim, estão lançados os dados que hão-de conduzir a uma *rentrée* divertidíssima.

O PSD, depois de uma falhada «volta a Portugal», promete, em cartaz gigante, que «Em quatro anos fazemos mais e melhor», promessa estranha vinda de quem, em dez anos, fez o que fez. E, de percalço em percalço, enterra-se na assumida inevitabilidade da derrota, ridicularizando-se quando intenta fingir que assim não é. O PP lá anda, fingindo ser o que não é, dizendo o que não pensa e pensando o que não diz. O BE lá anda, também – apaparicado pelos média por razões óbvias (um dos seus cabeças de lista passou, mesmo, a ter, «páginas de opinião» no «DN» e no «Público», opinando no primeiro enquanto «dirigente do PSR» e no segundo enquanto «dirigente do Bloco de Esquerda»), incensado por comentadores rosa, aspergindo-se de modernidade e água benta. O PS não precisa de existir porque, tendo um Governo seu, delega nele toda a actividade eleitoral e pode ir a banhos. É assim que vemos o Governo do PS dar sinais inequívocos de preparação do arranque para uma operação de caça ao voto de proporções jamais vistas.

O Governo prossegue a venda da boa imagem que de si próprio inventou. Venda cara, muitas vezes, mas como quem paga somos nós...

As repercussões das jardinices de Chão da Lagoa continuam – o que, por si só, é revelador do estado a que isto chegou. O Primeiro-Ministro, irritado e ofendido – não pela gritaria separatista mas por ter sido pessoalmente atacado – aproveitou a cerimónia de apresentação pública dos seus candidatos para disparar um preocupante aviso. Discursando milimetricamente à hora dos telejornais, Guterres acusou Barroso de estar a introduzir «um dado novo na vida política: a campanha pela negativa» e retroverteu: «em inglês “negative campaign”». Nada disto valeria mais do que uma sonora gargalhada – semelhante à provocada pela leitura dos «combates do sr. Paulo» nos «Ecos de Paris» – se o Primeiro Ministro se tivesse quedado por aí. Acontece que Guterres achou por bem desenvolver um pouco mais o seu raciocínio e, num tom e num jeito capazes de gelar o sangue nas veias a qualquer pacato cidadão, explicou que «uma campanha pela negativa muito rapidamente resvala para as tentativas de destruição de pessoas e de vidas familiares. A melhor forma de evitar que isto aconteça em Portugal é não começar». Ouvindo isto, muitos hão-de ter sido os portugueses que pensaram nas tais ditas «boas mãos» e estremeceram... Melhor fora que o Primeiro-Ministro tivesse refletido um pouco antes de dizer o que disse. Não o tendo feito e lançando irresponsavelmente uma alusão carregada de tão sinistros tons, legítimas conclusões as mais diversas e interpretações várias. Aliás, não foi por acaso que do painel de panegiristas oficiais de Guterres logo houve quem saltasse a tentar tapar o sol com a peneira larga da interpretação subjectiva do discurso do «Grande Comunicador». Modernos Palma Cavalões com mais de cem anos de idade, estes profissionais da louvaminhice derramam-se embevecidos ante

a palavra do Líder intocável e vão ao ponto de acusar quem ouse contestá-lo ou criticá-lo de, vejam bem!, estar a fecundar sinistros ovos de serpente...

Entretanto, e assim desviando a atenção dos cidadãos do que é essencial, intensificam-se as práticas governativo-eleitoristas do Governo. A caravana governamental, paga por todos nós, prossegue sistematicamente as suas representações de caça ao voto no PS. O Governo prossegue a venda da boa imagem que de si próprio inventou. Venda cara, muitas vezes, mas como quem paga somos nós... Exemplos clamorosos dessa utilização dos dinheiros públicos na compra de votos para o partido do Governo são, nomeadamente, a campanha de publicidade sobre a qualidade da água, encomendada pelo Ministério do Ambiente e a publicação, promovida pelo Ministério do Equipamento, do luxuoso volume «Estradas de Portugal/99»

que, com as suas 130 páginas de bom papel, constitui um importante instrumento de propaganda eleitoral do Governo. O livro que, ao que parece, é o primeiro trabalho dos três jovens institutos nascidos da defunta JAE – e melhor seria que o Governo do PS, em vez de gastar milhares em seu proveito eleitoral, levasse até ao fim o esclarecimento do escândalo da defunta – visa divulgar, a dois meses das eleições, a misturada de tudo o que, nessa matéria, o Governo diz ter feito, estar

a fazer e pensar vir a fazer. É indispensável que o Governo informe o País de quanto gastou nestas e noutras iniciativas semelhantes. Quanto mais não seja para que o País possa avaliar por si próprio a qualidade das «mãos» que lhe gastam o dinheiro.

Curiosa também, e muito queirosiana, foi a acção de propaganda ocorrida na Feira do Artesanato de Vila do Conde. Guterres foi inaugurá-la no sábado passado, precisamente uma semana depois de ela ter sido inaugurada por Maria de Belém... Acompanhado, como é hábito, por vasto e luzido séquito – e antecedido como também é hábito por uma vigorosa mobilização de massas – o Primeiro-Ministro distribuiu os habituais beijos e apertos de mão e prestou-se ao igualmente habitual beija-mão dos que para isso mesmo lá foram. Falando aos jornalistas, disse que «Ele, que tinha “o privilégio de poder gozar um curto período de férias”, aspirava a que muitos portugueses, que não o têm, o possam vir a ter a curto prazo». Sublime!: Abranços ou Acácio não diriam melhor.

É neste quadro político-eleitoral que o PCP – com a sua prática, os seus métodos, o seu funcionamento, os seus objectivos específicos – afirma a sua diferença, o seu papel singular na vida partidária nacional – preparando uma intervenção eleitoral séria, de verdade, de respeito pela inteligência e pelos direitos dos cidadãos; prosseguindo a elaboração do Programa Eleitoral com a preocupação essencial de encontrar respostas para os problemas dos portugueses; dando continuidade perseverante à sua prática de contacto com a realidade do País; construindo a Festa do Avante, Festa que, pelas suas características, pelo seu conteúdo, pela forma como é construída e vivida, constitui ela própria uma expressão concreta daquilo que distingue o PCP de todos os outros partidos portugueses.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Sáez Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa - Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Sáez Pereira Gomes, 3 - 1600 - 196 Lisboa
Tel. 796 97 25/796 97 22 - Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA - Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
1169-161 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058.
NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial «Avante!», SA - Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
1169-161 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota - Linh. - 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B. L. 227 - 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa
- Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 - Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa
- Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 - Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Contínente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Duas propostas democráticas

Diz a primeira página de «O Independente» que «em três anos de mandato Jorge Sampaio já atribuiu 636 condecorações». Juntando a estas, as atribuídas pelos dois anteriores presidentes, os condecorados andarão provavelmente na casa dos milhares. Tanta condecoração, para além de banalizar um acto que deveria ter carácter excepcional, coloca várias outras questões, nomeadamente a dos critérios utilizados na selecção dos condecorados – critérios que, segundo penso, deverão ser tidos em conta por quem propõe condecorações: Presidente da República, Conselho de Ministros, Primeiro-Ministro, ministros e conselho das Ordens. Ora, a verdade é que basta uma breve vista de olhos pelas listas de condecorados para constatar que aquilo que mais profundamente marca esses critérios é o seu específico conteúdo de classe. De facto, se a memória me não falha, nunca foi condecorado um operário, um trabalhador – daqueles que são explorados, que vendem a sua força de trabalho e nada mais têm para vender e que lutam contra a exploração e pela dignidade humana. Em contrapartida, no lado oposto a estes, entre os exploradores que disso vivem, vários são os condecorados e medalhados.

Em Junho do ano passado, por ocasião da habitual polémica suscitada pela atribuição de condecorações, chamei a atenção para esse «conteúdo político e de classe». E porque na altura se comemorava o 50.º aniversário das grandes lutas antifascistas protagonizadas pelo povo do Couço, atrevi-me a afirmar que mais do que a generalidade dos então condecorados, os coucenses tinham direito a todas as condecorações e medalhas existentes. É óbvio que tal opinião não foi ouvida. É igualmente óbvio que, mesmo que o fosse, isso, por si só, não «limparia» o tal conteúdo de classe do critério utilizado. Mas, sem dúvida, abriria na atribuição de condecorações um espaço novo de justiça e de dignidade.

Passado um ano, eis novamente os mesmos critérios e os mesmos condecorados, eis novamente as condecorações e medalhas nas bocas do mundo e nos peitos dos mesmos.

Acontece isto na altura em que 11 trabalhadoras de uma empresa têxtil de Riba de Ave (Filda), ao fim de quase seis meses de luta heróica, vêem um tribunal dar-lhes razão e determinar a sua reintegração na empresa (ver «Avante!» de 29.7.99). Trata-se de uma

luta reveladora de exemplares coragem e dignidade: desde 8 de Fevereiro, estas 11 trabalhadoras – que, no exercício assumido dos seus direitos, se recusaram a aceitar um horário de trabalho imposto pela Administração e, por isso, foram impedidas de entrar na Empresa – cumpriram todos os dias, infalivelmente, o seu horário à porta da Empresa – todos os dias de todas as semanas de todos os meses, de segunda a sexta-feira, à chuva, ao sol, ao vento.

É certo que a Administração da Empresa não cumpriu a determinação do tribunal e é igualmente certo que se fossem as trabalhadoras a desrespeitar a lei, outro galo cantaria – as cargas policiais, como as condecorações, também têm o seu conteúdo de classe e não há memória de cargas policiais sobre administrações de empresas...

Posto isto, aqui ficam duas propostas democráticas e, portanto, inexecutáveis: meter dentro da lei quem fora dela actua – neste caso, a Administração da Filda; e criar a «Medalha da Dignidade e da Coragem», atribuindo-a a quem a merece – neste caso as 11 trabalhadoras da Filda.

■ José Casanova

O cancro

«Os nossos pensamentos e orações estão com as famílias das vítimas» - a frase é do Presidente norte-americano Bill Clinton e tornou-se numa espécie de ladainha repetida com preocupante frequência nos últimos tempos.

Ouvimo-la a propósito da carnificina levada a cabo a semana passada por Mark Barton, o especulador bolsista que em três dias matou a mulher, os dois filhos e mais nove corretores de Atlanta, e que se suicidou quando estava prestes a ser apanhado pela polícia. Ouvimo-la em Abril quando dois jovens do liceu de Littleton, Colorado, mataram a tiro 13 pessoas, suicidando-se em seguida. Ouvimo-la quando um jovem estudante do liceu de Springfield, Oregon, depois de ter assassinado os pais, matou dois colegas e feriu a tiro mais 25 pessoas. Ouvimo-la em muitas outras ocasiões semelhantes: só nos últimos dois anos, oito massacres do género provocaram 36 mortos e cerca de quatro dezenas de feridos.

De cada vez que os EUA são abalados por tais fúrias assassinas ouvimos igualmente falar da velha questão da liberdade de venda de armas no país, polémica inconsequente num país onde os interesses da indústria armamentista, a violência social e a neces-

sidade de auto-defesa se conjugam na perfeição para justificar a posse de armas.

Curiosamente, o que raramente chega até nós são os ecos da reflexão, que já tarda, sobre as causas deste crescendo de violência nos EUA. O presidente da Câmara de Atlanta, Bill Campbell, chamou-lhe «um cancro que está a corroer o país».

Para além de algumas medidas repressivas levadas a cabo nas escolas e o incentivo à delação - a comunidade escolar é convidada a denunciar alunos, professores, funcionários cujos comportamentos considere «anormais» -, nenhum responsável norte-americano parece capaz de se interrogar sobre o que está a suceder na maior potência do mundo. Deste lado do Atlântico, os comentadores de serviço também não se revelam mais profícuos.

O «país das oportunidades», a «pátria da liberdade», o «campeão dos direitos humanos», o «polícia do mundo», o «exponente máximo da democracia» que aspira impor os seus valores e «the american way of life» a todo o planeta, não consegue explicar por que razão os seus cidadãos - e mais grave ainda, os seus jovens - são acometidos de demência assassina.

Mark Barton era especulador electrónico,

uma actividade tão arriscada que a empresa onde efectuava a compra e venda das suas acções, a All-Tech Investment Group, tem ao seu serviço permanente uma empresa de psicoterapeutas para ajudar os clientes a enfrentarem o «stress». Para entrar neste jogo é necessário dispor de um mínimo de 50 mil dólares para abertura de conta, e de um estofa muito grande para fazer face às imponderabilidades do negócio. Barton perdeu no ano passado 300 mil dólares e não recuperou. Estará aqui a razão do desvario? Mas então e os jovens de Oregon e Colorado, que não jogavam na bolsa? E todos os outros casos? O que explica a demência?

A facilidade de acesso a armas favorece sem dúvida a passagem ao acto de matar. Mas o que determina a decisão de matar? Que mentalidade é esta que está a crescer nos EUA em que a força das armas se torna na resposta para todos os problemas?

O paralelismo que é possível traçar entre a política de Estado dos EUA e a crescente violência na sociedade norte-americana está longe de ser forçado. De tanto procurarem o inimigo externo, os EUA correm o risco de ficar cegos perante o «cancro» que os mina internamente.

■ Anabela Fino

CHIPRE Branco é...

Há 25 anos a República de Chipre, que em 1960 conquistara a independência do império britânico, foi brutalmente agredida pela Grécia e pela Turquia, em duas operações só aparentemente opostas, porque havia dos dois lados, na sombra, um mesmo denominador comum: os EUA.

O golpe fascista dos «coronéis negros» na Grécia, em 1967, esteve intimamente ligado ao Departamento de Estado, Pentágono e CIA, tal como depois o golpe que os «coronéis negros» levaram a cabo em Chipre, a 15 de Julho de 1974, derrubando o Presidente eleito, Arcebispo Makários, um firme e destacado promotor do Movimento dos Não-Alinhados. Notícias sobre o recente falecimento do chefe dos «coronéis negros», Papadopolos, relembram justamente essas ligações sombrias. Nessa época, a propaganda norte-americana acusava Makários de ser um «Castro de sotaina» e Chipre de ser «a Cuba do Mediterrâneo»...

Por outro lado, a invasão de Chipre pela Turquia, logo 5 dias depois, foi ordenada pelo então (e agora) primeiro-ministro Bulent Ecevit. Aparentemente para se opor à Grécia, realmente para ocupar e colonizar Chipre. Ora também a Turquia era já então uma praça-forte do domínio dos EUA na região geoestratégica do Próximo Oriente. Ecevit não agiu à revelia dos EUA, mas certamente por sua encomenda. Dois golpes são mais seguros que um só - como se comprovou, aliás...

Apesar das repetidas resoluções da ONU para restabelecer a integridade de Chipre e a retirada das tropas turcas, 25 anos depois Chipre continua dividido, com 37% do seu território ocupado por cerca de 30 000 soldados turcos e importantes bases militares. A criação de um fantoche «Estado Turco do Norte de Chipre» que só Ancara reconhece; «a limpeza étnica» resultante da expulsão de quase 200 000 cipriotas-gregos que aí habitavam e a «importação» de cerca de 80 000 colonos turcos vindos do interior da Anatólia; a divisão física pela famigerada «linha verde» de arame farpado, que inclusive corta em duas a própria capital Nicosia - aí estão ainda hoje a testemunhar o crime sem castigo e o atentado prolongado ao direito internacional e ao direito à livre determinação de um povo, à integridade da sua soberania.

As repetidas (intermitentes) negociações para a solução do problema de Chipre têm todas falhado porque o «presidente» da «RTNC», Denktash, com costas quentes em Ancara, se recusa a aceitar a existência de uma única República de Chipre, federal, bi-zonal e bi-comunal, que desde início a ONU determinara e a esmagadora maioria da população aceita. Com o pedido de adesão de Chipre à União Europeia, julgou-se que isso iria facilitar essa solução. Só que a Turquia, que também aspira a entrar na União Europeia, apoia Denktash a não aceitar a solução da ONU. Novas negociações se anunciam para o Outono e os EUA pretendem ser o artífice da sua «solução». Impondo o figurino de umas «conversações estilo Dayton» (The Economist, 24.7.99), onde a U.E. aceitaria a Turquia como membro, para que Chipre (confederação de dois Estados independentes, como exige Denktash, ou frouxa federação, como pensam que Chipre seria forçado a aceitar) também pudesse entrar na U.E. Tudo isto levando à saída dos «capacetes azuis» da ONU que estão em Chipre e, claro, à implantação na ilha de uma força da NATO. Os «cozinhados» do Tio Sam, com a ajuda dos seus auxiliares europeus... E reconfortada a «democrática» Turquia, que se poderia dedicar apenas à repressão aos democratas turcos e à guerra aos curdos.

Falta de escrúpulos e transparência com que se continua a pretender «resolver» o problema de Chipre, tripudiando as resoluções da ONU, leva o seu Presidente Glafcos Clérides, em entrevista ao El Mundo (18.07.99) a exclamar: «Ninguém cumpre as suas promessas com Chipre». E a dizer o óbvio: «O verdadeiro motivo por detrás do problema cipriota chama-se Ancara, que tem demasiado interesse estratégico para os Estados Unidos». Clérides não é, longe disso, um político de esquerda. Mas até para ele branco é, galinha o põe.

■ Carlos Aboim Inglês



Foto: Jorge Caria



Morreu Alexandre Pinheiro Torres

Faleceu na passada terça-feira em Cardiff, Reino Unido, o escritor Alexandre Pinheiro Torres, vítima de doença. Poeta, prosador, ensaísta, crítico literário, cronista e professor universitário, Alexandre Pinheiro Torres – que também colaborou regularmente no Avante! durante largo tempo – foi um criador intelectual fecundo e brilhante ao longo de uma vida igualmente regida pela intervenção política e social, nomeadamente contra o fascismo e a opressão.

Alexandre Pinheiro Torres nasceu a 27 de Dezembro de 1923, em Amarante, tendo vivido na ilha de S. Tomé, Póvoa de Varzim, Porto e Lisboa. Formou-se em Ciências (Físico-Químicas) na Universidade do Porto e em Letras (Histórico-Filosóficas) na Universidade de Coimbra. Estreou-se em 1950 com o livro de poemas *Novo Génesis* e, em 1951, de parceria com Egito Gonçalves (que assumiu a direcção), fundou a revista de poesia *A Serpente*, que durou três números. Pelo final dos anos 50 e até à sua partida para a Inglaterra (1965) colaborou largamente na principal imprensa portuguesa, tendo assinado colunas exclusivas de crítica literária no *Jornal de Letras e Artes*, *Seara Nova*, *Diário de Lisboa*, etc. No livro *Situação Actual da Literatura Portuguesa* (Rio de Janeiro, 1970) os Profs. Leodegário de Azevedo Filho, Fernando Mendonça, João Alves das Neves, etc., consideram-no «uma das mais férteis actividades na crítica literária em Portugal, conhecedor profundo dos modernos problemas em que a literatura se insere» (p. 86).

Preso pelo salazarismo em 1965, aceita nesse mesmo ano um convite da Universidade de Cardiff onde foi, desde então, Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa e Teoria da Literatura. Participou em vários congressos na Europa, EUA e Brasil, tendo feito palestras e ministrado cursos em muitas outras Universidades inglesas, norte-americanas, africanas e brasileiras. A Associação Portuguesa de Escritores atribuiu-lhe os seguintes prémios: Prémio de Ensaio Jorge de Sena (1979), Prémio de Ensaio Ruy Belo (1983) e Prémio de Poesia, no mesmo ano, pelo volume de poemas *A Flor Evaporada*.

Na sua vasta obra avultam títulos de poesia como *A Voz Recuperada*, *Ilha do Desterro*, *A Terra de Meu Pai*, *O Resentimento dum Ocidental* ou *Trocar de Século* (para além das obras já referidas), na ficção, *A Nau de Quixibá*, *Tubarões e Peixe Miúdo*, *Espingardas e Música Clássica*, *O Adeus às Virgens* ou *O Meu Anjo Catarina*, na ensaística *Poesia: Programa para o Concreto*, *Romance: O Mundo em Equação*, *Vida e Obra de José Gomes Ferreira*, *O Neo-Realismo Literário Português*, *O Romance de Alves Redol*, etc. e ainda três antologias: da *Poesia Trovadoresca Galego Portuguesa*, da *Poesia Portuguesa* e da *Poesia Brasileira*, estando ainda por publicar um romance, um livro de poesia e outro de crónicas.

Sampaio veta lei

O Presidente da República, Jorge Sampaio, vetou a lei aprovada pela Assembleia da República em Junho passado, com os votos do PS e da direita parlamentar, sobre a procriação medicamente assistida. Esta lei, na formulação definitiva com que foi aprovada na Assembleia da República, teve a oposição frontal da comunidade científica ligada a esta matéria e das suas organizações representativas (como a Ordem dos Biólogos e a Ordem dos Médicos), não ape-

nas por discordâncias de fundo como pelo facto de ninguém ter sido consultado pelos legisladores, nem a questão ser colocada a discussão pública. Entre as críticas dos cientistas a esta lei avulta a que discordava frontalmente da limitação a cinco do número de ovócitos a fertilizar, consagrado nesta lei, que poderia pôr em causa a própria viabilidade das técnicas de reprodução. Na Assembleia da República, o grande opositor desta lei, na forma como foi apresenta-

da e aprovada, foi o PCP, nomeadamente através da deputada Odete Santos. A oposição do PCP assentou não apenas em argumentos semelhantes aos da comunidade científica, mas também por considerar que as restrições colocadas na lei lesavam direitos fundamentais dos cidadãos. Afirmando-se satisfeita com o veto presidencial, Odete Santos afirmou ao *Público* que «para haver esta lei, mais vale não haver nenhuma e deixar as soluções ao bom senso das pessoas».



Governo antecipa obra à «força» de 800 mil contos

Segundo o *Público*, em 1998 o Governo de António Guterres atribuiu um prémio de 872 mil contos ao adjudicatário de um lanço do IC13 (um dos acessos Sul à Ponte Vasco da Gama), sem que o caderno de encargos dessa empreitada previsse a concessão de qualquer pagamento adicional por antecipação da conclusão. O caso configura responsabilidade financeira do secretário de Estado das Obras Públicas e do presidente da Junta Autónoma de Estradas (JAE) e tem vindo a ser apreciado pelo Tribunal de Contas (TC). Acrescenta o *Público* que, num relatório feito por um magistrado do Ministério Público integrado no Tribunal de Contas, este prémio relativo à antecipação do lanço do nó de Coia é considerado «pagamento

indevido» e seria punível com multa, o que já terá sido amnistiado pelo perdão genérico aprovado pela AR por ocasião do 25 de Abril. Todavia, o arquivamento do caso pode ser apenas provisório, dado que o pagamento deste «prémio» aguarda visto do Tribunal de Contas que, por sua vez, aguarda esclarecimentos da JAE.



Inaugurado comboio na Ponte 25 de Abril

O Governo em peso, com o Primeiro-Ministro António Guterres à frente, deslocou-se à inauguração solene da travessia ferroviária para a Margem Sul do Estuário do Tejo, através da Ponte 25 de Abril, projecto que viveu sempre sob o signo do atraso: lançado há 40 anos, quando se planeava a construção da ponte, foi adiado até ao final desta década; já pronto e com estreia marcada para o passado dia 25 de Abril, em homenagem ao 25.º aniversário da Revolução dos Cravos, viu nova-

mente a sua inauguração adiada porque o consórcio francês encarregado de construir e fornecer as carruagens e locomotivas não as entregou a tempo. Entretanto,

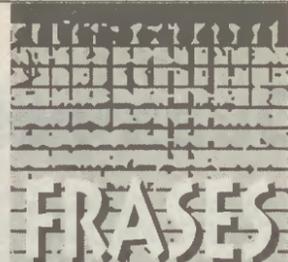
logo na inauguração se fizeram ouvir os protestos das populações da Margem Sul que, teoricamente, são as principais beneficiárias desta travessia, insurgindo-

-se contra o elevado preço das passagens (450 escudos para cada lado, em bilhete individual, muito acima do preço praticado em transportes semelhantes). Em con-

trapartida, o Primeiro-Ministro, António Guterres, aproveitou a ocasião para mais um pacote de promessas de mais ligações ferroviárias para o Sul.

Barak anuncia retirada da Cisjordânia

O primeiro-ministro israelita, Ehud Barak, anunciou que no próximo dia 1 de Outubro o exército israelita recomeçará a sua retirada da Cisjordânia, em cumprimento dos acordos de Wye Plantation, assinados sob a égide do presidente dos EUA, Bill Clinton, entre o antecessor de Barak, Benjamin Netanyahu, e o presidente da Autoridade Palestiniana, Yasser Arafat, mas que Israel nunca cumpriu. «Temos um acordo com os palestinianos», afirmou Ehud Barak, acrescentando: «A 1 de Setembro começará a aplicação dos acordos de Wye Plantation e, um mês mais tarde, a retirada da Cisjordânia».



“Quando Guterres diz “queremos uma economia de mercado, mas não uma sociedade de mercado” (...) não se trata de colocar como objectivo uma sociedade socialista que enfrenta as imposições de uma economia capitalista; trata-se, pelo contrário, e no melhor estilo social-democrata de «gestão do capitalismo», de abraçar decididamente a economia capitalista e adotá-la com umas intenções caritativo-socializantes.”

(Rúben de Carvalho, Diário de Notícias, 30.7.99)

“Depois disto, se alguma coisa surpreende, é que o Governo do PS tenha adoptado, sem tirar nem pôr, as práticas políticas do cavaquismo, do salazarismo e do fontismo. Não só não alterou uma vírgula à tão criticada política do betão, como não hesitou em usar as inaugurações das obras lançadas pelo anterior governo como arma de propaganda.”

(Manuel Villaverde Cabral, idem)

“António Guterres, ao ameaçar que uma campanha eleitoral pela negativa pode levar à “destruição de pessoas e de vidas familiares”, no contexto em que o fez, legitimou a injúria de “mafioso” que Alberto João Jardim lhe acabara de dirigir.”

(João Carreira Bom, Diário de Notícias, 1.8.99)

“Os portugueses sabem que o PS tem no seu seio gente capaz de usar o privado para tentar destruir homens públicos. O que não se esperava é que a ameaça viesse de Guterres, o católico. A tradição, de facto, já não é o que era.”

(António Ribeiro Ferreira, ibidem)

“Os jovens que o leitor vê a jogar na praia são os piores alunos de Matemática do mundo. Eis um tema para a campanha eleitoral.”

(Luís Salgado Matos, Público, 2.8.99)

“Os líderes do PS e do PSD sofrem da síndrome de férias. Só por isso se compreende que Guterres esteja ao pé de quem lhe chamou “mafioso” e Durão do amigo que lhe preparou a armadilha de Chão da Lagoa”

(António Ribeiro Ferreira, Diário de Notícias, 3.8.99)

“Há poucas figuras mais sinistras e menos nobres e honradas na vida pública americana do século XX do que Joseph Kennedy, o fundador do clã (...) [que] foi um daqueles homens para os quais o dinheiro compra tudo.”

(Eurico de Barros, ibidem)

“Se há cores que definam o clã Kennedy, são o verde do dinheiro e o vermelho do sangue. Nunca o azul.”

(idem, ibidem)

TRABALHADORES

Sindicatos atentos às eleições de Outubro

A luta dos trabalhadores impediu que fossem aprovadas graves propostas de lei sobre matérias laborais, designadamente o direito a férias, que poderia ser reduzido a apenas 10 dias úteis. Mas as ameaças mantêm-se, tanto nas declarações de responsáveis do Governo, como nas críticas com que o PSD pretende esconder a sua concordância com a política de favorecimento do patronato à custa de quem trabalha. A CGTP-IN, antecipando a canícula de Agosto, já apresentou o seu balanço da 7.ª Legislatura, defendendo que os resultados de 10 de Outubro devem «contribuir decisivamente para a mudança política capaz de assegurar, com seriedade, as medidas reclamadas pelos trabalhadores».

«O Governo esteve com os interesses económicos dos grandes senhores do capital, mas os trabalhadores não viraram a cara à luta e alcançaram muitos e bons resultados, através da acção reivindicativa em várias áreas», afirma-se na resolução político-sindical aprovada pelo último Plenário Nacional de Sindicatos, no dia 22 de Julho. Avaliando o contexto económico e social desde o início de 1996 e os combates travados nas mais importantes esferas, o órgão máximo da CGTP entre congressos valoriza os «resultados altamente positivos» alcançados na luta contra a revisão gravosa da legislação laboral e pela aplicação efectiva da semana máxima de 40 horas. Tem especial referência o facto de ter sido impedida a aprovação dos projectos relativos ao regime de férias, ao conceito de retribuição e ao alargamento da duração dos contratos a prazo.

Intitulada «Vale a pena lutar», a resolução regista com agrado que foi inviabilizada «parte importante das pretensões do patronato», expressas nos acordos de concertação que a CGTP recusou subscrever. A acção sindical e a luta dos trabalhadores proporcionaram a defesa de milhares de postos de trabalho, a conquista de melhorias salariais para centenas de milhares de pessoas (apesar da política de moderação salarial aplicada pelo Governo), a derrota

da tese sobre a falência da Segurança Social, a melhoria das pensões mínimas e a instituição do rendimento mínimo garantido, algum desagravamento na tributação do trabalho a nível do IRS.

O comportamento do Governo relativamente aos trabalhadores da Administração Pública e ao acordo assinado no início de 1996 com os sindicatos merece uma forte crítica: «Foi adiando compromissos e, mesmo quando se



A exigência de seriedade é mais que justificada, depois da experiência proporcionada pelo PS, que há 4 anos ganhou votos com as promessas feitas aos trabalhadores, mas depois governou ao sabor dos compromissos assumidos perante o grande patronato

Defender nas urnas o futuro das férias

comprometeu, em muitos casos não cumpriu ou atrasou-se, numa atitude, perante o patronato, exemplarmente irresponsável».

A CGTP realça ainda as batalhas travadas pelo direito de todos a uma eficaz prestação de cuidados de saúde, e pela justiça no sistema fiscal. «A acção reivindicativa nas empresas e sectores e as movimentações e protestos de rua, articuladas com a intervenção institucional e os contactos com organizações representativas da sociedade» são apontadas como «um elemento determinante para

aqueilo que de positivo se conseguiu obter nas várias frentes reivindicativas».

Ao sublinhar a importância das eleições de 10 de Outubro, a CGTP previne: «As ameaças que continuam a ser feitas aos trabalhadores, designadamente por membros do actual Governo, quando afirmam a intenção de prosseguir, na próxima legislatura, a ofensiva na legislação do trabalho (lei das férias, conceito de retribuição, etc.) e na Segurança Social, não cabem no futuro de que o País precisa e

que terá de ser de desenvolvimento, de valorização do trabalho, de dignificação dos trabalhadores e de promoção do bem-estar» (ver Oito pontos para uma nova política). Sem hesitações, deve ser posta de lado «a ideia redutora das virtudes absolutas do mercado», o poder económico deve deixar de ser visto como único motor de desenvolvimento e tem que ser reconhecido «o papel interventor e/ou dinamizador do Estado em todas as áreas da actividade económica e social do País».

Oito pontos para uma nova política

O acto eleitoral de 10 de Outubro e o seu resultado são «da maior importância para os trabalhadores», os quais, «quando na sua condição de cidadãos usam o seu voto, não podem nunca esquecer-se da sua condição de trabalhadores e, neste quadro, devem apoiar os que, seriamente, dêem garantias políticas de defesa dessa condição». Na resolução aprovada pelo Plenário Nacional de Sindicatos da CGTP são apontadas as orientações que, para a central, são necessárias «para que Portugal se encaminhe no sentido do desenvolvimento, da dignificação dos trabalhadores e do bem-estar»:

1. Implementar as políticas que melhor sirvam o País, sem subserviência ou sujeições aos interesses económicos do capital.
2. Valorizar o trabalho e dignificar os trabalhadores, condição indispensável de afirmação em equilíbrio da dimensão social do País.
3. Afirmar e defender a democracia nas empresas, garantindo o exercício dos direitos individuais e colectivos dos trabalhadores.
4. Aproximar os salários e o nível de vida dos portugueses à média comunitária e promover a melhor distribuição da riqueza criada.
5. Incentivar o pleno emprego e a qualidade do emprego, desenvolver a formação e qualificação dos trabalhadores, caminhar no sentido da redução do tempo de trabalho para as 35 horas.
6. Parar o processo de privatizações em curso e assumir, para o Estado, as empresas públicas e os serviços públicos, uma política nova e de futuro.
7. Promover uma reforma fiscal que combata as desigualdades e injustiças fiscais, designadamente por via do combate à evasão e fraude fiscal, da tributação mais adequada da riqueza e dos rendimentos do capital e garantindo o financiamento das políticas sociais.
8. Garantir o sistema de Segurança Social como património dos trabalhadores, proceder a uma reforma da Saúde centrada nas pessoas, afirmar o ensino como vector estratégico para o desenvolvimento dos cidadãos e da sociedade.

Promessas e ameaças

A administração da Têxtil Manuel Gonçalves «insiste, ilegalmente, em só conceder aos seus trabalhadores um período de férias de 10 dias úteis, ao mesmo tempo que obriga trabalhadores a trabalharem 48 horas por semana, de segunda a sábado, em substituição dos que estão em férias», denunciou na semana passada a União dos Sindicatos de Braga.

Num levantamento de casos de violação de direitos dos trabalhadores no distrito, a USB/CGTP afirma que também a Coelima «decidiu "conceder" um período de férias de 10 dias úteis».

Ambas as empresas agem como se tivesse sido aprovado o projecto que o PS e o Governo fizeram entrar no Parlamento e fizeram mascarado com a possibilidade de o período de férias aumentar para 24 dias úteis, iria efectivamente contribuir para a sua redução, até ao mínimo de 10 dias úteis, já que o gozo de férias ficaria dependente dos índices de assiduidade.

Por entre as críticas artificiais com que o PSD se quer agora travestir de oposição, desvenda-se um conteúdo idêntico. No muito badalado «livro das promessas», por



Também na burla das 40 horas, a TMG foi lesta na tentativa de roubar as pausas, ao que os trabalhadores responderam com a luta (foto de um plenário em Fevereiro de 1997, com dirigentes da CGTP)

TRABALHADORES

Cooperação

Professores de Português nos EUA e no Canadá participaram em Ponta Delgada, no passado fim-de-semana, no 7.º Encontro de docentes promovido pela sua associação representativa. Na assembleia geral, realizada após o encontro, a associação aprovou por unanimidade e aclamação um protocolo de cooperação com a Federação Nacional dos Professores, segundo o qual «as duas estruturas comprometem-se a estabelecer uma regular comunicação, com a finalidade de aprofundar o conhecimento mútuo». A Fenprof, na nota de imprensa que divulgou, informa ainda que aceitou «representar a associação, no âmbito negocial ou outro, sempre que para o efeito tenha delegação expressa», e «apoiará todos os passos que a associação entenda dar no contexto da dinamização sindical dos professores portugueses que trabalham nos EUA e no Canadá e no âmbito do reforço da Fenprof».

Acidentes

Premiar quem cumpre a lei é inaceitável, protesta a União dos Sindicatos de Braga, numa nota em que expressa «profunda oposição às recentes declarações e propaganda política do Governo sobre os acidentes de trabalho». A USB acusa o executivo de utilizar «formas e meios publicitários que magoam e doem, particularmente às famílias das vítimas mortais e paraplégicas, apresentando propostas eleitoristas vergonhosas e com humor negro». Tal como não pode premiar os automobilistas que cumprem o Código da Estrada, mas sim punir quem o infringe, o Governo deve é obrigar a Inspeção Geral do Trabalho a intervir, pois «pôr mais tábuas nas valas ou nos andaimes é uma obrigação», exige a USB, que quer ainda saber «o porquê de pôr à discussão pública, de 26 de Julho a 25 de Agosto, o Estatuto da IGT e a revisão da Lei 26/99 sobre Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho».

Lisnave

Trabalhadores dos empreiteiros da Lisnave, em Almada e Setúbal, entraram em greve desde dia 23 de Julho, reclamando aumentos salariais (para 1300 escudos por hora), o pagamento das horas suplementares conforme a lei e a contratação colectiva, a legalidade face à Segurança Social, o fornecimento de material individual de protecção, e condições de higiene e segurança nos balneários – informou na semana passada o Sindicato dos Metalúrgicos do Sul, anunciando uma concentração junto à portaria do estaleiro, na Margueira.

Revisão do AE passa para 22 de Outubro Telecom só negocea depois das eleições

Dirigentes e activistas sindicais desencadearam acções públicas de protesto contra a redução dos postos de trabalho, por melhor serviço aos utentes, pela abertura das negociações do Acordo de Empresa, que deviam ter-se iniciado em Junho.

Está em curso na Portugal Telecom «uma ofensiva sem precedentes», visando desregular e precarizar as condições de trabalho e liquidar direitos conquistados pelos trabalhadores, acusam seis estruturas sindicais da PT. Para o Sinttav, o SNTCT, o SIT, o SETN, a Festru e o SQTD – cujos dirigentes estão a levar a cabo diversas acções de protesto a nível nacional –, «é o poder do dinheiro a ditar os seus valores, pressionando os salários e os direitos dos trabalhadores» e «são os efeitos da privatização a fazerem sentir-se fortemente» na empresa – refere uma nota conjunta enviada à nossa redacção.

A PT orçamentou gastos superiores a 84 milhões de contos, em 1999, para redução de efectivos, apontando para uma meta de 1200 trabalhadores, denunciam os sindicatos, numa informação que distribuem à população durante as acções de protesto. Entretanto, a administração da Telecom «devia ter começado a negociar o Acordo de Empresa em Junho, mas recusa fazê-lo, não querendo antes de 22 de Outubro»; por acto de gestão, sem qualquer negociação com os sindicatos, foram aplica-



Activistas sindicais anteontem de manhã junto à sede da PT, num protesto que dura há mais de um mês, ao ritmo de dois dias por semana

dos aumentos salariais de apenas 2,75 por cento.

Os sindicatos recordam a recente venda «aos grandes accionistas» de mais uma parcela da PT (13,5 por cento, representando uma receita de 190 milhões de contos para os cofres do Estado). A empresa, acusam, «está completamente submetida aos interesses dos grandes accionistas, prejudicando o serviço público em prol do máximo lucro».

Neste quadro, as estruturas sindicais indicam, como objectivos das acções em curso, a prestação de um melhor serviço, em qualidade e preço, aos utentes das telecomunicações; a manutenção dos

negociação e a actualização salarial por acto de gestão. Além da administração, a CT criticou também «a cumplicidade de alguns sindicatos da área do poder».

Depois de questionar os res-

ponsáveis da empresa sobre estudos que fundamentem a redução de efectivos e sobre as previsões, a médio prazo, da dotação de recursos humanos na PT, a CT obteve a resposta «confrangedora» de «não sabemos, não é possível fazer previsões». «De duas uma», comenta a CT, num comunicado aos trabalhadores: «a gestão sabe e não quer assumir o ónus político antes das eleições ou, então, é mais grave do que isso, estamos perante uma gestão pouco competente e que pode estar a privilegiar interesses marginais à PT».

As pressões para a redução dos quadros da Telecom foram recentemente denunciadas também pela célula de trabalhadores comunistas da PT no distrito do Porto, que acusaram a política de Recursos Humanos da empresa de pretender dividir os efectivos em três listas: os trabalhadores a reformar e pré-reformar, e os que são excedentários no imediato; os excedentários a médio prazo; e os que estão em sectores por agora considerados estratégicos.

Sindicato dos Bancários «fiador» da UGT

A maioria socialista da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas decidiu participar, com a UGT, numa associação que é proprietária da «Escola Profissional Agostinho Roseta», a qual, «num prazo de dois anos e tanto quanto já é público, conseguiu a proeza de se endivinar em cerca de cem mil contos», o que levou os eleitos das listas unitárias no SBSI a acusarem os responsáveis do PS de colocarem o sindicato como «fiador das dívidas da UGT».

Em comunicado aos trabalhadores, as listas unitárias recordam «um passado que não abona o futuro», com episódios como «os célebres 600 mil contos de dívidas da UGT, relativos a acções de formação, que foram investigados pela Polícia Judiciária e cujo processo se encontra em tribunal». «Ainda recentemente, alguns órgãos de comunicação social referiram o envolvimento da actual presidenta da UGT em problemas idênticos», refere o comunicado.

Os eleitos das listas unitárias ainda tentaram que esta participação do SBSI na associação fosse analisado «mais amplamente», no Conselho Geral do sindicato, uma vez que «a legitimidade estatutária da Direcção diverge da legitimidade política necessária à assumpção de tal responsabilidade», tanto mais que, para além da referida dívida de cem mil contos, não são conhecidas as obrigações da escola nem da UGT, tal como se desconhecem os eventuais direi-

tos institucionais do sindicato ou quaisquer contrapartidas para os bancários.

No comunicado apela-se à reflexão dos bancários sobre o facto de o SBSI estar filiado na UGT desde a criação desta, a quem entregou, só em quotas e nos últimos três anos, mais de 300 mil contos. «O que faz a UGT com esse dinheiro, para além do apoio a todas as medidas do Governo quanto às alterações das leis laborais, às isenções fiscais para os patrões e ao reforço da concentração dos grandes grupos económicos», perguntam os eleitos unitários.

Enfermeiros do S. João admitem parar dia 12

A perspectiva de despedimento de 36 enfermeiros do Hospital de S. João, no Porto, por cessarem os seus contratos a partir de 19 de Agosto, pode levar a uma paralisação de duas horas na próxima quinta-feira. A decisão dos enfermeiros, tomada em plenário, prevê ainda uma «iniciativa-surpresa» naquele dia.

Tanto os responsáveis do Hospital, como da Administração Regional de Saúde do Norte reconheceram, em reuniões com o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, que os 36 profissionais em risco de despedimento fazem falta no S. João; admitiram também que, tal como defende o SEP, há possibilidade legal de os contratos serem renovados até Abril do próximo ano. A decisão está dependente do Ministério da Saúde.

Para hoje está agendada uma nova reunião dos

representantes dos enfermeiros com as administrações do Hospital e da ARS.

Montijo

A greve de dia 29 de Julho, no Hospital do Montijo, teve uma adesão global de 90,4 por cento, informou o SEP, precisando que no bloco operativo, na unidade de cuidados intermédios, na urgência e nos serviços de medicina, cirurgia A e cirurgia B a paralisação foi total.

Os motivos da greve têm a ver com a recusa da administração do Hospital em atribuir aos enfermeiros o regime de horário acrescido, como forma de minimizar a carência de profissionais, mantendo a prática ilegal de, sistematicamente, serem programadas horas extraordinárias.

Cinco dias

A greve dos informáticos da Segurança Social, realizada durante os cinco dias úteis da semana passada, teve uma adesão de 84 por cento, informou a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública. Esta foi a primeira de um ciclo de greves sectoriais convocadas para as carreiras de informática da Administração Pública, que vai prolongar-se até meados de Outubro, tendo por objectivo «levar o senhor secretário de Estado da Administração Pública e Modernização Administrativa a relançar o processo negocial tendente à reestruturação das suas carreiras profissionais, estatuto salarial e condições de trabalho».

Na nota que distribuiu à comunicação social, a FNSFP destaca a elevada adesão, «num contexto de intimidação e pressão desmobilizadora», que levou a que durante uma semana estivessem desligados os equipamentos informáticos de várias instituições de âmbito nacional e regional, as quais estão impedidas de recuperar os atrasos devido à recusa de realização de horas extraordinárias ao fim-de-semana, forma de luta em vigor até final de Agosto. No Serviço Sub-Regional de Évora da Segurança Social, acusa a federação, «foram emitidas orientações aos serviços de atendimento público no sentido de ser camuflado o impacto da greve», que teve uma adesão de 100 por cento, veiculando para os utentes a justificação de uma avaria no sistema informático. Após uma pausa de duas semanas, para permitir ao Governo relançar o processo negocial, o ciclo de greves poderá ser retomado, abrangendo então o Ministério da Saúde.

Inserção

O rendimento mínimo garantido tem como principal problema a deficiente concretização da inserção social, considera a União dos Sindicatos do Porto, notando que no distrito havia quase 35 mil beneficiários, em Dezembro de 1998, mas mais de 90 por cento deles não estavam abrangidos por qualquer programa de inserção. A USP/CGTP, numa nota com que assinalou, na semana passada, o terceiro aniversário da instituição do RMG, cita várias estatísticas oficiais que «confirmam as preocupações que merece a situação social no distrito do Porto e no Norte e a razão de medidas reclamadas, que elevem os salários e diminuam o desemprego». Alerta ainda para a necessidade de o Governo tomar medidas para resolver a actual insuficiência de técnicos superiores de serviço social e outro pessoal, de forma a permitir a realização de programas de inserção social adequados aos beneficiários do RMG.



VII Legislatura

Deputados comunistas prestam contas

Leis da República com origem em projectos de lei do PCP

Lei N.º 89/99

Define as condições de acesso e exercício da actividade de intérprete de Língua gestual

Numa sociedade que teima em marginalizar e em cercear a participação de muitos cidadãos, particularmente dos surdos.

Os surdos enfrentam inúmeros obstáculos à integração na comunidade que os rodeia. Garantir a possibilidade de uma comunicação plena é um dos factores mais importantes para a real integração social dos surdos.

Neste contexto assume especial importância a dignificação da língua gestual portuguesa como principal instrumento desta comunicação assumindo especial importância a função de intérprete da língua gestual.

Hoje o intérprete de língua gestual deve adquirir uma formação científica apurada para que possa desempenhar com rigor a sua função.

A actividade de intérprete de língua gestual, embora estivesse já inscrita na classificação nacional das profissões, não estava legalmente prevista nem regulamentada. Os evidentes prejuízos que daí resultavam condicionavam a actividade dos intérpretes,

retirando-lhe a segurança e a dignidade necessárias para o correcto exercício desta profissão.

A importância que assume o trabalho do intérprete, quer na comunicação da comunidade surda com a comunidade ouvinte quer especificamente na formação das crianças e dos jovens, não podia mais ser ignorada.

O PCP, conhecendo o vazio legal nesta matéria, bem como a sua importância e delicadeza, avançou com um projecto de lei em que se definiu o acesso e o exercício à actividade de intérprete de língua gestual. Assim, concretizaram-se na lei aprovada as funções do intérprete, as condições para o ser, com especial destaque para a formação, e as suas obrigações durante o exercício da função. Prevê-se a responsabilização do Estado nesta matéria, assegurando-se a participação da comunidade surda e das suas associações.

Em suma, trata-se de um regime de há muito exigido e que tem consequências de grande importância para a profissão de intérprete e também para a comunidade surda do nosso país.

Lei das Associações de Imigrantes (aguarda publicação)

A Lei das Associações de Imigrantes residentes em Portugal que são, como se sabe, maioritariamente representativas de cidadãos originários de países da CPLP e dos seus descendentes, atribui as estas associações, designadamente, os seguintes direitos:



- Participar na definição da política de imigração e nos processos legislativos que lhe digam respeito;

- Participar em órgãos consultivos (como o Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração ou

a futura Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial);

- Beneficiar do direito de antena nos serviços públicos de rádio e de televisão através das respectivas associações representativas de âmbito nacional;

- Beneficiar de todos os direitos e regalias atribuídos por lei às pessoas colectivas de utilidade pública;

- Solicitar e obter das entidades competentes as informações e documentação que lhes permitam acompanhar a definição e execução das políticas de imigração;

- Intervir junto das autoridades públicas em defesa dos direitos dos imigrantes;

- Participar, junto das autarquias locais, na definição e execução das políticas locais que digam directamente respeito aos imigrantes;

- Beneficiar de apoio técnico e financeiro por parte do Estado nos termos da lei, sendo esses apoios atribuídos mediante protocolos a celebrar entre as associações e o Alto Comissário para a Imigração e as Minorias étnicas, devendo ser inscritas no Orçamento de Estado as verbas necessárias para a concretização desses apoios.

Esta lei significa o reconhecimento da importância do associativismo para a integração social das comunidades imigrantes e permitirá às associações representativas dessas comunidades intensificar, com um apoio público acrescido, a acção meritória que têm vindo a desenvolver.

Lei das Associações de Deficientes (aguarda publicação)

Numa sociedade em que as dificuldades criadas às pessoas portadoras de deficiência estão longe de ser ultrapassadas, o papel das associações de pessoas portadoras de deficiência assume importância decisiva.

O seu papel insubstituível na defesa dos direitos dos deficientes e na promoção da sua integração social merece que lhes sejam dados instrumentos válidos para a luta desigual que travam.

O presente projecto de lei visava, em primeiro lugar, garantir a participação e a intervenção das associações de deficientes junto da administração central, regional e local, bem como o recurso aos diversos órgãos de soberania.

Por outro lado, atribuíam-se diversos direitos e regalias às associações de deficientes como forma de apoiar a sua valiosa actividade e de suprir em parte as dificuldades com que se deparam.

Um outro aspecto consistia na protecção da actividade dos dirigentes associativos, concedendo-lhes a disponibilidade de que necessitam para desempenhar as tarefas de que estão incumbidos.

Pretendia-se dotar as associações de deficientes de um quadro geral favorável à prossecução da sua actividade e dos seus justos objectivos.

Muitos destes objectivos foram conseguidos na lei aprovada na Assembleia da República. Foi o caso da possibilidade de dispensa do trabalho para participação nos trabalhos do Secretariado Nacional de Reabilitação, embora infelizmente não tenha sido possível consagrar o crédito de horas para as restantes tarefas dos dirigentes associativos.

Foi o caso igualmente dos benefícios fiscais e regalias para as associações de cidadãos portadores de deficiência. Ficou também estabelecido o direito destas associações a representarem judicialmente os cidadãos deficientes em matérias judiciais, bem como o direito de lhes serem prestadas todas as informações pela administração central, regional e local.

Trata-se de uma lei que, com origem no projecto do PCP, consagra finalmente uma regime especial de protecção e direitos para as associações de cidadãos portadores de deficiência, consentâneo com o seu importante papel social na luta contra a desigualdade e a discriminação.



O Inquérito à JAE trouxe a lume casos como por exemplo da adjudicação do troço da CRIL que liga Olival Basto a Sacavém sobre o qual recai uma forte suspeição que se espera leve a aprofundamento da investigação criminal

Inquérito parlamentar não deixa margem para dúvidas Regabofe na JAE tem responsáveis

Corrupção, favorecimento e abuso de poder, tais são, em síntese, algumas das irregularidades apuradas pela comissão parlamentar de inquérito à Junta Autónoma das Estradas (JAE). Aprovado na semana transacta com os votos favoráveis do PCP, PP e PS e a abstenção do PSD, o relatório final responsabiliza por aquelas situações as tutelas políticas da JAE, quer nos governos do PSD quer no actual Executivo do PS. Isto não obstante os esforços feitos pelos deputados daqueles dois partidos no sentido de ocultarem ou minorarem responsabilidades próprias, endossando mutuamente as culpas para o outro.

Apostados em contribuir para o cabal esclarecimento dos factos estiveram, em postura diversa, os deputados comunistas presentes na comissão em representação da bancada do PCP. Em declarações ao «Avante!», o deputado comunista Bernardino Soares, que integrou a comissão nessa qualidade a exemplo de Rodeia Machado, sublinha que o inquérito «pôs a nu o funcionamento irregular, pouco transparente e propício a fenómenos de corrupção e de aproveitamento político na JAE pelo menos desde 1986».

Promiscuidade entre público e privado

Uma das principais irregularidades detectadas reporta-se às acumulações ilegais e promiscuas de actividades pública e privadas por parte de quadros superiores e dirigentes da JAE. Foram estes, lembrou, «que constituíram e trabalharam para empresas, nomeadamente de projectos de estradas cujas propostas eram muitas vezes avaliadas e adjudicadas pelos próprios na JAE».

A existência repetida de obras a mais nas empreitadas, muitas vezes atingindo valores extra de 40 e 50 por cento que não eram submetidas a concurso público, constitui outra das várias situações absolutamente anómalas apuradas pela comissão de inquérito.

Destacadas por Bernardino Soares são ainda as apostilhas - antecipações não previstas de prazos de pagamento com a correspondente contrapartida financeira para o empreiteiro -, por vezes não justificadas, ocorridas na sua larga maioria em períodos eleitorais para fazer coincidir as datas de abertura com o calendário eleitoral.

Obviamente que em tudo isto havia a conivência da direcção da JAE, «protegida e incentivada pela tutela», segundo o parlamentar do PCP, facto que o leva a concluir que «os governos do PSD e PS não podem deixar de ser responsabilizados por este estado de coisas».

Casos particulares como o da empresa Pavitraço, da expropriação da pedreira de Mouços em Vila Real ou da adjudicação do troço Olival Basto/Saca-

vém da CRIL são igualmente «alvo de forte suspeição», alerta ainda Bernardino Soares, que, por esse motivo, diz esperar que «levem a aprofundamento da investigação criminal».

Relatório demolidor

Quanto à discussão do relatório ocorrida em comissão, a primeira nota a reter prende-se com o próprio conteúdo do documento, considerado posi-

vo pela bancada comunista. Elaborado por um deputado do PP, que se comportou em geral de forma isenta, o relatório equacionou os problemas principais, acusando tanto o PS como o PSD.

Formou-se assim um bloco constituído pelo PP e pelo PCP que visou defender e valorizar o Relatório perante o PS e o PSD que, conforme se tratava de responsabilidades de um ou de outro Governo, as tentavam omitir ou diminuir, aliás como aconteceu em geral no decorrer dos trabalhos da comissão.

Este comportamento do PS e PSD só não gorou obter resultados, registou-se, devido à conjugação dos votos do PCP e do PP, umas vezes com o PS, outras com o PSD, ora contra um ou outro, o que veio evidenciar as «vantagens de uma maioria relativa», como observou Bernardino Soares.

Apenas num parágrafo em que se sintetizava toda esta responsabilidade política tanto o PS como o PSD votaram contra, assim se provando - foi ainda Bernardino Soares a lembrá-lo - «que o que mais lhes interessava era esconder a responsabilidade política de governos, ministros e secretários de Estado».

Isto não altera, todavia, a avaliação «amplamente positiva» dos deputados comunistas quanto à natureza do relatório que, juntamente com os restantes trabalhos da comissão, permite concluir pela existência de «indícios mais do que suficientes de que a corrupção grassa naquele organismo, nomeadamente ao nível de quadros mais responsáveis», bem como quanto à «má utilização de dinheiros públicos», feita com fins eleitorais e partidários e, pelo menos, a «conivência dos governos com todo este estado de coisas».

Merecedor de realce é ainda o facto de o PS ter procurado fazer passar a ideia de que existiriam diferenças a separar este Governo dos anteriores. Tanto assim que até tinha mandado, entre outras medidas, abrir uma sindicância. Mas o que não se pode esquecer - e aqui reside verdadeiramente a questão substantiva - é que todas as diligências por si feitas o foram em jeito de resposta ao escândalo que rebentou, nomeadamente após as declarações do general Garcia do Santos, estando também por provar a eficácia e as intenções de algumas dessas medidas, como por exemplo a relativa à divisão da JAE.

LEGISLATIVAS 99

Com a participação de Álvaro Cunhal CDU/Beja divulga candidatura

Álvaro Cunhal presidiu em Beja, na passada sexta-feira, à apresentação da lista de candidatos da CDU à Assembleia da República pelo círculo eleitoral de Beja. Com o actual deputado Rodeia Machado a liderar a equipa, a lista é uma aposta na consciência alentejana, no trabalho demonstrado pela CDU e na necessidade de mudança no Alentejo, com vista ao aproveitamento e promoção das suas potencialidades

A divulgação da lista foi feita no decorrer de um jantar-convívio com a presença de algumas centenas de militantes e apoiantes da Coligação.

Na sua intervenção, Álvaro Cunhal começou por referir e enaltecer o glorioso passado de luta do Alentejo, no tempo da ditadura fascista pelo pão e pela liberdade, na revolução de Abril por grandes realizações e conquistas democráticas, nomeadamente pela Reforma Agrária e o poder local democrático, e desde 1976 na resistência à contra-revolução.

«Estas referências não são uma lembrança saudosista do passado», sublinhou, mas uma forma de «recebermos do passado de luta, experiências, valores, ensinamentos e estímulos para a nossa luta presente e futura.»

A contra-revolução provocou profundas alterações no Alentejo: liquidação de muitas dezenas de milhar de postos de trabalho, emigração em massa, terras abandonadas, aramados, reservas de caça, idosos e reformados sem o mínimo necessário à sua subsistência, zonas desertificadas. Como consequência uma alteração profunda da composição social da população.

Assim, «além das novas realidades, novos problemas, novas dificuldades de natureza económica e social que tornam necessárias respostas novas, estas modificações significam uma grave redução da tradicional base de apoio da CDU e nomeadamente da base de apoio do Partido. É uma situação que necessariamente está presente em toda a nossa actividade e concretamente em relação às próximas eleições para a Assembleia da República em que estamos empenhados.»

PS e PSD - a mesma política

Para Álvaro Cunhal, a situação política em que estas eleições vão realizar-se é caracterizada por um Governo do PS que continua a levar por diante, nos aspectos fundamentais, a política contra-revolucionária do Governo do PSD: «assistem-se à degradação económica, social, política e cultural da democracia e a uma política de capitulação nacional na União Europeia, de submissão às decisões de instâncias federativas onde mandam a Alemanha, a Grã-Bretanha e a França impondo aos países menos desenvolvidos, como é o caso de Portugal, políticas lesivas dos seus interesses e direitos fundamentais.» A situação atinge, porém, extrema gravidade porque «a NATO, na continuação da criminosa guerra contra a Jugoslávia, se arroga um poder autónomo e supremo de intervenção, agressão e guerras onde e quando entender.»

E se «o PS e o PSD disputam entre si, por vezes com violência, o exercício do poder» é para realizarem uma mesma política, razão porque «acabam sempre por entender-se, tendo o CDS-PP ora com um ora com outro».

Agora «procuram institucionalizar a bipolarização no poder e para isso, entre muitas outras medidas projectam novas leis eleitorais antidemocráticas» e «dão o espectáculo de uma violenta luta como se tivessem políticas diferentes». É, porém, uma luta «por uma alternância - ora um ora outro no governo -, mas não por uma real alternativa».

«Seria completa ilusão pensar que é possível uma alternativa de esquerda, com um partido que há mais de 20 anos, em sucessivos governos ou fora deles, está totalmente empenhado na realização de uma política de direita, de uma política contra-revolucionária», alertou Álvaro Cunhal.

Daf «a importância das próximas eleições para a Assembleia da República», disse, sublinhando o valioso trabalho dos eleitos pela CDU, particularmente a competência e acção do Grupo Parlamentar do PCP, «apresentando propostas para resolução de graves problemas, conseguindo impedir, sustentar, alterar ou melhorar numerosos projectos e propostas antidemocráticas do Governo». Ou seja, «os nossos eleitos têm mostrado que o povo e o país precisam dos deputados comunistas na Assembleia da República e nenhum outro partido pode substituí-los na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, do povo e do país.»

PCP tem identidade própria

Finalizando a sua intervenção, Álvaro Cunhal sublinhou o grande valor da CDU: «todos unidos com objectivos comuns numa acção comum - o PCP, os Verdes, Intervenção Democrática, independentes de grande valor». Nenhuma destas componentes perde, contudo - como sublinhou -, «a sua própria natureza e reflexão, que constituem valiosa contribuição para a reflexão e acção comum. Nenhuma se apaga nem se dilui na acção unitária. O PCP promove e dinamiza esta grande coligação unitária com a sua natureza e identidade própria, como um partido comunista que, por vontade dos seus militantes, quer continuar a ser um partido comunista.»

Referiu, depois, «vozes da contra-revolução» que dizem e repetem que o PCP só conseguiria assegurar o seu futuro se abandonasse a sua natureza de classe, se repudiasse o seu passado de luta, se abandonasse a sua teoria revolucionária,



Álvaro Cunhal valorizou o trabalho dos deputados comunistas na Assembleia da República

desistisse do seu objectivo de construção de uma sociedade socialista. «Dizem que o PCP teria o seu futuro assegurado na política portuguesa se deixasse de ser comunista. E alguns até nos dão o exemplo de partidos comunistas que seguiram esses conselhos e desapareceram e de outros que, estando a seguir o mesmo caminho, correm também o risco de desaparecer.»

Houve mesmo «partidos que assim se suicidaram». «Estou

certo», disse Álvaro Cunhal, «que os comunistas portugueses consideram absurda a ideia de que o seu glorioso Partido pudesse suicidar-se: Os que sonham tal coisa percam essa esperança.»

No decurso da sua intervenção, centrada nas próximas eleições, o dirigente comunista sublinhou ainda como tarefas inadiáveis da mais alta importância o desenvolvimento das lutas dos trabalhado-

res (com relevo para o papel da CGTP) e de vastíssimos sectores sociais atingidos pela acção do Governo e o reforço do Partido (a sua organização, os seus quadros, a sua militância, o seu rejuvenescimento) que, além dos seus objectivos específicos, constituem também uma importante contribuição para que nas próximas eleições o número de deputados eleitos pela CDU venha a reforçar-se.

Lista de candidatos

Efectivos

António Rodeia Machado
51 anos
Deputado na Assembleia da República
Membro da Direcção da Organização Regional de Beja do PCP

Susana Correia da Fonseca
44 anos
Mestre em arqueologia
Membro da Comissão Concelhia de Beja do PCP

José Mestre Soeiro
51 anos
Operário agrícola
Membro da Direcção Regional do Alentejo do PCP, responsável pelo acompanhamento das organizações no Alentejo

Suplentes

Manuel Paulo Neto
40 anos
Presidente da Câmara Municipal de Mértola
Membro do Comité Central e da Comissão Concelhia de Mértola do PCP

Maria Luísa Palma
53 anos
Professora do Ensino Básico

Ana Rita Costa Domingos
18 anos
Estudante

Lista de candidatos do Porto

Já noticiada a apresentação da lista da CDU pelo círculo eleitoral do Porto, de que Avelino Gonçalves é mandatário, e divulgados os nomes do primeiro e segundo candidatos, hoje o «Avante!» dá conhecimento público da lista completa da CDU pelo distrito.

João Amaral
55 anos
Licenciado em Direito
Vice-presidente da Assembleia da República e vice-presidente do Grupo Parlamentar do PCP
Membro do Comité Central do PCP

Honório Novo
48 anos
Engenheiro
Ex-vereador da Câmara Municipal de Gaia
Deputado ao Parlamento Europeu nos últimos cinco anos

Ana Maria Mesquita
51 anos
Dirigente nacional da CGTP e da União dos Sindicatos do Porto
Eleita na Assembleia Municipal do Porto

Mário David Soares
47 anos
Dirigente do Sindicato dos Professores do Norte e da FENPROF
Membro da Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia e da Assembleia Metropolitana do Porto

António Luís Pimenta Dias
42 anos
Deputado na Assembleia da República
Ex-vereador da Câmara Municipal de Gondomar

Manuela Bronze
43 anos
Professora
Artista plástica
Independente

Carla Barrías
35 anos
Professora
Membro da Direcção Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes»

Joaquim Cancela
68 anos
Notário
Membro da Intervenção Democrática

Emídio Ribeiro
50 anos
Membro da Comissão Política do PCP

José Pedro Rodrigues
22 anos
Estudante do Ensino Superior
Membro da Assembleia Municipal de Matosinhos

Cristina Pimenta
43 anos
Bancária
Dirigente do Sindicato dos Bancários

João Teixeira Lopes
29 anos
Professor na Faculdade de Letras
Independente

João Torres
45 anos
Coordenador da União dos Sindicatos do Porto e membro do Executivo da CGTP
Membro do Comité Central do PCP

Jorge Araújo
62 anos
Editor
Membro da Direcção da Organização Regional do Porto

Maria José Carvalho
35 anos
Professora de Educação Física
Ex-praticante e treinadora de andebol
Independente

Cristiano Ribeiro
43 anos
Médico
Membro da Direcção da Organização Regional do Porto

Sandra Duarte
24 anos
Professora
Eleita na Assembleia Municipal do Porto

José Cavalheiro
52 anos
Investigador e professor na Faculdade de Engenharia
Independente

José Luís Borges Coelho
58 anos
Maestro, professor
Eleito na Assembleia Municipal do Porto

Manuel Loff
34 anos
Professor da Faculdade de Letras
Independente

Jorge Sarabando
50 anos
Membro do Comité Central e da DORP
Membro da Assembleia Municipal do Porto

Oswaldo Marta
23 anos
Estudante
Membro da Comissão Política da JCP

Albertina Dias
34 anos
Atleta
Independente



O deputado comunista João Amaral é quem encabeça a lista da CDU pelo Porto

Artur Ribeiro
49 anos
Comerciante
Dirigente da Confederação Nacional de Pequenos e Médios Empresários

Cândida Viana
45 anos
Dirigente do Sindicato da Função Pública

Abílio Martins (Bilita)
46 anos
Têxtil (Baiona)
Membro da Junta de Freguesia de Vilarinho

Maria João Gonçalves
28 anos
Engenheira Técnica Agrícola
Assessora da CNA
Membro da Direcção Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes»

Romeu Cunha Reis
50 anos
Advogado
Independente

Alfredo Maia
37 anos
Jornalista
Dirigente do Sindicato dos Jornalistas
Independente proposto pelo PEV

Ângela Seixas
25 anos
Estudante da Faculdade de Letras
Dirigente associativa

Serafim Nunes
45 anos
Economista, gestor
Independente

Renata Freitas
27 anos
Bióloga
Eleita na Assembleia de Freguesia de Lavra

Lucas de Freitas
77 anos
Engenheiro (reformado)
Membro da Intervenção Democrática

Manuela Santos Silva
50 anos
Médica

Palmira Peixoto
43 anos
Presidente do Sindicato Têxtil do Porto

Paulo Valente
21 anos
Dirigente sindical CESNORTE
Activista da Interjovem

Lurdes Maciel
60 anos
Professora catedrática/biomédica

Vítor Santos
56 anos
Engenheiro
Professor do Instituto Superior de Engenharia do Porto

Alberto Neto
34 anos
Metalúrgico (Port Cast)

Filipe Baldaia
21 anos
Estudante do Ensino Superior

Irene de Castro
66 anos
Reformada (Petrogal)
Membro da Intervenção Democrática

Merlinde Madureira
50 anos
Médico
Presidente do Sindicato dos Médicos do Norte

Rui Sá
35 anos
Engenheiro
Vereador da Câmara Municipal do Porto
Membro do Comité Central e da DORP

SANTARÉM Contra agressões urbanísticas

A política urbanística do PS em Santarém continua a merecer críticas por parte da CDU, pois as agressões «são tantas» que não só desfiguram a paisagem como atentam contra a qualidade de vida dos munícipes. Foi o que se passou em relação às Torres de S. Domingos que apresentavam um bonito projecto e hoje não passam de «selvas de cimento, sem zonas verdes, sem equipamentos e sem lugares de estacionamento».

Afinal, uma política urbanística de crescimento «sem ordenamento, nem planeamento», onde apenas vingam os interesses imobiliários e cuja incoerência é acentuada se se tiver em conta a perspectiva da candidatura de Santarém a património da humanidade.

Por outro lado, enquanto na cidade «campeia a permissividade na construção», nas freguesias rurais o PDM impõe uma política restritiva que não tem em conta a realidade social. Dois pesos e duas medidas de uma política urbanística que a CDU condena.

AVEIRO CDU quer melhor saúde

Joaquim Almeida, cabeça de lista da CDU por Aveiro, reuniu com representantes da Administração do Hospital de Aveiro para informar-se sobre o estado de funcionamento das urgências neste estabelecimento hospitalar onde, nos últimos meses, têm ocorrido sucessivas perturbações e anomalias. Embora muitos dos problemas resultem das políticas de fundo do Governo em matéria de saúde, há necessidades que estão identificadas e que urge resposta, como «as constantes situações de ruptura e paralisia» em serviços como pediatria e cardiologia.

O candidato da CDU desafia, assim, o Governo e a ministra da Saúde a implementarem de «forma extraordinária e imediata» um novo quadro de pessoal médico no Hospital de Aveiro, sendo que as condições «indignas e desumanas» - quer para os profissionais hospitalares quer para os utentes -, em que funcionam as urgências é outra questão para que Joaquim Almeida exige uma rápida decisão.

CANTANHEDE Degradação propositada?

O estado de degradação de linha de caminho-de-ferro que liga a Pampilhosa à Figueira da Foz é, segundo a Comissão concelhia do PCP, «verdadeiramente escandalosa», prejudicando a realidade socioeconómica dos concelhos por onde passa - Mealhada, Cantanhede, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz -, e as camadas mais desfavorecidas da população, cujo único meio de transporte é o comboio. Entretanto, a CP recusa investir na linha e no material circulante e vai encerrando serviços de expediente de mercadorias e de venda de bilhetes, de forma a justificar posteriormente o encerramento da linha. Tudo isto, perante a passividade dos 10 deputados do PS e do PSD pelo distrito que nada têm feito em defesa deste meio de transporte. Considerando que a defesa da linha cabe a todos, o PCP chama à responsabilidade os presidentes de Câmara da Mealhada, de Cantanhede, de Montemor-o-Velho e da Figueira da Foz que, «à excepção de uma ou outra iniciativa esporádica e tímida», não têm tido face ao problema uma atitude firme e com consequências práticas.

VILA VERDE Mais segurança para as populações

Depois de lamentar o «triste espectáculo», com troca de insultos, protagonizado pelo PS e pelo PSD em Vila Verde nos trabalhos de uma Comissão de Inquérito nomeada pela Assembleia da República, a Comissão Concelhia de Vila Verde da CDU, recentemente reunida, defende a tomada de medidas concretas pelo Governo contra a onda de assaltos e a insegurança das populações.

Na sua reunião, a CDU reclama ainda medidas que atenuem as crescentes dificuldades dos agricultores, nomeadamente dos criadores de gado, e a intervenção dos órgãos de poder no sentido de pôr cobro ao trabalho clandestino, infantil e precário que afectam cerca de 70 por cento da população activa e estão na origem da extrema pobreza que grassa no distrito.

Por fim, a Concelhia da CDU condena a passividade da autarquia e do Governo face à degradação do ambiente no concelho, nomeadamente a poluição do Rio Homem, as construções ilegais nas margens do rio e as chamadas lagoas de Cabanelas que fazem perigar a saúde pública.

Coimbra CDU na estrada

Depois da apresentação pública dos seus candidatos, a CDU de Coimbra saiu para a rua, primeiro contactando as pessoas na cidade e nas empresas do concelho para divulgação das suas propostas, depois avançando para os outros concelhos, numa fase que termina a 13 de Agosto e a que chamou «CDU na Estrada».

Para além de dar a conhecer os seus candidatos, o objectivo desta acção da CDU é conhecer as preocupações e problemas das populações e, a partir daí, construir a sua Proclamação Eleitoral.

A partir do dia 16 de Agosto, a CDU entra então na fase de pré-campanha com o desenvolvimento da iniciativa «Cinco Semanas, Cinco Temas», no sentido de abordar com as populações do distrito questões como o Ambiente, as Acessibilidades e os Transportes, o Emprego e Questões Sociais, a

Saúde e a Educação e Desporto.

No âmbito da primeira fase, a CDU já visitou a Lousã, Cantanhede, Condeixa e Penacova, encontrando nestas visitas motivos de grande satisfação, quer pelo entusiasmo com que os candidatos da CDU têm sido recebidos, quer mesmo pela recolha de assinaturas que tem feito de apoio à sua candidatura.

Na Lousã, para além do problema das acessibilidades, foi discutido o problema da água para consumo doméstico que é recolhida pouco abaixo do local

onde, no Ceira, se despejam esgotos.

Em Cantanhede, a preocupação da CDU orientou-se fundamentalmente para a Saúde, um dos problemas que mais aflige a população. Assim, é possível encontrar uma Extensão de Saúde, em Ançã, com apenas um funcionário administrativo e uma enfermeira para servirem quatro mil pessoas; um Centro de Saúde na sede do concelho que há dois anos vê apenas cinco mil contos inscritos no PIDDAC; e um hospital com apenas nove médicos e enormes carências, designadamente ao nível de financiamento, que serve uma população de 70 mil habitantes.

Em Condeixa, a CDU passou a manhã no mercado e à noite foi sala cheia para ouvir os candidatos falarem dos principais problemas do concelho: o Tri-

bunal a «cair de velho», os atrasos no novo Centro de Saúde, a necessidade de uma Escola Básica Integrada, entre outras questões que são motivo da revolta da população.

Também em Penacova, a CDU teve oportunidade de apresentar as suas propostas, uma das quais a criação do nó de ligação do Lorzão ao IP3 em fase de arranque. Ou a da inclusão no PIDDAC de verbas para a recuperação do Mosteiro do Lorzão, esta rejeitada pelos votos contra do PS e a abstenção do PSD.

O Centro de Saúde e as suas Extensões, as actividades económicas, a desertificação e a necessidade da criação de um Roteiro Turístico, foram outras questões abordadas em Penacova, onde as palavras de incentivo ao prosseguimento da acção da CDU não faltaram.

Terrenos de Gualtar Agostinho Lopes questiona Governo

A Comissão Concelhia de Braga do PCP considera «lamentável» a situação criada em torno do futuro dos terrenos de Gualtar, junto à Universidade do Minho, que em 1995 foram alvo de um negócio pouco claro por parte do Governo PSD, momento a partir do qual ficou em jogo a salvaguarda de uma zona que a proximidade da Universidade recomendava se mantivesse como propriedade pública.

Agora, porém, o assunto está a transformar-se num autêntico escândalo, pois se é certo que o Governo PSD teve grandes responsabilidades no negócio, a

verdade é que as responsabilidades da Câmara Municipal de Braga e do PS não são menores.

Agostinho Lopes, cabeça de lista da CDU por Braga, preocupado com os contornos de todo este negócio, visitou, no sábado passado, os terrenos do Gualtar, com vista à preparação de um requerimento que o Grupo Parlamentar do PCP irá apresentar de imediato à Assembleia da República, exigindo os necessários esclarecimentos sobre o assunto.

Como é possível, perguntam os comunistas, que um terreno comprado há cinco anos por cerca de um milhão de contos

valha hoje, segundo o Presidente da Câmara, 4,5 milhões de contos, sem que nele se tenha investido um tostão sequer? E como é possível que um grupo privado da área da construção, «conhecido pelos seus rendosos investimentos», pagasse então uma tão grande importância por um terreno destinado à construção de equipamentos, se não tivesse a garantia da autarquia de que, em próxima revisão do PDM, iria propor a alteração do uso daquele solo? Como é que o Presidente da Câmara explica toda a evolução deste processo?

Por outro lado, a construção da variante do Fojo nos terrenos

comprados pela Rodrigues & Névoa exige o conhecimento da importância que a Câmara pagou por eles e coloca mesmo a dúvida sobre se esta nova via não visará servir o empreendimento daquela Sociedade de Construção à custa do erário público.

Estas são algumas das questões que, estando na origem do requerimento que vai ser apresentado ao Governo, levam igualmente a CDU a reclamar dos poderes públicos que ponham travão na execução deste processo escandaloso e defendam o interesse público.

João Amaral visita Mata do Buçaco

Uma delegação do PCP, integrando o deputado João Amaral, Arlindo Marco, candidato da CDU por Aveiro, e António Salavessa, mandatário da lista, deslocou-se recentemente ao Luso e à Mealhada para conhecer o estado actual da Mata do Buçaco.

Na sequência da visita, João Amaral comprometeu-se a interpor o Governo acerca da Mata, património único do País, de enorme e rica bio-diversidade,

que se alia a valores culturais que resultam do facto «de não ser uma formação natural espontânea mas sim o resultado do trabalho humano, metucioso e empenhado, desenvolvido ao longo de gerações desde os primórdios do século XVII».

De facto, na visita à Mata, a delegação, que foi acompanhada pelo vice-presidente da Junta de Turismo do Luso e Buçaco, constatou o estado de degradação em que a mesma se encontra

e a evidente falta de cuidados de manutenção e limpeza que fazem aumentar sobremaneira os riscos de incêndio. Uma circunstância, aliás, realçada no encontro com os elementos da Direcção dos Bombeiros Voluntários da Mealhada, onde se comprovou a inexistência de um Plano de Emergência concelhio ou específico para a Mata do Buçaco.

No final, João Amaral apontou como raiz do problema a

falta de coordenação entre as diversas entidades e a grande carência de investimento público que se manifesta, inclusive, na falta de pessoal, hoje cinco ou seis pessoas em vez das 50 que já lá trabalharam. A situação, segundo o deputado comunista, chega ao absurdo de na mata do Buçaco não serem sequer reinvestidos os mais de 20 mil contos de receita apurados na portagem de entrada das viaturas.

Gente da CDU está ligada às regiões

A apresentação das listas da CDU tem prosseguido, nos vários distritos. Porém, na impossibilidade de torná-las públicas simultaneamente, o «Avante!» irá posteriormente dando sobre elas informação completa.

É o caso da lista de Aveiro, apresentada no dia 18 de Julho, no decurso de um convívio na Mata do Furadouro, em Ovar, que registou, ao longo do dia, a parti-

cipação de algumas centenas de apoiantes e amigos da CDU.

A iniciativa teve como seu ponto mais alto as intervenções dos candidatos Joel Vasconcelos e Cândido Mota e, ainda, do cabeça de lista, Joaquim Almeida da Silva, e da eurodeputada Ilda Figueiredo.

Nas intervenções, foi ressaltada a qualidade da lista apresentada, a capacidade e o prestígio

dos elementos que a integram, bem como o facto de ela se apresentar rejuvenescida e renovada e com mais mulheres.

No dia 19 de Julho, foi a vez de a CDU de Évora, que tem como mandatário o advogado Hilário Chaves, fazer a apresentação pública da lista dos seus oito candidatos (efectivos e suplentes), 50 por cento dos quais são mulheres.

Com uma média etária de 41 anos, a lista da CDU por Évora integra cinco membros do PCP, um do Partido Ecologista «Os Verdes» e três independentes, sendo todos os candidatos naturais do distrito ou exercendo nele a sua profissão e actividades de âmbito social, p cultural e político. Portanto, «pessoas ligadas ao distrito» e que «viver os problemas e anseios das gentes da região».



MACAU PCP recebe Associação da Função Pública

A Presidente da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau, Rita Santos, foi recebida, a seu pedido, na sede central do PCP, na passada sexta-feira, por Henrique de Sousa, membro do Secretariado, e José Cavaco, da organização do Partido na Emigração.

O Encontro possibilitou uma desenvolvida informação sobre a situação dos trabalhadores representados por aquela estrutura sindical no quadro do processo de integração de Macau na República Popular da China.

BEJA PS não olha a meios

O PS «não olha a meios» para obter os fins e continua «a utilizar os meios do Estado e os cargos políticos dos seus militantes para fazer campanha eleitoral».

A denúncia cabe à Direcção da Organização Regional de Beja do PCP que apelida de «manobra de baixa política» do PS a deslocação de Rui Cunha ao distrito, enquanto secretário de Estado da Inserção Social, uma semana depois de ter sido apresentado como cabeça de lista pelo círculo eleitoral de Beja.

A visita deste candidato a Aljustrel, Beja e Moura, é apenas o seu primeiro acto de campanha eleitoral, alertam os comunistas, para quem Rui Cunha está «completamente desligado da realidade alentejana».

CABECEIRA DE BASTO Perigo espreita na EN206

«É um escândalo e um enorme perigo para a segurança dos utentes da EN206, a continuação de valas há vários meses abertas pela Câmara Municipal de Cabeceiras de Bastos, não sinalizadas e com o pavimento por repor, diz a Comissão Concelhia do PCP. Um perigo tanto maior quanto a vinda de emigrantes a Portugal neste período de férias aumenta significativamente o movimento naquela via.

Assim, o PCP reputa de irresponsável uma tal actuação da Câmara e considera que «é necessário mostrar mais respeito pelos nossos conterrâneos e visitantes. É urgente resolver os problemas da nossa terra».

BRAGA Candidato contacta realidade

Por sua vez, Agostinho Lopes, cabeça de lista da CDU por Braga, encontrou-se com a delegação distrital da APD, com quem abordou os problemas da pessoa deficiente, designadamente os seus baixos rendimentos financeiros, as quotas de percentagem no mercado de trabalho ou a questão das barreiras arquitectónicas, problemas que prometeu levantar na Assembleia da Republica.

Depois, o candidato da CDU, acompanhado do deputado Pimenta Dias, da candidata Carla Barbosa e de José Antunes, dirigente do PCP, foi recebido em Amares pelo pároco Adelino Ximenes e o presidente da Junta de Freguesia que proporcionaram a toda a delegação uma visita guiada ao Mosteiro de Rendufe, edifício que é propriedade do Estado e se encontra em estado de ruína. Assunto sobre o qual o deputado Pimenta Dias prometeu questionar o Ministério da Cultura.

Por fim, Agostinho Lopes deslocou-se à freguesia de Selho S. Cristóvão, em Guimarães, onde, acompanhado do Presidente da Junta, teve oportunidade de conhecer algumas das obras desta Junta e as preocupações quanto à falta de um pequeno parque para instalação de indústrias.

Porto Deficientes com menos apoios

O deputado Pimenta Dias visitou o Centro de Reabilitação Vocacional do Porto, instituição que ao longo da sua existência tem dado uma boa contribuição para a integração sócio-profissional dos deficientes.

O Centro da Areosa, por exemplo, criado há mais de 25 anos com o objectivo de ocupar os deficientes e proporcionar-lhes uma profissão adequada às suas limitações, está apetrechado com equipamentos e oficinas de metalomecânica, montagem, cartonagem, encadernação, sapataria, electricidade, marroquinaria, corte e costura, tipografia, auto e actividades da vida diária.

Entretanto, nos últimos anos, «no quadro da estratégia de desresponsabilização progressiva do Estado», verificaram-se alterações significativas na orientação e funcionamento deste Centro, hoje dominado pela avaliação e encaminhamento dos deficientes para instituições privadas.

Porém, para o PCP, «o privado ou particular não é uma resposta da Segurança Social», a quem cabe zelar pela reabilitação e integração dos deficientes e pela rentabilização dos elevados investimentos nos equipamentos existentes no CRVP.

É, pois, urgente clarificar o projecto de futuro do Centro da Areosa que, tal como o Centro da Granja, tanta falta fazem à região do Porto.

A Direcção da Organização Regional do Porto do PCP acompanha com preocupação este esvaziamento do conteúdo funcional do CRVP, de objectivos pouco claros e que não augura um bom futuro ao Centro, alertando os responsáveis do Serviço Sub-Regional do Porto do Centro Regional de Segurança Social do Norte para outros problemas que trazem

igualmente preocupados os deficientes e suas famílias e os profissionais.

Para além da necessidade de medidas que estimulem a integração dos deficientes no mercado de trabalho, os comunistas alertam designadamente para o facto de o princípio da remuneração ser para trabalho igual salário igual - e não «a estigmatização dos 80 por cento do salário mínimo nacional» - e de o subsídio de doença ser actualmente de 65 e não de 60 por cento.

Por fim, o PCP lembra que a população deficiente não se resume aos integráveis, existindo na região «muitos, graves e profundos incapacitados» que não encontram resposta adequada por parte do Centro Regional e estão «à mercê do seu próprio destino». Para



O PCP considera indispensável que o Estado assumas as suas obrigações sociais em relação à população deficiente

esses, «é indispensável» que o Estado assumas as suas obrigações e responda com a criação de Centros de Actividades

Ocupacionais, de atendimento, de prestação de cuidados de saúde primários e de apoio domiciliário.



PCP recebe AEP

Uma delegação do PCP, constituída por Octávio Teixeira e Agostinho Lopes, membros da Comissão Política, recebeu, na passada quinta-feira, na Rua Soeiro Pereira Gomes, a Associação Empresarial de Portugal (AEP), representada pelo seu presidente, eng. Ludgero Marques, pelo presidente da Comissão Executiva, eng. Couto dos Santos, e pelos vice-presidentes eng. Ilídio Pinho, eng. Pais de Sousa, dr. Estela de Magalhães Barbot e dr. Costa Pinto.

Declaração de rendimentos

Como O Independente «fabrica» notícias

A propósito da notícia inserta na edição de «O Independente», de sexta-feira passada, sob o título «Declaração de rendimentos passa a ser obrigatória para os dirigentes partidários / POLÍTICOS A CONTAS», o PCP, dispensando-se «a invocação formal da Lei de Imprensa»,

dirigiu a Inês Serra Lopes, directora daquele semanário, o esclarecimento que a seguir se transcreve:

«1. Do ponto de vista do PCP, a obrigatoriedade referida na notícia existe desde a entrada em vigor da Lei 25/95 de 18 de Agosto que, no seu art.º 2.º, equi-

parou aos titulares de cargos políticos, para efeitos de apresentação de declaração de rendimentos, «os membros dos órgãos permanentes de direcção nacional e das Regiões Autónomas dos partidos políticos com funções executivas».

2. Em conformidade com este entendimento, desde a entrada em vigor desta lei que o Secretário-Geral, os membros do Secretariado, da Comissão Política e da Comissão Central de Controlo do PCP entregam anualmente no Tribunal Constitucional a respectiva declaração de rendimentos. Assim sendo, é manifestamente ridículo que a peça publicada em «O Independente» venha dizer que «é no PCP que o «acórdão clarificador» agora aprovado no Palácio Ratton vai obrigar a mais idas ao departamento onde são entregues as declarações» e que se sentencie

que os membros do Secretariado do PCP «terão de tornar público o que recebem», o que já fazem há vários anos.

3. Lamentamos que, tendo o «acórdão clarificador» sido solicitado por dirigentes do PSD e do CDS-PP, a notícia em questão se tenha dedicado, na base de invenções e falsidades, a atingir precisamente o partido com uma prática mais escrupulosamente respeitadora da lei, também nesta matéria.

4. Finalmente, quanto à grave insinuação contida no texto em referência que atribui a Henrique de Sousa, membro do Secretariado do PCP, «ligações ao sector da construção civil, no Porto», sendo uma invenção destituída de qualquer fundamento, acaba por ser reveladora da falta de ética do artigo em causa.»

CAMARADAS FALECIDOS

António Moreira Pinto Guimarães

Faleceu no dia 31 de Julho, com 76 anos de idade, o camarada António Moreira Pinto Guimarães, natural de Amarante. Membro do Partido desde 1974, estava organizado no concelho de Odivelas.

José Fernandes Vilaça

Vítima de doença prolongada, faleceu recentemente, com 52 anos de idade, o camarada José Fernandes Vilaça, militante do PCP desde 1974. Foi dirigente do Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes, membro da Assembleia de Freguesia de Gilmonde e da Comissão Concelhia de Barcelos do PCP.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Kosovo

Perseguidos pelo UCK sem estatuto de refugiados

Milhares de kosovares, a maioria de etnia cigana, continuam a chegar às costas de Itália fugindo das perseguições e dos ataques do Exército de Libertação do Kosovo (UCK). A recepção que lhes é dispensada em nada se assemelha à que foi dada aos albanokosovares. Os refugiados de hoje são tratados como imigrantes clandestinos, apesar de a própria NATO reconhecer que 30 pessoas, de origem não albanesa, são assassinadas por semana na região do Kosovo.

As imagens de velhos, homens, mulheres e crianças marcados pela fome e pelo medo que todos os dias chegam às costas italianas já não mobilizam os media nem comovem os paladinos dos direitos humanos. O último desembarque massivo ocorreu na noite de sábado passado, quando 1010 pessoas, metade das quais crianças de tenra idade, chegaram a Bari, oriundas do Montenegro, após uma travessia de 12 horas. Dias antes, outras 889 pessoas haviam desembarcado em Brindisi; antes ainda, 60 tinham chegado a Otranto... Até 20 de Julho as autoridades italianas haviam recenseado já mais de 3400 refugiados.

Todos chegam em busca de asilo político, tentando escapar às perseguições do UCK que os acusa de convívio com as autoridades jugoslavas, mas a recepção não é a que esperavam. Terminada a guerra na Jugoslávia para a população de origem albanesa, os países da NATO deixaram de reconhecer a existência de ram de reconhecer a existência de refugiados políticos. Os que agora fogem, aqueles para quem a guerra ainda não terminou, passaram a ser tratados como imigrantes clandestinos. É uma vez mais a política dos dois pesos e duas medidas a funcionar, a confirmação de que a propalada intervenção em defesa dos direitos humanos não passa de pura hipocrisia.

A própria NATO reconhece, no entanto, que a situação no Kosovo está longe de se encontrar pacificada. Segundo o porta-voz da Aliança, Jamie Shea, que ganhou notoriedade por tanto justificar os «danos colaterais»

provocados pelos aliados nos ataques à Jugoslávia, são assassinadas 30 pessoas por semana no Kosovo. Para Shea, a «situação não está fora de controlo», e embora reconheça que a falta de segurança na província sérvia é «grave», faz questão de garantir que «não é catastrófica». Pontos de vista, que se coadunam mal com a expulsão de cerca de duas centenas de milhar de kosovares não albaneses desde a chegada das forças da Aliança à região, e a frequência dos sequestros e assassinatos registados nas últimas seis semanas. «Temos soldados, mas como toda a gente sabe, os soldados não são precisamente os melhores polícias», disse há dias Shea em declarações à BBC, acrescentando que 3000 polícias das Nações Unidas deverão ser enviados para a região «nos próximos meses». Até lá, é de supor que a violência contra os sérvios e outras etnias continue, e que os homens do UCK prossigam com a limpeza étnica que estão a levar a cabo.

É curioso registar, a propósito, que o estatuto reconhecido ao UCK pelas forças da Kfor ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Ainda no passado sábado o autoproclamado «primeiro-ministro» do Kosovo, Hashim Thaci, chefe máximo dos independentistas, considerou «inaceitável» que o seu «chefe militar», Agim Ceku, tivesse sido interpelado por soldados russos num controlo de estrada quando se deslocava, fardado, acompanhado por vários membros do UCK. Recordar-se que o «acordo» de desmilitarização incluiu o abando-

no de uniformes e insígnias, o que não está a ser cumprido.

Thaci veio a público exigir que as tropas russas só possam actuar no âmbito da cadeia de comando da NATO. A explicação é simples: a Aliança não só não se incomoda que Ceku continue a ostentar o seu uniforme, como o trata por «general» nos seus comunicados, tal como fazem os generais Mike Jackson e Wesley Clark.

Neste contexto, não é de surpreender que Hashim Thaci se tenha apresentado segunda-feira passada na inauguração da abertura do novo ano escolar na Universidade de Pristina para exigir que o UCK seja reconhecido como «o Exército do Kosovo», fazendo tábua rasa do acordo de desmilitarização que ele próprio firmou com Mike Jackson. Na cerimónia cantou-se o hino nacionalista albanokosovar.



O estatuto de refugiados políticos concedido aos albanokosovares não se aplica aos seus conterrâneos de outras etnias, agora obrigados a fugir do Kosovo devido à violência do UCK

TPI desconhece o número de vítimas

O administrador da ONU no Kosovo, o francês Bernard Kouchner, que se tem mostrado incapaz de garantir a segurança da população não albanesa do Kosovo, não revela dificuldades quando se trata de falar do número de albanokosovares que terão sido mortos por forças sérvias e enterrados em valas comuns.

Revelando total falta de isenção e idêntica ausência de comedimento, Kouchner afirmou aos jornalistas em Pristina, no início da semana, que o número de mortos em valas comuns ascende a 11 000, «de acordo com os números do Tribunal Penal Internacional (TPI)», e não aos 10 000 que têm sido apontados pela NATO.

A afirmação causou perplexidade em Haia. Segundo a AFP, o procurador adjunto do TPI, Graham Blewitt, negou que o tribunal tenha avançado com semelhante número.

«Para além de 340 vítimas confirmadas dos massacres que assinalámos no acto de inculpação do Presidente jugoslavo, Slobodan Milosevic, no final de Maio, o TPI não publicou ainda qualquer número» sobre as vítimas do conflito, disse Blewitt. Sublinhando que a

investigação «exige um trabalho de muitos meses», o responsável do TPI fez notar que «não avançamos com nenhum número porque não o temos».

De assinalar, já agora, que até à data o TPI nunca se tinha dado ao trabalho de corrigir o número de vítimas insistentemente apontado pela NATO, o que não deixa de ser significativo.

A frequência e ligeireza com que se fala dos mortos em valas comuns, sempre apontados como albanokosovares vítimas das forças sérvias, sem que qualquer investigação minimamente séria tenha sido levada a cabo, e muitas vezes mesmo antes das alegadas valas terem sido abertas, não pode deixar de ser entendida como parte da campanha de demonização do regime de Belgrado. O importante não é provar que as valas existem, quantos corpos contêm, e em que circunstâncias morreram, mas sim fazer a acusação aos sérvios. A reposição da verdade dos factos, se e quando ocorrer, nunca terá o mesmo impacto na opinião pública. A isto chama-se manipulação da informação, como qualquer jornalista sabe.

Atentado em Pristina

A catedral ortodoxa de Pristina, situada no centro da capital do Kosovo, foi alvo de um atentado bombista no domingo. A explosão apenas provocou danos materiais, dado que não chegou a explodir toda a carga colocada no edifício, que segundo a Kfor ascendia a oito quilos. A força britânica que controla o sector prometeu investigar o caso, mas até ao momento não foi feita nenhuma detenção. Este foi o segundo atentado, numa semana, contra um templo ortodoxo. Em Urosevac, no sul da província, na zona controlada pelas tropas norte-americanas, uma igreja que já havia sido incendiada foi reduzida a escombros por uma explosão. Segundo os dados oficiais, mais de 20 igrejas ortodoxas foram já alvo de ataques desde a instalação das forças internacionais na região.

Consideradas como um símbolo da presença sérvia no Kosovo, as igrejas - algumas das quais de inestimável valor artístico e cultural - têm sido um dos alvos preferidos dos ataques de albanokosovares, maioritariamente muçulmanos, que desde o fim da guerra associam cada vez mais a intolerância política à intolerância religiosa.

Aliança política no México

Com o objectivo de derrotar o PRI (no poder desde 1929), os dez partidos da oposição mexicana formaram uma coligação política na sexta-feira, que junta formações de esquerda e de direita. «Falta um pequeno trecho, mas estamos na alvorada de uma nova história, no fim de 70 anos de luta do povo mexicano pela sua liberdade, pelo fim da corrupção, da violência, da pobreza e da marginalidade», afirmou à imprensa Vicente Fox, membro do conservador PAN, que encabeça a coligação com o Partido da Revolução Democrática (esquerda). Segundo uma sondagem realizada na semana passada, um hipotético candidato da aliança receberia 60 por cento dos votos nas eleições presidenciais de Julho do próximo ano, enquanto o PRI ficaria com 23 por cento.

Sarajevo

Uma cimeira vazia

A cimeira de Sarajevo reuniu no fim-de-semana representantes de 39 países e de 17 organizações internacionais, alegadamente para lançar o «pacto de estabilidade» para os Balcãs. Um enorme aparato militar velou pela segurança dos senhores do mundo, mas nem isso contribuiu para a tomada de qualquer medida concreta. Dir-se-ia que todos foram à capital bósnia com a exclusiva preocupação de convencer os sérvios da Jugoslávia a derrubar Milosevic.

O objectivo consta na declaração final da conferência, na forma de mensagem aos sérvios: «Apelamos ao povo da República Federal da Jugoslávia que se empenhe na mudança democrática e a trabalhar activamente na reconciliação geral». O tema tinha de resto servido de abertura à cimeira, sob a forma de declaração da União Europeia, igualmente dirigida aos sérvios: «A responsabilidade do actual isolamento da República Federal da Jugoslávia é da inteira responsabilidade de

M. Milosevic e de outros dirigentes, que foram inculcados pelo Tribunal Penal Internacional de crimes contra a humanidade».

Quanto a medidas concretas para a implementação do famoso «pacto de estabilidade» não houve. Os custos da reconstrução do que foi destruído pela guerra, a divisão do financiamento, a ajuda humanitária, não constaram da ordem do dia.

O sentimento de inutilidade da cimeira reflectiu-se na imprensa. Segundo o semanário búlgaro «Capital», «o exemplo bósnio fez regressar as inquietações de que mais uma vez os grandiosos planos de reanimação dos Balcãs possam emperrar na burocracia, na corrupção e nos processos demorados». O diário «Borba», sérvio, foi ainda mais contundente, escrevendo que se assistiu a «uma verdadeira farsa em Sarajevo». «Os americanos e os seus vassalos europeus têm necessidade de justificar as ruínas que provocaram nos Bal-

cãs e as humilhações infligidas» aos povos da região, acrescenta.

O protagonista destacado da cimeira foi naturalmente o Presidente dos EUA, Bill Clinton. Mas a sua intervenção desiludiu os que esperavam mais do que os inevitáveis ataques ao regime de Belgrado. De concreto, Clinton apresentou uma ajuda económica de 150 milhões de dólares para um fundo de investimentos para a região, a abertura de uma linha de crédito de 200 milhões de dólares e a promessa de facilitar o acesso dos produtos balcânicos ao mercado norte-americano.

Segundo um jornal romeno, a ajuda proposta equivale a pretender «tratar um cancro com uma aspirina».

A Declaração final da cimeira limita-se, na verdade, a um enunciado de boas intenções sobre democracia e direitos humanos, desenvolvimento económico e cooperação, e segurança. O conteúdo ficou para segundas núpcias.

Radicais italianos propõem 20 referendos

O Partido Radical, de Marco Pannella e da ex-comissária europeia Emma Bonino, propôs recentemente a realização de 20 referendos, que, a serem aprovados, transformarão profundamente a vida política e social de Itália. Os referendos abrangem cinco áreas (trabalho, financiamento público, fiscalidade, saúde e segurança social, justiça e sistema eleitoral) e provocaram já os protestos dos sindicatos, de vários partidos e do próprio Governo. Entre outras medidas, os radicais propõem tornar o sistema eleitoral maioritário, liberalizar totalmente o trabalho temporário, simplificar os despedimentos, acabar com os centros de emprego, elevar para 57 anos a idade mínima para a reforma, e defendem a possibilidade de optar pela assistência de saúde privada sem contribuir para a pública.

Rússia não vende armas nucleares

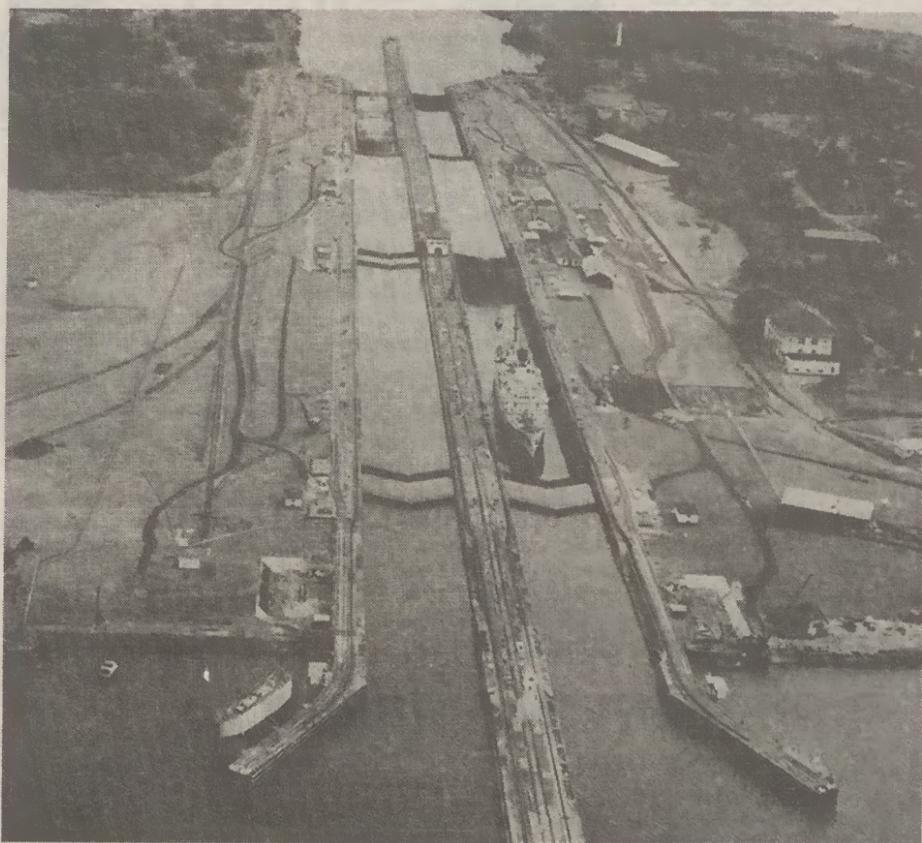
«Não estamos interessados em que nenhum país, incluindo o Irão, obtenha armas nucleares», afirmou na segunda-feira o primeiro-ministro russo, Serguei Stepashin, depois de um encontro com o seu homólogo israelita. Ehud Barak tinha-se mostrado preocupado com «a penetração de tecnologia de mísseis no Irão e com a ausência de controlo sobre esta no Iraque». A posição russa não impede, no entanto, que prossiga a construção de uma central nuclear na cidade iraniana de Busher ou que haja planos para a venda de outros reactores.

Argentina estuda vacina contra cancro

Cientistas argentinos estão a criar uma vacina contra tumores cancerígenos da pele e dos pulmões. Ainda em fase de ensaio laboratorial, a vacina tem por objectivo ampliar a memória imunológica do organismo humano para que «o doente possa gerar os seus próprios anticorpos perante a presença de células nocivas», explicou o bioquímico Carlos Landa, citado pela Lusa. A vacina foi testada apenas em cobaias e os cientistas dizem que a sua aplicação em seres humanos ainda demorará.

Panamá Presidente cessante prepara reforma

A um mês de abandonar o poder, o presidente panamiano Ernesto Pérez Balladares está a introduzir uma série de leis com o objectivo de proteger os seus interesses a posteriori. A imprensa classifica as medidas de «vandalização institucional» e não tardou a protestar contra elas. O Foro Cívico Institucional convocou uma manifestação na quinta-feira e a presidente eleita, Mireya Moscoso, condenou a atitude.



No Canal do Panamá chegaram a estar estacionados 65 mil soldados norte-americanos durante a II Guerra Mundial

O pacote de Balladares inclui a nomeação de três magistrados que lhe são leais para a Quinta Sala da Corte Suprema, que passam a legislar temas constitucionais ao lado de independentes. Por outro lado, o poder do Serviço de Protecção Institucional, responsável pela segurança do presidente, é aumentado.

As «leis mordaza» - como são conhecidas no Panamá as leis de imprensa - foram abolidas e com elas, entre outras coisas, a possibilidade de encerrar qualquer meio de comunicação e a prisão dos jornalistas por falta de respeito a um funcionário público.

A nova legislação prevê a ampliação da interpretação do conceito de «calúnia e injúria», o que não deixou de desagradar aos profissionais do jornalismo. Estes acusam o presidente cessante de procurar fugir a qualquer investigação sobre o seu Governo quando deixar o Governo.

A Lei da Rádio e Televisão foi também alterada. Passa a ser proibido um diário possuir um canal de televisão e vice-versa. Os jornais afirmam que Balladares quer evitar que o diário *La Prensa* compre o Canal 8, que os Estados Unidos agora devolvem. O diário, que tem denunciado casos de corrupção do Governo, mostrou interesse em adquirir aquele canal. Além de ameaçar o presidente, a intenção do jornal pode pôr em causa os interesses do grupo Medcom, dirigido por um primo do presidente, que controla 80 por cento da audiência televisiva.

As direcções dos principais meios de comunicação já apelaram aos parlamentares para evitar que os projectos sejam pos-

tos em prática, enquanto os estudantes universitários de comunicação social saíram à rua manifestando-se contra as medidas.

Cronologia

1717- O Panamá integra o Vice-Reinado de Nova Granada.

1821- O Panamá incorpora-se na Grande Colômbia, juntamente com o Equador, a Venezuela e a Colômbia.

1841- O Panamá passa a fazer parte da Colômbia, como departamento.

1903- Os Estados Unidos apoiam militarmente o movimento de independência e reconhece imediatamente o novo Estado. Em contrapartida, impõe como condições a concessão da soberania *ad perpetuum* sobre o canal do Panamá e a zona adjacente.

1914- É inaugurado o Canal do Panamá.

1964- Vinte e um estudantes panamiano morrem quando tentam içar a bandeira do seu país na Zona do Canal.

1968- O presidente Arnulfo Arias é derrubado. Sobe ao poder o general Omar Torrijos.

1977- É assinado o Tratado Torrijos-Carter, que revoga as condições acordadas anteriormente e prevê que o Canal seja totalmente entregue ao Panamá no ano 2000 e erradica, por etapas, as bases norte-americanas da zona.

1981- O general Omar Torrijos morre num acidente aéreo considerado muito suspeito.

1982- O presidente Aristides Royo renuncia por «motivos de saúde» e é substituído pelo vice-presidente, Ricardo de la Espriella.

Fevereiro de 1984- Ricardo de la Espriella renuncia ao cargo, pressionado pelo chefe da Guarda Nacional, general Noriega.

Mai de 1984- Nicola Ardito Barletta vence as eleições por uma escassa margem sobre Arnulfo Arias.

Novembro de 1984- O Governo ordena um pacote de medidas económicas, que compreendem novos impostos e a redução de gastos. Um mês depois, a população reage com grandes manifestações, seguidas de violentos distúrbios e de uma greve que paralisa durante 25 dias o ensino e os centros de saúde públicos. A Assembleia Nacional chumba as medidas económicas propostas.

1986- Manuel Solís Palma é designado presidente. Os EUA não o reconhecem e, meses depois, iniciam um bloqueio económico e financeiro contra o Panamá.

Junho de 1988- O Panamá retira-se da Junta Directiva da Comissão do Canal, que integra os EUA, como forma de protesto contra as sanções.

Julho de 1988- O presidente norte-americano Ronald Regan autoriza actividades encobertas para afastar do poder o general Noriega, indiciado por tráfico de droga.

Mai de 1989- Realizam-se eleições, que acabam por ser anuladas pelo Tribunal Eleitoral. Depois de sucessivas revelações de fraude eleitoral por parte do Governo, os protestos pacíficos da oposição são violentamente reprimidos. No mês de Julho iniciam-se as negociações entre o Poder e a oposição.

Setembro de 1989- O general Francisco Rodríguez é designado presidente. O presidente norte-americano George Bush anuncia o corte de relações diplomáticas

com o Panamá até que o país deixe de ser «dirigido» por Noriega.

Outubro de 1989- Um grupo de jovens oficiais desencadeia uma tentativa de golpe de Estado, que não se concretiza devido à intervenção de militares fiéis a Noriega.

Dezembro de 1989- Através da «Operação Causa Justa», os EUA depõem o general Noriega. Morrem dezenas de pessoas. O poder é entregue a Guillermo Endara, vencedor, segundo a oposição, das eleições de Maio.

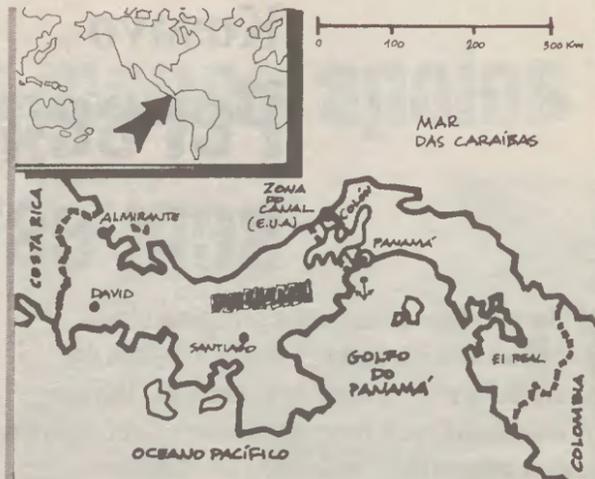
Os países não alinhados, com o apoio da União Soviética e da China, apresentam uma resolução no Conselho de Segurança da ONU, que condena a intervenção das tropas americanas.

Natal de 1989- Noriega entra na Nunciatura do Panamá e o Vaticano concede-lhe asilo temporário. No início de Janeiro abandona voluntariamente a sede da Nunciatura e é levado para os EUA, onde é condenado a 40 anos de cadeia, por ter dado cobertura ao tráfico de drogas.

Março de 1990- O presidente Guillermo Endara entra em greve de fome durante duas semanas, em «solidariedade com os pobres» e como forma de atrair ajudas económicas do estrangeiro.

Dezembro de 1990- Uma tentativa de golpe de Estado, liderada pelo general Herrera, é neutralizada com a intervenção de tropas dos EUA.

1992- Em referendo, a população rejeita um pacote de reformas constitucionais, entre as quais a supressão formal do Exército.



EUA abandonam canal

Os Estados Unidos abandonaram na sexta-feira o Forte Clayton, dando início à aplicação do Tratado Torrijos-Carter, assinado em 1977, que prevê que o canal seja totalmente entregue ao Governo do Panamá no dia 31 de Dezembro deste ano e que erradica, por etapas, as bases norte-americanas da zona.

Ficam ainda cerca de mil soldados, que deixarão o país gradualmente até todas as bases americanas serem devolvidas em Novembro. O destino dos homens até agora estacionados no Panamá é a base do Forte Buchanan, em Porto Rico, que começará a operar na próxima semana.

Os EUA chegaram a ter estacionados no Panamá 65 mil soldados e escolheram este país para fundar a Escola das Américas, onde foram treinados, entre 1942 e 1992, mais de 60 mil militares latino-americanos. Muitos deles participaram mais tarde em golpes de Estado e nas forças de repressão de muitas ditaduras. Na semana passada, a Câmara dos Representantes norte-americana aprovou uma redução dos fundos destinados à instituição.

A saída dos norte-americanos trará uma perda de 300 milhões de dólares anuais para a economia do Panamá. Em contrapartida, o valor das instalações e das terras das bases é calculado em 4 mil milhões de dólares, um valor importantíssimo para um país cujo produto interno bruto não chega aos 9 mil milhões de dólares.

Os índices de pobreza do Panamá atingem os 40 por cento e o país figura como a quinta nação na lista mundial da desigualdade da distribuição da riqueza.

■ ALBANO NUNES

Membro
do Secretariado
do Comité Central**“Globalização”, “nova ordem” e soberania**

Tempos exigentes

OS ÚLTIMOS desenvolvimentos da situação internacional, nomeadamente na Europa - guerra nos Balcãs, fortalecimento da NATO, militarização e políticas de classe da União Europeia, eleições para o Parlamento Europeu, evolução da situação na Rússia, Turquia -, não deixam lugar para grandes dúvidas. Os próximos tempos adivinham-se muito exigentes para os comunistas e as forças de esquerda anticapitalistas.

Haverá muitas batalhas vitoriosas. A natureza das contradições e as incertezas que dominam a situação económica é tal que não deixarão de surgir circunstâncias favoráveis ao ascenso das lutas de massas, ao reforço do peso político (incluindo eleitoral, mas não só nem principalmente) das forças identificadas com os interesses dos trabalhadores, viragens à esquerda no quadro político. Mas tais possibilidades só se tornarão efectivas se preparadas através de um laborioso e persistente trabalho de organização e de massas, construindo partido e cuidando das suas raízes na sociedade, fortalecendo o sindicalismo de classe, dinamizando movimentos populares em torno dos interesses e aspirações mais sentidos pelas diversas camadas e sectores da população.

É uma evidência que o imperialismo se prepara para dirimir pela força contradições e conflitos que ponham em causa os seus interesses vitais e a sua hegemonia planetária. Novos avanços libertadores não serão em geral possíveis sem áspera luta política e ideológica, sem viragens imprevisíveis, sem roturas com o *status quo*. Atente-se no fortalecimento das estruturas supranacionais do imperialismo que, como a NATO, se arrogam o direito de intervir arbitrariamente em qualquer ponto do planeta. Atente-se no relançamento do militarismo e da corrida aos armamentos, sem esquecer que o comércio de armas é hoje um dos mais lucrativos do mundo. Atente-se, em relação à questão central do Estado, no reforço da sua componente coerciva, enquanto se desvanecem as funções de interesse geral que amorteciam a sua natureza de classe. Atente-se na própria cooperação internacional de

de produção e de troca, de aprofundamento da divisão internacional do trabalho, de acrescidas interdependências e necessárias cooperações, as lutas dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo estão elas próprias mais interligadas e interdependentes. No projecto programático e na política alternativa dos comunistas e de outras forças revolucionárias e progressistas, os elementos de carácter “externo” entrelaçam-se cada vez mais com os de carácter “interno”, chegando a confundir-se. Entretanto, como se afirma na Resolução Política do XV Congresso do PCP, “tal realidade não torna caduca a importância do espaço nacional como terreno incontornável da luta de classes, não fecha a possibilidade de alcançar conquistas democráticas e transformações revolucionárias a nível dos diferentes países”.

O combate ao processo de mundialização capitalista convide sem dúvida à elaboração de plataformas de alternativa global - a nível regional, continental, planetário - que configurem uma realidade mais racional, mais justa, mais pacífica, mais solidária e mais humana. Mas tais bandeiras, sempre úteis e porventura necessárias tornar-se-ão puras abstrações se não estiverem vinculadas com os concretos processos de luta dos respectivos povos pelos seus interesses e aspirações mais sentidas. “A alternativa” só deixa de ser um modelo idealista se for síntese de alternativas construídas a partir da vida, trabalho e luta das massas. E se em geral os processos e os poderes crescentemente internacionais dificultam a vitória num país isoladamente, também é certo que conduzem a uma mais forte interacção das lutas e dos avanços libertadores. O “efeito de dominó” que o imperialismo tanto teme será tanto mais provável quanto mais estreitos forem os laços de solidariedade e cooperação internacionalista que unem os comunistas e progressistas respectivos.

revolução. No processo de transformação social intervêm factores objectivos e subjectivos muito diferenciados, sempre inéditos e irrepetíveis.

Por muito grande que seja a afinidade das situações, os processos em cada país, incluindo de uma mesma região ou continente, continuarão a ser muito diversificados. Um exemplo bem actual disso mesmo chega-nos nestes dias da América Latina onde em países fronteiriços, com elementos históricos comuns e

enfrentando basicamente o mesmo tipo de problemas - subdesenvolvimento, exploração neocolonial e opressão imperialista por interpostas oligarquias locais - ocorrem processos com ritmos, objectivos imediatos e formas de luta diversificados. Greves e acções de massas no Equador com decidida participação da população indígena maioritária que se traduziram já em significativa vitória. Amplo apoio popular ao processo de mudanças políticas e institucionais na Venezuela protagonizadas por Hugo Chavez e as forças de esquerda aglutinadas no “Pólo Patriótico”. Espectacular avanço das guerrilhas das FARC - Exército do Povo que na Colômbia alcançaram a desmilitarização de uma superfície equivalente a metade de Portugal e encetaram com o governo de Pastrana um “processo de paz” que coloca na mesa das negociações profundas transformações democráticas no interesse dos camponeses e do povo colombiano.

Não é fácil adiantar previsões quanto ao desenvolvimento ulterior da luta nes-

tes e noutros países deste continente prenhe de explosivas contradições e farto do domínio espoliador e opressor do seu poderoso “vizinho do norte”. Torna-se entretanto necessário alertar para a ameaça de agressão militar directa dos EUA na região, nomeadamente na Colômbia. A pretexto do combate ao narcotráfico cresce a olhos vistos o envolvimento militar norte-americano. Ao largo da Venezuela, nas ilhas de Aruba e Curaçao foram recentemente instaladas bases norte-americanas, tendo também em vista substituir as bases da zona do Canal do Panamá, cuja soberania deve ser recuperada por este país no final do ano, nos termos do Acordo Torrijos-Carter de 1977. Há notícias de participação militar de aviões e helicópteros dos EUA em operações militares contra a ofensiva das FARC - EP do início de Julho. Há provocações organizadas nas fronteiras com a Colômbia e o sinistro Fujimori do Peru já ameaça intervir militarmente. O risco de internacionalização da guerra civil na Colômbia é uma realidade.

Fortalecer a solidariedade

A próxima guerra de agressão imperialista, previsivelmente conduzida pelos EUA/NATO, será onde? Nesta região latino-americana ou na Ásia Central? Ou na Península da Coreia? Ou no coração da África negra? É necessário estarmos atentos e preparados para uma resposta solidária com os povos atingidos.

É uma evidência que o mundo não pode continuar a girar por muito mais tempo no sentido do desastre neoliberal. As injustiças e desigualdades sociais são tão flagrantes e as contradições (de classe e outras) tão brutais, que são inevitáveis grandes explosões de protesto e revolta popular. O que já foi divulgado no Relatório Sobre o Desenvolvimento Humano do PNUD aí está a confirmá-lo. Sem ser escrito por revolucionários, nem com critérios e objectivos revolucionários, um tal Relatório é afinal um instrumento utilíssimo nas mãos dos comunistas e das forças de esquerda. Qualquer aproximação séria à realidade, mesmo sem critérios marxistas mas rejeitando as mistificações do “pensamento único”, coloca o capitalismo no banco dos réus. Confirma a necessidade da sua superação revolucionária.

Não admira que o imperialismo e em primeiro lugar os EUA reforcem o militarismo e o intervencionismo agressivo e procurem demolir a golpes de canhão a ordem jurídica e institucional saída da vitória democrática sobre o nazifascismo. Mas é precisamente por isso que, a par do prosseguimento da luta em cada país, é de capital importância no momento actual fortalecer a solidariedade internacionalista dos comunistas, dos progressistas, dos trabalhadores e dos povos, contra a “nova ordem” mundial imperialista.



polícias e serviços secretos, de que Schengen é apenas um exemplo.

É aqui que se coloca a questão das possibilidades e limites de transformação social no marco do Estado soberano genericamente considerado. Questão que assume uma grande importância no confronto ideológico com os propagandistas do “pensamento único” que pregam a impotência e advogam a demolição das fronteiras nacionais. Se lhes dêssemos ouvidos teríamos de pôr de lado o nosso Programa e considerar caduco o nosso projecto de socialismo para Portugal.

Em tempos de acelerada internacionalização dos processos

Ameaças no horizonte

Cuba é reconhecidamente uma das mais significativas confirmações da necessidade, viabilidade e importância da luta no terreno nacional, e do estímulo que representa para a luta de outros povos, nomeadamente no continente latino-americano. Como o é, noutro plano, Timor Leste; sem a resistência armada e a luta heróica do povo timorense a questão da autodeterminação não estaria, como hoje está, na ordem do dia.

Sempre afirmámos que não há nem pode haver “modelos” de

Demanda do povo de Cuba contra o governo dos EUA ⁽²⁾

Os fundamentos da acção judicial interposta por organizações cubanas contra o governo dos Estados Unidos da América, cuja publicação iniciámos no último número, têm na famosa tentativa de invasão da Baía dos Porcos, a 17 de Abril de 1961, um dos seus máximos expoentes. Iniciada pela administração do presidente Eisenhower e prosseguida pelas administrações dos presidentes John Kennedy e Lyndon Johnson, a agressão a Cuba assumiu nesses dias proporções que afectaram toda a sociedade.

O elevado preço em vidas humanas, sofrimentos e destruições que a aventura norte-americana custou ao povo de Cuba não foi esquecido, apesar da estrondosa derrota militar e política infligida aos EUA. A memória continua viva, como atestam as alegações da Demanda que a seguir se retomam.

Importantes grupos contra-revolucionários foram criados nas províncias de Pinar del Rio, Havana, Matanzas, Camagüey e Oriente. Foi na província de Pinar del Rio que se organizou o primeiro grupo, dirigido por Luís Lara Crespo, ex-cabo do exército da tirania batista e foragido à justiça revolucionária pelos seus crimes. Foi precisamente nesta província que assassinaram o soldado do Exército Rebelde, Manuel Cordero Rodríguez, durante as acções contra um grupo de bandidos comandados pelos cidadãos norte-americanos Austin Young e Peter John Lambton, capturados junto com o resto do bando, tendo sido apreendidos os seus armamentos fornecidos pelos Estados Unidos.

A estes grupos mercenários sucederam-se outros, como os de Pedro Román Trujillo, na região do Escambray, e Olegario Charlot Pileta, na antiga província de Oriente, os primeiros grupos criados nessas províncias.

De imediato, face a estas manifestações de crescente agressão dirigida pelo Governo dos Estados Unidos, o povo cubano, organizado nas suas instituições de defesa e segurança e nas suas organizações revolucionárias, mobilizou-se activa e resolutamente e, escrevendo páginas de heroísmo e sacrifício, infringiu ao inimigo importantes derrotas, capturando ou desarticulando a maioria dos bandos.

Esta realidade não foi correctamente avaliada pela CIA, que supunha contar com o apoio destas forças ao levar a cabo a

pelos próprios documentos da época emitidos pelos que traçavam a política de agressão e subversão contra Cuba.

Neste âmbito, é elucidativo que, em 17 de Março de 1960, durante uma reunião em que participaram o vice-presidente, Richard Nixon, o secretário de Estado, Christian Herter, o secretário do Tesouro, Robert Anderson, o secretário adjunto da Defesa, John Irwin, o subsecretário de Estado, Livingston Merchant, o secretário de Estado adjunto, Roy Rubottom, o almirante Arleigh Burke, do Estado Maior Conjunto, o director da CIA, Allen Dulles, os altos oficiais da CIA Richard Bisell e J. C. King, e os funcionários da Casa Branca Gordon Gray e o general Andrew Goodpaster, o Presidente dos Estados Unidos tenha aprovado o chamado «Programa de Acção Encoberta contra o Regime

invasão mercenária. Assim, persistiu nos seus planos de guerra suja mesmo depois da histórica derrota. Sob as administrações dos presidentes John Kennedy e Lyndon Johnson multiplicou os seus esforços no mesmo sentido e novamente apareceram os bandos, que cobraram um preço adicional de sangue e de vidas ao nosso povo.

A inquestionável veracidade histórica destes acontecimentos e o cinismo e as mentiras, que invariavelmente acompanharam todas as acções dos Estados Unidos contra Cuba, são confirmados

dos para semearem o terror e sabotarem a campanha, levando a cabo acções criminosas contra os adolescentes e os jovens alfabetizadores, e contra os camponeses que aprendiam a ler e a escrever.

Em 5 de Janeiro de 1961, foram assassinados o professor voluntário Conrado Benítez García e o camponês Eliodoro Rodríguez Linares, em Las Tinajitas, San Ambrosio, Trinidad, Sancti Spiritus. Nesta acção participaram os bandidos Macario Quintana Carrero, Julio Emilio Carretero Escajadillo e Ruperto Ulacia Montelier, membros do bando de Osvaldo Ramírez García.

Em 3 de Outubro desse mesmo ano, foi assassinado o professor Delfín Sem Cedré, na quinta Novoa, Quemado de Güines, Las Villas, pelo bando de Margarito Lanza Flórez.

Em 26 de Novembro de 1961, foram assassinados o jovem alfabetizador Manuel Ascunce Domenech e o camponês Pedro Lantigua Ortega, pelos bandidos Julio Emilio Carretero, Pedro González Sánchez e Braulio Amador Quesada, na quinta Palmarito, Rio Ay, Trinidad, Sancti Spiritus.

Entre as vítimas destes bandos em Cuba contam-se também crianças e adolescentes, para aterrorizar os camponeses e operários agrícolas. É o caso, entre outros, de Yolanda e Fermín Rodríguez Díaz, de 11 e 13 anos de idade, que, em 24 de Janeiro de 1963, foram assassinados na quinta da La Candelaria, Bolondrón, Pedro Betancourt, Matanzas, pelo bando de Juan José Catalá Coste, que operava na zona sul dessa província. De igual modo, deve destacar-se o sucedido em 13 de Março de 1962 em San Nicolás de Bari, Havana, onde o jovem Andrés Rojas Acosta foi enforcado com a mesma corda que utilizava para atar o seu porco; este crime foi cometido pelo bando do mercenário Waldemar Hernández. Outro caso ocorreu a 10 de Outubro de 1960 na estrada de Madruga a Ceiba Mocha, quando o bando de Gerardo Fundora disparou contra um jeep que passava por ali, matando Reynaldo Núñez-Bueno, de 22 meses, bem como a mãe do bebé.

Os bandos mercenários, desesperados por atingirem os seus objectivos, exerciam represálias contra a população civil das zonas onde operavam. Exemplo disso é o assassinato de Albi-



A invasão mercenária dirigida pelos EUA provocou 176 mortos e mais de 300 feridos

de Castro», proposto pela CIA, no qual, entre outras coisas, se autorizava a criação de uma organização secreta de espionagem e de acção em Cuba, para a qual seriam canalizados os fundos necessários.

Num memorando recentemente revelado sobre a referida reunião, o general Goodpaster anotou: «O Presidente disse que não conhecia um plano melhor para tratar esta situação. O problema é a falta de segurança. Todos devem estar dispostos a jurar que ele (Eisenhower) não sabe nada disto. (...) Disse que as nossas mãos não devem aparecer em nada do que se faça».

Uma das maiores obras humanitárias e de justiça social realizadas no nosso país, que recebeu o reconhecimento do povo e a admiração e o respeito do mundo, foi a educação. Em 1961 levou-se a cabo a campanha de alfabetização, em que se integraram quase 100 000 estudantes, que se deslocaram até aos locais mais recônditos do nosso país para ensinar as populações a ler e a escrever. Paralelamente, a CIA orientou os seus ban-

do Sánchez Rodríguez, de 10 anos, em 4 de Março de 1963, pelo bando de Delio Almeida, em resposta ao ataque das forças das Milícias Nacionais Revolucionárias.

Em 1965, quando foi eliminado o último bando, dirigido por Juan Alberto Martínez Andrade, naquele tempo chefe da chamada Frente de Camagüey, o banditismo foi definitivamente erradicado de Cuba.

Entre 1959 e 1965, actuaram ao serviço do governo dos Estados Unidos, em todo o território nacional, 299 bandos, com um total de 3995 mercenários.

As baixas registadas nessa luta, entre combatentes de tropas regulares e milicianos que combateram os bandos, ascenderam a 549 mortos e a um número considerável de feridos, que na altura de elaborar esta demanda não se pode precisar com exactidão, passados que foram 34 anos sobre os acontecimentos; dos feridos, há actualmente 200 sobreviventes que ficaram incapacitados na sequência dos ataques sofridos. Nem todas as víti-



A derrota dos planos da CIA foi possível graças ao trabalho de revolucionários cubanos infiltrados como «agentes» vendidos ao imperialismo. Na foto, um desses «agentes», Calixto Marro, com os amigos, quando a sua verdadeira identidade foi revelada

EM FOCO



A 24 de Abril de 1961, John Kennedy assumiu toda a responsabilidade da fracassada tentativa de invasão da Baía dos Porcos. Um relatório da CIA, elaborado seis meses depois e mantido secreto até 1998, confirma o envolvimento dos EUA em todos esses acontecimentos

mas foram propriamente combatentes revolucionários que lutavam contra os bandos; muitas eram civis que nada tinham a ver com as acções militares e que morreram em consequência dos crimes do banditismo dirigido do estrangeiro.

A guerra suja, essa pesada e sangrenta forma de agressão do governo dos Estados Unidos, foi total e definitivamente eliminada pelo povo cubano. Esses bandos foram destruídos pela raiz e a CIA não voltou a organizar mais nenhum.

Juntamos à demanda uma certidão acreditativa das 549 pessoas que foram registadas até ao momento como tendo sido mortas em consequência desta criminoso acção contra o nosso povo, assim como uma relação de todos os que actualmente estão incapacitados em resultado dessas acções, durante o período que narramos, documentos esses que apresentamos marcados com os números 9, 10 e 11.

Quarto: Que entre os factos mais significativos das páginas da história da Revolução Cubana, pela sua importância militar, patriótica e política, aparece a invasão mercenária da Baía dos Porcos, organizada pela CIA sob indicação do presidente Eisenhower, com data de 17 de Março de 1960.

O próprio Eisenhower o conta nas suas memórias: «Em 17 de Março de 1960 (...) ordenei à Agência Central de Inteligência que começasse a organizar o treino de exilados cubanos, principalmente na Guatemala».

Como parte dos preparativos para a invasão, na manhã de 15 de Abril de 1961, são bombardeados os aeroportos de Ciudad Libertad, San Antonio de los Baños e Santiago de Cuba. A agressão foi repelida, e embora conseguissem destruir alguns aviões das forças de defesa cubanas, não puderam pôr fora de combate a nossa pequena e recém-criada Força Aérea Revolucionária - devido à valente actuação da artilharia antiaérea - que tão brilhante papel desempenhou dois dias depois; composta maioritariamente por jovens, a Força Aérea perdeu 12 dos seus membros, entre os quais Eduardo Garcia Delgado, que ficou na história daquela épica luta por ter escrito com o seu próprio sangue numa tábuca, enquanto agonizava, o nome de Fidel.

Passados dois dias, em 17 de Abril de 1961, às 2.30h da madrugada, começou a desembarcar pela costa sul da província de Las Villas, na Ciénaga de Zapata, procedente de Puerto Cabezas, Nicarágua, um grupo organizado, treinado, equipado e financiado pelo governo dos Estados Unidos, denominado pelos seus próprios integrantes Brigada de Assalto 2506, formada por 1500 homens.

O plano da invasão mercenária, segundo os documentos apreendidos aos que foram presos, contemplava a realização do desembarque por três pontos do Pantanal de Zapata: Praia Larga, que eles denominam nos seus planos Praia Roja, onde descarregaria o navio Aguja; Praia Girón, denominada Praia Azul, onde descarregariam os navios Ballena e Tiburón; e Caleda Verde, denominada Praia Verde, onde descarregariam os navios Marsopa, Barracuda e Atún. Paralelamente, dois batalhões de pára-quedistas ocupariam posições nas proximidades da fábrica de açúcar «Australia», San Blas e Soplillar, com a missão de fechar o acesso à zona de desembarque e das operações, fortificar-se e colocar ali um governo provisório que permitira, de imediato, transportar por via aérea um governo que em Miami esperava impaciente com as malas feitas, o qual se encarregaria de solicitar a intervenção militar dos Estados Unidos chefiando «tropas» da OEA (Organização dos Estados Americanos).

Nos dias da invasão, os membros deste «governo» foram mantidos incomunicáveis em território norte-americano, enquanto a CIA emitia os comunicados.

A brigada mercenária desembarcou em Praia Girón e Praia Larga, vencendo a resistência oferecida por pequenas unidades das Milícias Nacionais Revolucionárias. Desembarcaram os tanques e blindados; lançaram um batalhão de pára-quedistas ao norte de Girón para interromper o tráfego pela estrada que vai dar à fábrica açucareira «Australia»; aviões B-26 com insígnias da força aérea cubana, apoiados por caças norte-americanos, começaram a bombardear a zona, provocando a morte de muitas pessoas, entre as quais mulheres e crianças, cujos nomes e apelidos aparecem transcritos no fim deste capítulo, e numerosas perdas.



Unidades da Marinha de Guerra norte-americana, entre elas um porta-aviões (o Essex, com 40 aviões de combate e um batalhão de infantaria da marinha a bordo), um porta-helicópteros, cinco contratorpedeiros e um navio de desembarque do tipo LSD, entre outras unidades navais, escoltavam as embarcações em que se transportavam as forças mercenárias, tendo-se mantido a poucas milhas da zona de operações durante toda a batalha.

A brigada mercenária tinha abundantes equipamentos e armamentos. Dispunha de cinco navios de transporte artilhados, duas unidades de guerra tipo LCI, modificadas e artilhadas, três barcaças de desembarque do tipo LCV para transporte de equipamentos pesados, e quatro barcaças de desembarque do tipo LCVP para transportar o pessoal. Para as operações aéreas, os mercenários receberam o apoio de 16 aviões de combate B-26, seis aviões de transporte C-46 e oito C-54, mais dois hidroaviões do tipo Catalina. Tinham cinco tanques Sherman do tipo M-41, com canhões de 76 mm, e 10 carros blindados e artilhados com metralhadoras 50; 75 bazucas, 60 morteiros de diversos calibres e 21 canhões sem retrocesso de 75 e 57 mm; 44 metralhadoras calibre 50, e 39 calibre

30, entre pesadas e leves; oito lança-chamas; 22 mil granadas de mão; 108 fuzis automáticos Browning; 470 submetralhadoras M-3; 635 fuzis Garand e carabinas M-1, 465 pistolas e outras armas.

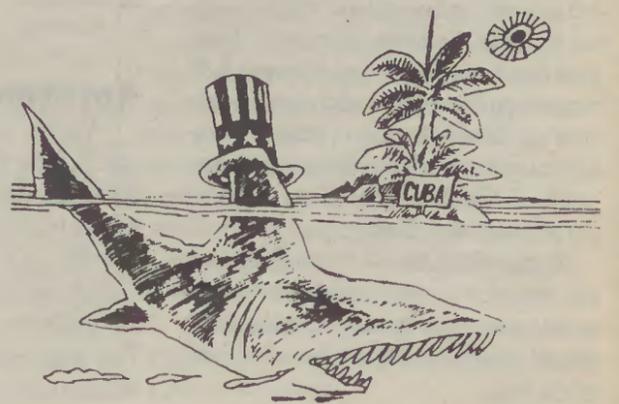
Os membros da brigada mercenária receberam treino militar de instrutores norte-americanos em bases militares dos Estados Unidos, Guatemala e Porto Rico, e receberam dinheiro do governo dos Estados Unidos para a manutenção dos seus familiares; o financiamento ascendeu a 45 milhões de dólares.

Em menos de 72 horas, as forças revolucionárias cubanas derrotaram, de forma esmagadora, a poderosa brigada mercenária invasora. Em 24 de Abril de 1961, a Casa Branca emitiu uma declaração oficial dizendo que «o Presidente Kennedy declara que, como Presidente, assumia a responsabilidade» da invasão. A declaração acrescentava que «o Presidente se opõe vigorosamente a que mais alguém, dentro ou fora da Administração, procure assumir essa responsabilidade».

A vinculação do governo dos Estados Unidos aos acontecimentos narrados neste Facto da Demanda foi confirmada também no conhecido relatório do Inspector-Geral da CIA, elaborado seis meses depois da fracassada invasão, documento esse que permaneceu no mais estrito segredo durante 37 anos, até que, em 1998, foi desclassificado, depois de intensas diligências do Arquivo Nacional de Segurança, organização não lucrativa sediada em Washington.

Apesar de a invasão de Girón ter significado uma grande derrota política e militar para o governo dos Estados Unidos, a acção bélica deixou um elevado saldo de vítimas e grande número de famílias cubanas foram dolorosamente afectadas, pois 176 pessoas morreram e mais de 300 foram feridas pelas armas inimigas - entre elas moradores da zona que foram metralhados pela aviação mercenária -, e outras 50 ficaram incapacitadas para o desempenho das suas funções. Acreditamos estes últimos com os certificados que acompanham esta demanda, como os documentos com os números 12 e 13, respectivamente.

Nas acções participaram, directamente, pilotos, assessores, mergulhadores e outros norte-americanos. Nos combates de 19 de Abril foi confirmada a participação activa de pilotos norte-americanos ao ser derrubado pelo fogo anti-aéreo um avião B-26, tripulado por Thomas Willard Ray e Frank Leo Baker, cidadãos dos Estados Unidos e pilotos da Guarda Nacional do Estado de Alabama. Nesse mesmo dia, foi derrubado no mar outro B-26, tripulado pelos norte-americanos Ryley Shamburger e Wade Carrol Gray, sendo o primeiro deles oficial da Guarda Nacional.



■ Manoel
de Lencastre

Um problema que afecta profundamente a Grã-Bretanha

Drogas a alma negra do capitalismo

Quando se tornou conhecido que os jovens voluntários do programa antidroga em operação no Wymondham College, de Norfolk, tinham visitado a prisão de Wayland para trocas de impressões e de experiências com os reclusos, a Inglaterra mais conservadora ficou perplexa e horrorizada. Mas a gravidade do problema das drogas neste país permite e obriga a todas as experiências que possam contribuir para aliviar o martírio dos que vivem na dependência de estupefacientes ou barrar esse enlouquecedor caminho aos menos preparados.

O director da escola «Bolton Boys», Mr. Alan Wright, disse: «Ainda que não me parecesse existir um problema de uso de drogas entre os alunos da minha escola, estava certo de que durante os fins-de-semana os rapazes ficavam expostos a toda a sorte de ofertas. Regressariam, na segunda-feira, já com a saúde prejudicada pelos produtos usados nas noites de sexta e sábado. A política da nossa "Unidade para a educação no campo das drogas" admite o recurso a todos os meios e a todos os sectores externos no sentido de que a troca de informações daí resultante possa contribuir para as nossas finalidades.»

exemplo: as «Friday night fevers» ou os «Saturday night parties» normais em todo o país e frequentados por autênticas multidões de jovens, não constituem situações de espectáculos de divertimento ou do uso e experiência das liberdades próprias nas «democracias» do capitalismo. O licenciamento dos lugares onde a juventude vive e morre às sextas-feiras e aos sábados à noite deveria ser férreo, sujeito a condições bem firmes e à mais absoluta vigilância. Mas o Estado, porta-bandeira dos interesses dos meios de negócios, sejam eles quais

forem, recusa intervir numa situação que aflige o país. Não deseja negar à pirataria que negocia na exploração de «night-clubs», «discos» e todas as espécies de lugares de divertimento (?) os seus «direitos». O espectáculo das turbas de jovens (e não só...) abandonados no consumo de álcool, drogas, tabaco, em danças colectivas de aberto sentido sexual, no interior de estabelecimentos onde as próprias condições de segurança são duvidosas é abismal – define, sem margem para dúvidas, a miséria do capitalismo global aplicado ao viver das gerações mais jovens.

e ao sistema socioeconómico em que se vive. Angela Bolland, Ariene Elliot, Denise Devine, Kelly Holland, Yvonne Gilmour, Joanne O'Reilly, na verdade, apareceram mortas nas respectivas celas, mas foram assassinadas pelo capitalismo. Nem vale a pena especificar a natureza dos crimes. O capitalismo está no banco dos réus. Começou a assassiná-las no próprio dia em que nasceram. E os leitores do "Avante!" nem precisam que se lhes explique porquê.

Se preocupados com a possibilidade, os pais devem fazer uso da mais severa cautela. Isto, porque alguns sistemas que podem ser atribuídos ao uso de estupefacientes são próprios, também, do raio da adolescência, da puberdade. Em Inglaterra, a «Autoridade para a Educação na Protecção de Saúde» aconselha os pais a manterem-se alerta, constantemente, no sentido de poderem detectar o aparecimento de alterações no comportamento geral dos filhos. Podem verificar-se inesperadas mudanças de aspecto, o surgir de novos amigos e interesses diferentes. Deve observar-se a duração dos períodos de sono – se forem erráticos, se apareceram sintomas de cansaço seguidos de momentos da energia inesperados...

Jovens que comecem a envolver-se na absorção de solventes pelas vias respiratórias, começarão por parecer embriaga-



Algumas das vítimas de drogas, que se suicidaram na prisão, pondo termo à vida em plena juventude

Morte nos «night-clubs»...

A visita à referida prisão colocou frente a frente os presos e os alunos do Wymondham College. O problema das drogas, como se sabe, aprofunda-se nas escolas e nas prisões. Em ambos os campos as autoridades lutam num difícil e desigual combate para impedir a entrada de drogas nos respectivos estabelecimentos e na educação adequada à recuperação das vítimas. Mas todos os dias aparecem nos jornais as mais desconcertantes e entristecedoras notícias de jovens que tombam devido ao uso imoderado de estupefacientes em condições a que os governos central e regionais não têm a coragem de opor-se. Por

...e nas prisões

As mortes nas prisões britânicas, como resultado do uso de drogas ou de problemas anímicos e psicológicos disso resultantes, são frequentes. Há uma prisão de mulheres na Escócia onde os falecimentos estão a fazer história, a de Cornton Vale, perto da histórica cidade de Stirling. Aí, parece que o próprio pessoal da prisão já está preparado para aceitar uma inevitabilidade que reputamos incompreensível. As guardas prisionais já sabem quais são as reclusas que acabarão por suicidar-se. Não admira que nasçam em Glasgow diversas campanhas pela defesa das vidas das reclusas de Cornton Vale – campanhas que não hesitam em apontar o dedo das mais terríveis acusações ao governo

dos. O cheiro proveniente do corpo ou das peças de vestuário, pode equivaler-se ao de certos produtos químicos. A irritabilidade repentina, tal o inabitual desejo de ser agradável, de mostrar-se capaz de ajudar, podem ser sintomas do uso de drogas. A referida Alta Autoridade aconselha: «não interfiram, na altura em que vos pareça que ele ou ela estão sob o efeito de qualquer droga. Usem uma desculpa, talvez um programa de TV, para abordarem o assunto. Tentem não parecer zangados. Mostrem que a vossa preocupação está apenas na defesa da saúde e do bem-estar dele ou dela. Tornem claro que ele ou ela é responsável pelos seus próprios actos e pelas respectivas consequências».

Principais «produtos» à venda no mercado britânico

Cannabis

É a droga mais utilizada em todo o país. Fuma-se misturada com tabaco em longos cigarros feitos à mão e ganha o nome de «joint». É fornecida em blocos de resina castanha (ou preta) ou numa mistura que parece erva seca. Os utilizadores sentem-se, usualmente, descontraídos ou com desejos de rir às gargalhadas. Depois, experimentam alucinações, faltas de memória, perdas de concentração.

Ecstasy

Fornecem-na em comprimidos com vários «logos» e em cápsulas. Está no mercado sob diversas marcas: «manhã branca», «dólares de prata», «maçãs», «playboys». Meia-hora depois de engolir uma cápsula deste perigoso produto, o utilizador começa a sentir-se em euforia, desejoso de mostrar simpatia para com toda a gente, num surto de inesperada energia. É o estupefaciente de utilização preferida nos «dancings».

Causa desequilíbrios nos níveis da pressão arterial, e conduz ao colapso cardíaco devido a excesso de sangue chamado ao cérebro. Afecta, enormemente, o funcionamento renal.

LSD

Trata-se de um produto descoberto por médicos e psicólogos nos anos quarenta, para tratamento de doenças mentais, alcoolismo e enfermidade terminais. Fornece-se em pequenos quadrados com embalagem de papel que parece manchado. O produto é impregnado com substâncias químicas e provoca um súbito aumento da capacidade visual e auditiva mas logo seguido de alucinações. Os efeitos desta droga podem durar, aproximadamente, doze horas, mas perde-se o controlo emocional, sofre-se de desorientação, tonturas, ataques de pânico, depressão, complexo de perseguição. Alguns utilizadores praticam actos de violência.

Anfetaminas

Aparece em pó e faz-se dissolver na língua. Também se usa por injeção ou fumado. É regularmente utilizado por atletas porque produz um sentido de alerta, de confiança, energia – as pessoas julgam-se invencíveis. Quando fumados ou injectados as anfetaminas produzem efeitos em 5 a 10 segundos. Provocam estados de ansiedade, paranóia, doenças cardíacas.

Nitrato de «Amyl»

Uma vez absorvido pela via nasal provoca um surto de sangue em direcção ao cérebro, acelerando o trabalho do coração e provocando um sentimento de hilariedade. É popular na comunidade homossexual e, também, adicionado ao «Ecstasy», entre os frequentadores do clube de danças alucinantes.

«Crack»

É a cocaína obtida em forma sólida depois de adicionada a outras substâncias e «cozinhada» com farinha. Costuma fumar-se usando cachimbo, o que produz uma impressão curta mas intensa de onipotência. O «crack» é considerado como das drogas mais perigosas. Conduz, rapidamente, a situação de dependência e é bastante caro. Daí, os estragos que provoca. O seu uso regular faz perder o sentido de efeito pelo que o utilizador recorre a doses sempre mais elevadas. Provoca alterações de temperamento e depressão que podem persistir alguns dias depois do uso. Esta temível substância é responsável pelo aparecimento de asma e pelo colapso do funcionamento do aparelho renal, alta tensão nervosa, alterações no ritmo de funcionamento do coração, desidratação, risco de síncope cardíacas. Um consumidor de «crack»

está 26 vezes mais exposto a um ataque de coração do que um não consumidor.

Heroína

Trata-se de um pó derivado das papoilas do ópio; usa-se fumando, inalando, injectando. Produz uma agradável sensação de felicidade e de aventura, de conforto, de bem-estar. Leva a um recolhimento que se espera paradisíaco. Mas, rapidamente, surgem as consequências. Se o utilizador não renova o consumo, começa a sentir-se como se em estado de gripe permanente, com vômitos violentos, transpirando sem cessar. Surgem diarreias e dores nas pernas e nos braços. A heroína é extremamente viciante. O seu uso habitual leva os dependentes a considerar que sem ela não é possível viver em normalidade. Doses excessivas podem provocar a morte sendo especialmente perigoso o uso por injeção. Utilizar agulhas já servidas por outros pode ser fatal dando lugar ao aparecimento do HIV, o vírus Sida, de Hepatite B e C. Quase 80% dos consumidores de heroína têm Hepatite C. Esta pavorosa droga ataca os intestinos e os pulmões, as próprias raízes do sistema dentário. Para os utilizadores de heroína, a vida perde sentido tudo passando a resumir-se ao consumo da próxima dose e à forma de financiamento das próximas.

Jogo e batotas

■ Sérgio Ribeiro

Os dados estão lançados. Aliás, já se conhece bem o jogo e os vícios. Do jogo e dos dados. Embora as sondagens, que fazem parte do jogo viciado, possam ter começado um pouco contra a corrente do jogo, de tal modo mostram grande - nessas sondagens... - a vantagem do PS sobre o PSD.

Os cubos dos dados deste jogo têm o truque de só mostrarem duas faces, as faces da bipolarização: a do PS e a do PSD. As outras 4 faces só existiriam para fazer figuração, para "fazer de conta" que o jogo que se quer impingir ao povo português é democrático.

A duas delas é dada (tempo do verbo oferecer) uma figuração na encenação/jogo que exige, de vez em quando e às vezes com inusitada insistência, os focos da luz e a amplificação do som. São as do PP e do BE (Bloco de Esquerda, para quem ainda não se familiarizou com a sigla...)

As duas faces dos cubos que sobram neste jogo do sai-sem-pre PS ou PSD são a da CDU, com o PCP como componente mais significativa no plano político-partidário, e a abstenção.

"esquerda", os apoios que possam ter para a conseguir e para, no caso de não alcançarem, contarem com essas ajudas para prosseguirem a mesma política apesar de apenas disporem de maioria relativa.

Com a CDU não têm tido êxito os esforços para trazer às (des)regras desse jogo essa face dos dados. A que existe e trabalha continuamente, a que apenas tem por apoios as bases e as massas, a que denuncia,

propõe, questiona, presta e pede contas, a que faz uma política que não se esgota no parlamentarismo e que, no parlamento, prossegue a política que faz fora dele.

Por isso, convém muito, ao jogo da bipolarização, que haja um interlocutor "à esquerda", que tenha o peso que retirar à CDU, peso que vem da aceitação que provoque num eleitorado que queira reais mudanças, como também eleitores do PS e do PSD desejam. Que muito respeito merecem e serão, a meu ver, os jogadores deste jogo.

Aliás, quando se procuram as diferenças, há que ter em atenção que estas se colocam a níveis diferentes. Há as diferenças ao nível dos eleitores - e muito devem ser p(r)esadas -, há as diferenças de estilo e de discurso, há (e não há) as diferenças no plano das políticas, há (e não há) as diferenças na maneira de jogar o jogo.

necessidade, para todos, clarificar. Fica o ar de rixa de pátio (perdõem-me os moradores destes...).

É como se "senhoras vizinhas" (que me perdõem as que tanto respeito e muito devo...), a partir de um problema de limpeza da escada, em vez de discutirem concepções e práticas de boa vizinhança entre si e no pátio, se chamassem nomes feios com ofensa aos progenitores, assim salvaguardando tipo de convivência em que são as figuras dominantes. Em alternância pacífica e espectáculo de guerra gritada para outros ouvirem.

A dramatização faz parte da encenação. "Votem em nós senão ganham eles..." é uma deixa que se irá explicitando. Aparecerá a costumada campanha do voto útil, mas também para que, com toda a simpatia por "objecções de consciência" e radicalizações esporádicas, tudo menos votos para quem não está disposto a jogar o jogo e apenas, teimosamente, se limitaria a denunciar e propor (a chatear!) sem poder ser alternativa. Até porque o jogo é de alternância.

Para este cenário, e seu desenvolvimento, as sondagens servem de pano de fundo, ponto, contra-regra. Não se põe em causa a boa fé e isenção de alguns dos "técnicos" que trabalham na área, embora certas premissas sejam de bem duvidoso fundamento e rigor, mas é indubitável que as sondagens têm um papel a desempenhar.

Por isso me parece que a grande diferença entre PS e PSD recém-divulgada, e interpretada em vários registos, surge em contra-corrente por não estimular a luta bipolar. Tira densidade à dramatização do PS para que se previnam riscos do PSD poder vir a ganhar. Mas, como se comprovará, as sondagens serão ajustadas ou "lidas" por forma a se adaptarem ao jogo da bipolarização.

Por outro lado, começa a ser evidente, ainda mais que em passadas eleições, que o BE e o que este substitui em episódica recauchutagem, vai ter protagonismo, com uma figuração instrumental que não pode ser menosprezada.

Dificuldades e saídas...

O percurso da política, feita neste jogo e suas batotas, desenraíza-a do húmus democrático, despreza e fragiliza os mecanismos da representação e participação populares - do povo!

Neste jogo em que, denunciando-o, somos obrigados a intervir, no contexto desta evolução erosiva da democracia que temos de estudar e de contrariar, como reagir? Esta é uma/a questão de fundo (que fazer?).

Antes de mais, haverá que não esquecer nem por um segundo que, por detrás do jogo está o capitalismo, na sua contemporânea expressão, e as relações sociais. O marketing, o mercado do voto, o toma-lá-dá-cá clientelista, reflectem o neoliberalismo e a transnacionalização financeira.

Depois, haverá que ter presente que, não obstante a universalidade da situação, prevalecem as especificidades e que as situações alheias são apenas experiências a ter como referências e lições para uso próprio.

Tal como nunca se procurou (ou deveria ter procurado) importar modelos de socialismo real(izado), que seriam inadequados, como, aliás, acabaram por o ser nas suas próprias terras, também as saídas que, hoje, outros procuram não devem ser mais que estímulo para as nossas reflexões e procura de continuidade da luta.

A oportuna recensão do camarada Edgar Correia, no último número do «Avante!» sobre o recente livro de Robert Hue, lembrou-me a dúvida já esboçada se a substituição de uma postura de classe por uma pretendida aliciante e aliciadora dinâmica do "prazer de discutir e agir em conjunto" não estará a provocar, em França, efeito contrário ao que era desejado.

Em vez da mobilização com base na diversidade cidadã (por exemplo, justificando a agressão da NATO no Kosovo e incluindo, na lista PCF para as "europeias", quem a defendeu) terá surgido um sentimento de abandono, de orfandade, por parte de estratos da população para quem a existência de classes e luta de classes é uma vivência quotidiana, ainda que não conceptualizada. O que teria levado à procura de outras referências que, no discurso, preenchessem um espaço aparentemente vazio. Não pode ser por acaso que, nessas eleições, a par com a frustração de excelentes expectativas para o PCF, a lista a que - por simplificação - se chama trotskista conseguiu eleger deputados, o que nunca tinham feito, e logo 5, apenas menos um que o PCF que baixou de 7 para 6 quando esperava subir muito.

Dificuldades há e muitas. De avestruz seria negá-lo. Mas atenção às saídas que podem levar a bicos... sem saída.

A caminho de Outubro

Lançados os dados, é transparente como se pretende jogar daqui até às eleições de Outubro. Sem surpresas.

Está já aí o estardalhaço das batalhas verbais, com os protagonistas habituais, alguns deles com um curriculum invejável (ou indesejável!).



Alacantopolis

Ao contrário de todas as outras, a face da abstenção é aquela que ganha quando não se mostra, e tem vindo a ter resultados crescentes reflectindo um outro efeito deste jogo da bipolarização, que é o da desmobilização e desinteresse dos seus verdadeiros intervenientes. Estes vão deixando de participar quando se definem ou viciam regras para se chegar sempre à repetida alternância (ora agora governas tu ou eu, ora agora governo eu ou tu), num faz que muda de política mas segue a mesma.

No espectro partidário, nas 5 faces assim identificadas, resulta claro que a face "condenada", aquela que todas as batotas pretendem impedir de jogar porque o seu jogo é outro, é a da CDU. Porque denuncia os vícios do jogo, porque recusa a bipolarização com anexos e aderentes. Porque é diferente.

Descubra as diferenças...

Não se nega que há outras diferenças. Seria injusto e, aliás, não só respeito as diferenças como me posicione em relação a elas. Quer dizer, há uma afirmação de postura política à direita e à esquerda. Dos dois pólos ao centro. E há, a partir daí, afastamentos e proximidades. Só se lamenta que as proximidades não se traduzam em práticas que as reflectam antes se tornem, por efeito do jogo que se joga, concorrenciais como se de mercado eleitoral se tratasse.

É precisamente essa característica de marketing e de mercado do voto que faz com que, independentemente das proximidades e dos afastamentos, as diferenças se apaguem no exercício da bipolarização, contribuindo essas faces, com as suas estratégias, discursos e práticas, para que o jogo assim se jogue. Empréstimo-lhe credibilidade.

No jogo da bipolarização, os candidatos à alternância lutam entre si e batalham pela maioria absoluta sem perderem de vista, à "direita" e à

O dr. Alberto João (e/ou outro como ele) faz um dos seus "números", de verdadeira provocação. Diz enormidades sobre autonomia e Estado, democracia e liberdade, desbraga-se em duas ou três frases vulgares, ordinárias, com intenção ofensiva pessoal. Vem logo alguém do PS responder à provocação e, esquecendo os chantagismos separatistas ao som de "Madeira é livre", riposta taco-a-taco às vulgaridades e ordináries, como quem lava honras feridas com o pus de que se queixa.

Fica criado o ambiente de grande tensão, aparente e no superfluo, deixando passar o que seria tema político que era de toda a

Foi você que pediu um Portugal em boas mãos?

O percurso da política, feita este jogo e suas batotas, se a desenraíza do seu húmus democrático, se menospreza e fragiliza os mecanismos de representação e participação popular - do povo! -, vai consagrando, ainda que não explicitamente, o clientelismo.

Portugal nas boas mãos de um e o outro a perguntar se o "cliente" já tem o Portugal que quer, são ilustrações da bipolarização fulanizada mas também dessa perversão da democracia que é o clientelismo.

Como escreve Ramon Máiz, no seu pequeno ensaio *Desconfianza e poder pessoal: os mecanismos elementais do clientelismo político*, publicado na sempre interessante revista galega *A Trabe de Ouro* (n.º 31, Julho/Setembro de 1997), existe "uma peculiar funcionalidade do dispositivo clientelar em determinados contextos sociais, ó tempo que a sua perigosa capacidade de erosão anti-democrática, tanto dende o ponto de vista de

mobilização política dunha identidade colectiva como da distorção e baleiramento das instituições de governo local ou autonómico".

Não se deixa, nesta sumária recensão, mais do que o enunciado de uma questão de fundo, apenas acrescentando que o clientelismo começou a tornar-se visível, evidente, enquanto erosão democrática, no poder local. É natural que uma revista cultural e política da Galiza preste maior atenção e até antecipe o estudo e a denúncia do clientelismo (e todas relações aparentadas que vão até formas de corrupção) no quadro do exercício do poder autonómico. No entanto, sublinha-se que as relações clientelares, como vínculos políticos informais, com um particular código ético (ou de ausência de ética), alheios à legalidade democrática explicitada, extravasam para todo o jogo político eleitoral, para o mercado do voto, que, em certa medida, determinam.

Dívidas

O chamado «clube de Paris» (um dos «clubes» de actuais credores da Rússia, que tem outros, como o «clube de Londres») e o governo tutelado por Bóris Ieltsin chegaram esta semana a um acordo sobre o reescalonamento do serviço da dívida «herdada da União Soviética» (sic) para os anos de 1999-2000 e avaliado em oito mil milhões de dólares (1500 milhões de contos), o que deixou aliviadíssimo o actual ministro das Finanças russo, Mikhail Kassianov, já que os montantes da dívida, depois de «reescalada», «não exigirão um corte de despesas, designadamente despesas sociais». Passando ao lado da fantástica asserção de que a actual e abismal dívida externa da Rússia foi «herdada da União Soviética» (que, nesta linha de raciocínio, também há-de ser responsável pela desarticulação do aparelho produtivo do país e a chocante espiral de miséria em que a Rússia se afundou em poucos anos), assinalamos apenas uns «pormenores»:

PONTOS
CARDEAIS

estamos a falar do mais vasto país do mundo, do que detém mais recursos naturais e reservas estratégicas, do que, até à queda da União Soviética, ombreava quando não estava na vanguarda com o que de mais avançado se produzia em matéria de investigação científica e tecnológica, do que possuía a maior concentração de quadros especializados por metro quadrado, etc., etc. É este país que, em meia dúzia de anos e sob o comando de impolutos «democratas» vindos esmagadoramente do aparelho corrupto que dominou a URSS que, com a prestimosa «ajuda» do Ocidente, se viu com uma dívida externa colossal e os seus povos lançados numa miséria semelhante à que sofriam no tempo dos czares, já lá vão mais de 80 anos...

Férias

Numa extraordinária coincidência, o Primeiro-

-Ministro António Guterres e o presidente do PSD, Durão Barroso, rumaram ambos para a Região Autónoma da Madeira em gozo de férias. Ao que consta, não foram juntos (trabalho é trabalho e conhaque é conhaque, e é no «trabalho» de imaginar propostas diferentes para a mesma política que eles caminham juntos), nem assentaram arraiais no mesmo local. Isto imaginamos nós, dado que Durão Barroso foi para o arquipélago como convidado pessoal de Alberto João Jardim, *lui mème*, pelo que não é de supor que Guterres embarcasse numa rota de férias que se cruzasse com uma rota dirigida por quem, ainda há dias, lhe chamou «mafioso».

Já agora, seria interessante saber onde se instalou Durão Barroso. Se foi em propriedade de Alberto João Jardim, nada a dizer, o convidado é dele. Mas se

foi, por exemplo, numa unidade hoteleira, quem lhe vai pagar a estada? Se for o próprio Durão Barroso, então não se percebe como é que foi para a Madeira como «convidado» de João Jardim (convites desses, em que o convidado é que paga a despesa, só se for de um amigo da onça, condição que, certamente, não define a amizade de Jardim por Durão). Resta, nesse caso, a hipótese de Alberto João Jardim pagar a estada do seu bolso e de forma pública e notória. Se não, o próprio Durão Barroso – actual paladino contra o uso privado dos dinheiros públicos – ver-se-ia forçado a questionar o seu correligionário presidente do governo regional da Madeira sobre a origem do pagamento da sua estada...

Dossiers

Já que falámos de Durão Barroso e das suas férias na Madeira, vêm a talhe de foice as palavras que lhe ouvimos em entrevista na rádio na véspera da sua partida para o Funchal, onde afirmava que ia aproveitar as ditas férias para «dar os toques finais» no «programa de Governo» que estava a redigir. Insatisfeito, o jornalista insistiu para que ele levantasse um pouco o véu sobre o tal «programa de Governo», coisa aparentemente fácil para o próprio autor que o «estava a redigir» e, claramente, afirmava só lhe faltar uns «toques finais». Mas Durão nem uma vírgula adiantou, enrolando-se numa trivialidades manifestamente incomodadas com a insistência do repórter. Até que – provavelmente quando se apercebeu que tanta resistência em dizer qualquer coisa sobre um programa que estava «praticamente feito» se estava a tornar suspeito –, Barroso teve uma tirada salvadora: afirmou que ainda lhe faltava «estudar uns *dossiers*», coisa que iria, galhardamente, fazer no remanso das férias. Estes *dossiers* fatais! Mário Soares gabava-se de não os ler, pelo que Cavaco, Guterres e agora Barroso, talvez complexados por se sentirem incapazes de assumir, como Soares, tão grande incompetência e descaramento, mal se sentem apertados agarram-se aos *dossiers*. Ninguém sabe, nunca, de que *dossiers* se trata nem se os extraordinários *dossiers* tratam, realmente, de alguma coisa. Mas dá um ar muito aplicado, né?

PONTOS
NATURAIS

■ Mário Castrim

Quadras de mim e dos outros

Ao ver-te partir, parti
o coração de não ver-te.
E não digo mais pra ti
por falta de rima em êrte.

Não gosta um pobre de ser
pobre. Um pobre resignado
ou já é um pobre ser
ou é um actor consumado.

A vida é um ai que mal soa.
Fica o verso ao abandono.
Ai a frase era tão boa
pois era, mas já tem dono.

Sim, tenho toda a razão.
Estava melhor có que estou
se desse mais atenção
aos conselhos que me dou.

Abre bem teus olhos quando
encontrares mais escolhidos
pra que o futuro, em passando,
se veja bem nos teus olhos.

Posso não saber até
o meu futuro qual é
mas se me faltar a fé
como é que eu vivo de pé?

Bem achado, sim senhor.
A inclinação cervical
é a expressão exterior
da inclinação serviçal.

Pessoa sem convicções
põe mal o voto no cesto
e depois os tubarões
lá estão para fazer o resto.

Nada é em vão, quando votas
porque o tempo nunca foge.
Foi-se o «Botas»? Vê que os «Botas»
calçam bons sapatos hoje...

Travessas na mesa imensa
o lauto jantar servido.
Ele, repimpado, pensa
que come – mas é comido.

Mudou, e diz o zum-zum
por falta de crença. O mal
é que ele não passa de um
descrente profissional.

Se dás crédito a quem mente
da tua própria pessoa
é porque tu realmente
também não és coisa boa.

O sábio que foi herói
é mais herói mais sabendo
mudar o herói que foi
no operário do que está sendo.

Falas mal falando «bem».
Na tarefa que nos cabe
só falamos bem se quem
não sabendo, agora sabe.

Dei por pronta ao fim do dia
a quadra, valha o que valha
e por cima ainda há quem diga
que o poeta não trabalha...

XADREZ

DCCXVI - 5 DE AGOSTO DE 1999
PROPOSIÇÃO N.º 1999X27

Por: H. Keidanski
«Deutsche Schachblätter» - 1925

Pr.: [3]: Pa3 - Th3 - Rh7
Br.: [3]: Bg3 - Tg4 - Rf8



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 1999X27 [H. K.]

1. Bf4! Td3; 2. Tg7+, Rh8; 3. Bc5, Td8+; 4. Rb7, Ta8; 5. Rb6, Ta6+; 6. Rf5, Th6; 7. Bd4, a2; 8. Bal e g.

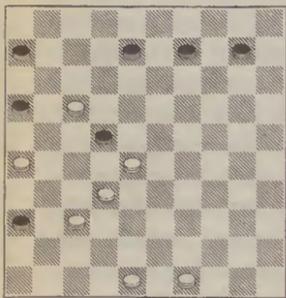
A. de M. M.

DAMAS

DCCXVI - 5 DE AGOSTO DE 1999
PROPOSIÇÃO N.º 1999D27

Por: G. L. Gortmans [U.K.]
«1001 Miniaturen» 1938

Pr.: [7]: 6-8-9-10-16-22-36
Br.: [7]: 17-26-28-32-37-48-49



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 1999D27 [G.L.G.]

1. 26-21, (16-38); 2. 17-11, (x); 3. 37-31, (x); 4. 48-43, (x); 5. 43x5=5D+5; 6. 43-38, (x); 7. 31-26, (x); 8. 21-16, (x); 9. 11-6, (x); 10. 6-1, (x); 11. 1-6, (x); 12. 6-11, (x); 13. 11-16, (x); 14. 16-21, (x); 15. 21-26, (x); 16. 26-31, (x); 17. 31-36, (x); 18. 36-41, (x); 19. 41-46, (x); 20. 46-51, (x); 21. 51-56, (x); 22. 56-61, (x); 23. 61-66, (x); 24. 66-71, (x); 25. 71-76, (x); 26. 76-81, (x); 27. 81-86, (x); 28. 86-91, (x); 29. 91-96, (x); 30. 96-101, (x); 31. 101-106, (x); 32. 106-111, (x); 33. 111-116, (x); 34. 116-121, (x); 35. 121-126, (x); 36. 126-131, (x); 37. 131-136, (x); 38. 136-141, (x); 39. 141-146, (x); 40. 146-151, (x); 41. 151-156, (x); 42. 156-161, (x); 43. 161-166, (x); 44. 166-171, (x); 45. 171-176, (x); 46. 176-181, (x); 47. 181-186, (x); 48. 186-191, (x); 49. 191-196, (x); 50. 196-201, (x); 51. 201-206, (x); 52. 206-211, (x); 53. 211-216, (x); 54. 216-221, (x); 55. 221-226, (x); 56. 226-231, (x); 57. 231-236, (x); 58. 236-241, (x); 59. 241-246, (x); 60. 246-251, (x); 61. 251-256, (x); 62. 256-261, (x); 63. 261-266, (x); 64. 266-271, (x); 65. 271-276, (x); 66. 276-281, (x); 67. 281-286, (x); 68. 286-291, (x); 69. 291-296, (x); 70. 296-301, (x); 71. 301-306, (x); 72. 306-311, (x); 73. 311-316, (x); 74. 316-321, (x); 75. 321-326, (x); 76. 326-331, (x); 77. 331-336, (x); 78. 336-341, (x); 79. 341-346, (x); 80. 346-351, (x); 81. 351-356, (x); 82. 356-361, (x); 83. 361-366, (x); 84. 366-371, (x); 85. 371-376, (x); 86. 376-381, (x); 87. 381-386, (x); 88. 386-391, (x); 89. 391-396, (x); 90. 396-401, (x); 91. 401-406, (x); 92. 406-411, (x); 93. 411-416, (x); 94. 416-421, (x); 95. 421-426, (x); 96. 426-431, (x); 97. 431-436, (x); 98. 436-441, (x); 99. 441-446, (x); 100. 446-451, (x); 101. 451-456, (x); 102. 456-461, (x); 103. 461-466, (x); 104. 466-471, (x); 105. 471-476, (x); 106. 476-481, (x); 107. 481-486, (x); 108. 486-491, (x); 109. 491-496, (x); 110. 496-501, (x); 111. 501-506, (x); 112. 506-511, (x); 113. 511-516, (x); 114. 516-521, (x); 115. 521-526, (x); 116. 526-531, (x); 117. 531-536, (x); 118. 536-541, (x); 119. 541-546, (x); 120. 546-551, (x); 121. 551-556, (x); 122. 556-561, (x); 123. 561-566, (x); 124. 566-571, (x); 125. 571-576, (x); 126. 576-581, (x); 127. 581-586, (x); 128. 586-591, (x); 129. 591-596, (x); 130. 596-601, (x); 131. 601-606, (x); 132. 606-611, (x); 133. 611-616, (x); 134. 616-621, (x); 135. 621-626, (x); 136. 626-631, (x); 137. 631-636, (x); 138. 636-641, (x); 139. 641-646, (x); 140. 646-651, (x); 141. 651-656, (x); 142. 656-661, (x); 143. 661-666, (x); 144. 666-671, (x); 145. 671-676, (x); 146. 676-681, (x); 147. 681-686, (x); 148. 686-691, (x); 149. 691-696, (x); 150. 696-701, (x); 151. 701-706, (x); 152. 706-711, (x); 153. 711-716, (x); 154. 716-721, (x); 155. 721-726, (x); 156. 726-731, (x); 157. 731-736, (x); 158. 736-741, (x); 159. 741-746, (x); 160. 746-751, (x); 161. 751-756, (x); 162. 756-761, (x); 163. 761-766, (x); 164. 766-771, (x); 165. 771-776, (x); 166. 776-781, (x); 167. 781-786, (x); 168. 786-791, (x); 169. 791-796, (x); 170. 796-801, (x); 171. 801-806, (x); 172. 806-811, (x); 173. 811-816, (x); 174. 816-821, (x); 175. 821-826, (x); 176. 826-831, (x); 177. 831-836, (x); 178. 836-841, (x); 179. 841-846, (x); 180. 846-851, (x); 181. 851-856, (x); 182. 856-861, (x); 183. 861-866, (x); 184. 866-871, (x); 185. 871-876, (x); 186. 876-881, (x); 187. 881-886, (x); 188. 886-891, (x); 189. 891-896, (x); 190. 896-901, (x); 191. 901-906, (x); 192. 906-911, (x); 193. 911-916, (x); 194. 916-921, (x); 195. 921-926, (x); 196. 926-931, (x); 197. 931-936, (x); 198. 936-941, (x); 199. 941-946, (x); 200. 946-951, (x); 201. 951-956, (x); 202. 956-961, (x); 203. 961-966, (x); 204. 966-971, (x); 205. 971-976, (x); 206. 976-981, (x); 207. 981-986, (x); 208. 986-991, (x); 209. 991-996, (x); 210. 996-1001, (x); 211. 1001-1006, (x); 212. 1006-1011, (x); 213. 1011-1016, (x); 214. 1016-1021, (x); 215. 1021-1026, (x); 216. 1026-1031, (x); 217. 1031-1036, (x); 218. 1036-1041, (x); 219. 1041-1046, (x); 220. 1046-1051, (x); 221. 1051-1056, (x); 222. 1056-1061, (x); 223. 1061-1066, (x); 224. 1066-1071, (x); 225. 1071-1076, (x); 226. 1076-1081, (x); 227. 1081-1086, (x); 228. 1086-1091, (x); 229. 1091-1096, (x); 230. 1096-1101, (x); 231. 1101-1106, (x); 232. 1106-1111, (x); 233. 1111-1116, (x); 234. 1116-1121, (x); 235. 1121-1126, (x); 236. 1126-1131, (x); 237. 1131-1136, (x); 238. 1136-1141, (x); 239. 1141-1146, (x); 240. 1146-1151, (x); 241. 1151-1156, (x); 242. 1156-1161, (x); 243. 1161-1166, (x); 244. 1166-1171, (x); 245. 1171-1176, (x); 246. 1176-1181, (x); 247. 1181-1186, (x); 248. 1186-1191, (x); 249. 1191-1196, (x); 250. 1196-1201, (x); 251. 1201-1206, (x); 252. 1206-1211, (x); 253. 1211-1216, (x); 254. 1216-1221, (x); 255. 1221-1226, (x); 256. 1226-1231, (x); 257. 1231-1236, (x); 258. 1236-1241, (x); 259. 1241-1246, (x); 260. 1246-1251, (x); 261. 1251-1256, (x); 262. 1256-1261, (x); 263. 1261-1266, (x); 264. 1266-1271, (x); 265. 1271-1276, (x); 266. 1276-1281, (x); 267. 1281-1286, (x); 268. 1286-1291, (x); 269. 1291-1296, (x); 270. 1296-1301, (x); 271. 1301-1306, (x); 272. 1306-1311, (x); 273. 1311-1316, (x); 274. 1316-1321, (x); 275. 1321-1326, (x); 276. 1326-1331, (x); 277. 1331-1336, (x); 278. 1336-1341, (x); 279. 1341-1346, (x); 280. 1346-1351, (x); 281. 1351-1356, (x); 282. 1356-1361, (x); 283. 1361-1366, (x); 284. 1366-1371, (x); 285. 1371-1376, (x); 286. 1376-1381, (x); 287. 1381-1386, (x); 288. 1386-1391, (x); 289. 1391-1396, (x); 290. 1396-1401, (x); 291. 1401-1406, (x); 292. 1406-1411, (x); 293. 1411-1416, (x); 294. 1416-1421, (x); 295. 1421-1426, (x); 296. 1426-1431, (x); 297. 1431-1436, (x); 298. 1436-1441, (x); 299. 1441-1446, (x); 300. 1446-1451, (x); 301. 1451-1456, (x); 302. 1456-1461, (x); 303. 1461-1466, (x); 304. 1466-1471, (x); 305. 1471-1476, (x); 306. 1476-1481, (x); 307. 1481-1486, (x); 308. 1486-1491, (x); 309. 1491-1496, (x); 310. 1496-1501, (x); 311. 1501-1506, (x); 312. 1506-1511, (x); 313. 1511-1516, (x); 314. 1516-1521, (x); 315. 1521-1526, (x); 316. 1526-1531, (x); 317. 1531-1536, (x); 318. 1536-1541, (x); 319. 1541-1546, (x); 320. 1546-1551, (x); 321. 1551-1556, (x); 322. 1556-1561, (x); 323. 1561-1566, (x); 324. 1566-1571, (x); 325. 1571-1576, (x); 326. 1576-1581, (x); 327. 1581-1586, (x); 328. 1586-1591, (x); 329. 1591-1596, (x); 330. 1596-1601, (x); 331. 1601-1606, (x); 332. 1606-1611, (x); 333. 1611-1616, (x); 334. 1616-1621, (x); 335. 1621-1626, (x); 336. 1626-1631, (x); 337. 1631-1636, (x); 338. 1636-1641, (x); 339. 1641-1646, (x); 340. 1646-1651, (x); 341. 1651-1656, (x); 342. 1656-1661, (x); 343. 1661-1666, (x); 344. 1666-1671, (x); 345. 1671-1676, (x); 346. 1676-1681, (x); 347. 1681-1686, (x); 348. 1686-1691, (x); 349. 1691-1696, (x); 350. 1696-1701, (x); 351. 1701-1706, (x); 352. 1706-1711, (x); 353. 1711-1716, (x); 354. 1716-1721, (x); 355. 1721-1726, (x); 356. 1726-1731, (x); 357. 1731-1736, (x); 358. 1736-1741, (x); 359. 1741-1746, (x); 360. 1746-1751, (x); 361. 1751-1756, (x); 362. 1756-1761, (x); 363. 1761-1766, (x); 364. 1766-1771, (x); 365. 1771-1776, (x); 366. 1776-1781, (x); 367. 1781-1786, (x); 368. 1786-1791, (x); 369. 1791-1796, (x); 370. 1796-1801, (x); 371. 1801-1806, (x); 372. 1806-1811, (x); 373. 1811-1816, (x); 374. 1816-1821, (x); 375. 1821-1826, (x); 376. 1826-1831, (x); 377. 1831-1836, (x); 378. 1836-1841, (x); 379. 1841-1846, (x); 380. 1846-1851, (x); 381. 1851-1856, (x); 382. 1856-1861, (x); 383. 1861-1866, (x); 384. 1866-1871, (x); 385. 1871-1876, (x); 386. 1876-1881, (x); 387. 1881-1886, (x); 388. 1886-1891, (x); 389. 1891-1896, (x); 390. 1896-1901, (x); 391. 1901-1906, (x); 392. 1906-1911, (x); 393. 1911-1916, (x); 394. 1916-1921, (x); 395. 1921-1926, (x); 396. 1926-1931, (x); 397. 1931-1936, (x); 398. 1936-1941, (x); 399. 1941-1946, (x); 400. 1946-1951, (x); 401. 1951-1956, (x); 402. 1956-1961, (x); 403. 1961-1966, (x); 404. 1966-1971, (x); 405. 1971-1976, (x); 406. 1976-1981, (x); 407. 1981-1986, (x); 408. 1986-1991, (x); 409. 1991-1996, (x); 410. 1996-2001, (x); 411. 2001-2006, (x); 412. 2006-2011, (x); 413. 2011-2016, (x); 414. 2016-2021, (x); 415. 2021-2026, (x); 416. 2026-2031, (x); 417. 2031-2036, (x); 418. 2036-2041, (x); 419. 2041-2046, (x); 420. 2046-2051, (x); 421. 2051-2056, (x); 422. 2056-2061, (x); 423. 2061-2066, (x); 424. 2066-2071, (x); 425. 2071-2076, (x); 426. 2076-2081, (x); 427. 2081-2086, (x); 428. 2086-2091, (x); 429. 2091-2096, (x); 430. 2096-2101, (x); 431. 2101-2106, (x); 432. 2106-2111, (x); 433. 2111-2116, (x); 434. 2116-2121, (x); 435. 2121-2126, (x); 436. 2126-2131, (x); 437. 2131-2136, (x); 438. 2136-2141, (x); 439. 2141-2146, (x); 440. 2146-2151, (x); 441. 2151-2156, (x); 442. 2156-2161, (x); 443. 2161-2166, (x); 444. 2166-2171, (x); 445. 2171-2176, (x); 446. 2176-2181, (x); 447. 2181-2186, (x); 448. 2186-2191, (x); 449. 2191-2196, (x); 450. 2196-2201, (x); 451. 2201-2206, (x); 452. 2206-2211, (x); 453. 2211-2216, (x); 454. 2216-2221, (x); 455. 2221-2226, (x); 456. 2226-2231, (x); 457. 2231-2236, (x); 458. 2236-2241, (x); 459. 2241-2246, (x); 460. 2246-2251, (x); 461. 2251-2256, (x); 462. 2256-2261, (x); 463. 2261-2266, (x); 464. 2266-2271, (x); 465. 2271-2276, (x); 466. 2276-2281, (x); 467. 2281-2286, (x); 468. 2286-2291, (x); 469. 2291-2296, (x); 470. 2296-2301, (x); 471. 2301-2306, (x); 472. 2306-2

AGENDA



Festivais de bandas

Sexta-feira, em Gaia – Domingo, em Ovar

Amanhã, sexta-feira, realiza-se no **Hard Club de Gaia**, pelas 22 horas, a final do concurso de bandas promovido pela Juventude CDU do Porto, na qual participam seis bandas que o júri pré-seleccionou de um total de três dezenas de concorrentes.

São elas os De Profundis, Holy Mary Coogle, Renegados de Boliqueime, Water Mantra, Withering e Zigle.

O júri constituído por Kalú, dos Xutos & Pontapés, Guilhermino, do Canto Nono, e Manuel Leitão, agente musical, irá apurar uma banda que actuará no Palco Novos Valores da Festa do «Avante!».

Também o núcleo da JCP de Ovar realiza no domingo o seu festival de novas bandas, que decorrerá na Avenida Central do Furadouro, em **Ovar**, pelas 21.30 horas. A noite será preenchida com a actuação dos grupos Dismal (Albergaria), Scapegoat (Furadouro-Ovar), Cranny (Aveiro), Galli-Manini (Ovar), Bonic Flower (Mogofores) e Neptune Falls (Santa Maria da Feira). Este último grupo, que foi seleccionado directamente para actuar na Festa do «Avante!», encerrará o festival. O júri é presidido por Cândido Mota.



EXCURSÃO DE BRAGA

A exemplo de anos anteriores, a Comissão Concelhia de Braga do PCP organiza também este ano uma excursão em autocarro à Festa do Avante!, com partida às 6 da manhã de sábado e regresso no domingo às 22 horas. As inscrições devem ser feitas no Centro de Trabalho do PCP de Braga,

com o telefone (053) 616850/1



Eleições legislativas '99

VIANA DO CASTELO

Sexta-feira, 6
às 17h30 no Hotel Sta. Luzia

Acto público de divulgação da lista CDU pelo círculo eleitoral de Viana do Castelo com a participação dos candidatos e dos camaradas

Henrique de Sousa e Ilda Figueiredo



CICL TURISMO

Quinta da Atalaia / Quinta da Atalaia

22 de Agosto

A Comissão de Desporto da Festa do Avante!, em colaboração com o Clube Recreativo Barroquense e com o apoio técnico da Federação Portuguesa de Cicloturismo, organiza este ano mais uma vez - no próximo dia 22, domingo - um **passeio de cicloturismo** integrado no programa desportivo da Festa, com partida da Quinta da Atalaia às 9h30 e meta no mesmo local.

O itinerário está inscrito no diagrama que incluímos.

Os organizadores relembram o carácter de *passeio informal de cicloturismo* de que a iniciativa se reveste - "este encontro não é uma prova desportiva, nem de velocidade", não tem intuídos competitivos e está aberto a todos os cicloturistas masculinos e femininos com mais de 13 anos de idade, podendo ser participado por grupos ou individualmente ... **que se obrigam a respeitar o código da estrada e a rolar o mais à direita possível!**

As inscrições estão abertas até 1 hora antes do início da prova, no Clube Recreativo Barroquense e pelos telefones 250 27 01 e 259 49 64.



EMIGRANTES

Encontro-convívio na Quinta da Atalaia

Domingo, 8 de Agosto

No quadro da preparação das eleições para a Assembleia da República, a Direcção da Organização na Emigração (DOE) do PCP promove no dia 8 de Agosto, com início às 10h, um debate sobre os emigrantes e as eleições legislativas. Esta iniciativa irá decorrer na Quinta da Atalaia (Festa do Avante!), na Amora/Seixal.

Às 13h, depois da reunião, haverá um almoço-convívio que proporcionará o (re)encontro entre muitos emigrantes de diversos países mas também entre aqueles que já regressaram definitivamente a Portugal.

As inscrições para o almoço estão abertas até dia 3 de Agosto. Para participar basta entrar em contacto com a DOE: Rua Soeiro Pereira Gomes, 3 - 1600-196 Lisboa, com o tel. (01) 793 6272; fax (01) 796 9126; e-mail pcp@mail.telepac.pt.

TELEVISÃO

Quinta, 5

RTP 1

- 08.00 Infantil
- 09.15 Malha de Intrigas
- 10.00 Praça da Alegria
- 11.40 Culinária
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.45 Estórias da História
- 14.30 Volta a Portugal
- 16.15 Nas Asas do Destino
- 18.00 País, País
- 18.35 País Regiões
- 18.50 Os Lobos
- 19.40 Volta a Portugal
- 20.00 Telegjornal
- 21.00 As Lições do Tonecas
- 21.40 Comboio Atómico
- 22.35 Conversas com Mário Soares
- 23.45 Docas 2
- 00.45 Ballet Rose
- 01.45 24 Horas



Fran Dreschner, "Competente e Descarada", despede-se esta semana na TVI

- 02.35 Volta a Portugal
- 02.45 Caminho de Lágrimas (EUA/1995 - única informação disponibilizada)

RTP 2

- 14.30 Informação Gestual
- 15.45 Novas Aventuras de Davy Crockett
- 16.35 Gente Remota
- 17.30 Euronews
- 18.00 A Fé dos Homens
- 18.30 Um, Dó, Li, Tá
- 20.00 Meia de Música
- 20.35 Riscos
- 21.05 Ellen
- 21.30 Remate
- 22.00 Jornal 2
- 22.35 Sob o Signo de Capricórnio (de Alfred Hitchcock, Gr.Br./1949, com Ingrid Bergman, Joseph Cotten, Michael Wilding. Ver Destaque)
- 00.40 Civilizações do Passado
- 01.35 Sihanouk, Último Rei (1.ª Parte)
- 02.30 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buéréré
- 11.30 Malucos do Riso
- 12.00 Zazá
- 12.30 Dona Flor e Seus Dois Maridos
- 13.30 Primeiro Jornal
- 14.00 Chiquinha Gonzaga
- 15.00 Você Decide
- 15.40 Buéréré
- 17.00 Médico de Família
- 18.00 A Força de um Desejo
- 19.00 Andando nas Nuvens
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Malucos do Riso
- 21.30 Cantigas de Mal Dizer
- 22.20 Suave Veneno
- 24.00 Código de Silêncio (de Andy Davis, EUA/1985, com Chuck Norris, Henry Silva, Bert Remsen, Mike Genovese. Acção)
- 02.00 Último Jornal
- 02.35 Dra. Quina
- 03.35 Portugal Radical
- 04.05 Vibrações

TVI

- 09.00 Animação
- 12.00 Pérola Negra
- 13.30 TVI Jornal
- 14.00 Sangue do Meu Sangue
- 15.00 Samantha
- 16.00 Animação
- 19.00 Soldados da Justiça
- 20.00 Asas nos Pés
- 21.00 Directo XXI
- 21.40 Em Legítima Defesa
- 23.30 Votos Mortais (de Alan Metzger, EUA/1994, com Gerard McRaney, Josie Bissett, Larry Musser. Drama)
- 01.20 Competente e Descarada
- 01.50 Mosley
- 02.50 O Mundo do Futebol

Sexta, 6

RTP 1

- 08.00 Infantil
- 09.15 Malha de Intrigas
- 10.05 Bonanza
- 11.00 Praça da Alegria
- 11.40 Culinária
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.45 Laços do Passado
- 14.30 Volta a Portugal
- 16.15 Nas Asas do Destino
- 17.25 As Lições do Tonecas
- 18.00 País, País
- 18.50 Os Lobos
- 19.40 Volta a Portugal
- 20.00 Telegjornal
- 20.55 Futebol: Benfica-Desportivo da Corunha
- 23.00 Noites de Verão
- 00.45 24 Horas
- 01.35 Volta a Portugal

- 01.50 Páginas Negras de Patricia Highsmith
- 02.50 Amor e Cozinha (de Felix Adlon, EUA/1996, com Christian Oliver, Pamela Segall, Laura San Giacomo. Comédia)

RTP 2

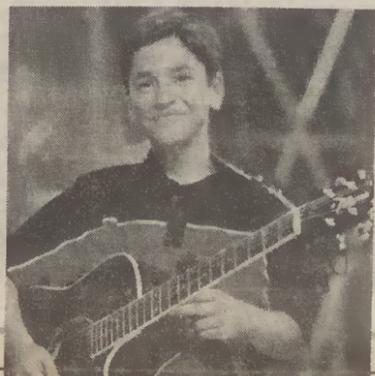
- 14.30 Informação Gestual
- 15.45 O Caminho das Estrelas
- 16.35 Euronews
- 17.00 Desporto 2
- 18.00 Programa Religioso
- 18.30 Um, Dó, Li, Tá
- 20.05 Meia de Música
- 20.35 Riscos
- 21.05 Ellen
- 21.30 Remate
- 22.00 Jornal 2
- 22.35 Crimes de Midsomer
- 00.15 Máscaras da Música
- 00.45 O Corpo Humano
- 01.15 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buéréré
- 11.30 Malucos do Riso
- 12.00 Zazá
- 12.30 Dona Flor e Seus Dois Maridos
- 13.30 Primeiro Jornal
- 14.00 Chiquinha Gonzaga
- 15.00 Você Decide
- 15.40 Buéréré
- 17.00 Médico de Família
- 18.00 A Força de um Desejo
- 19.00 Andando nas Nuvens
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Ponto de Encontro
- 22.40 Suave Veneno
- 24.00 O Guerreiro da Floresta (de Aaron Norris, EUA/1995, com Chuck Norris, Terry Kiser, Max Gail. Acção)
- 02.00 O Sexo e a Cidade
- 02.30 Último Jornal
- 02.35 Portugal Radical
- 02.55 Vibrações

TVI

- 09.00 Animação
- 12.00 Pérola Negra
- 13.30 TVI Jornal
- 14.00 Sangue do Meu Sangue
- 15.00 Samantha
- 16.00 Animação
- 19.00 Heróis por Acaso
- 20.00 Asas nos Pés
- 21.00 Directo XXI
- 21.40 Os Reis da Música Nacional
- 23.40 Suspiros da Noite (de Bill Norton, EUA/1995, com Tony Danza, Pamela Reed, Ving Rhames, Heather Tom. Drama)
- 01.35 Competente e Descarada



Regresso de "Os Principais" - quarta-feira na RTP1

Sábado, 7

RTP 1

- 08.00 Infantil/Juvenil
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.40 Amigos
- 14.30 Volta a Portugal
- 16.15 Top +
- 17.40 Santa Casa
- 19.35 Volta a Portugal
- 20.00 Telegjornal
- 20.55 Futebol: Beira Mar-Porto
- 23.00 Tourada
- 00.30 Nash Bridges
- 01.30 Sexto Sentido
- 02.10 24 Horas
- 02.50 Volta a Portugal
- 03.05 Jovem Procura Companhia (de Barbet Schroeder, EUA/1992, com Bridget Fonda, Jennifer Jason Leigh, Steven Weber. Ver Destaque)

RTP 2

- 09.00 Documentário
- 12.00 Aventuras Espaciais
- 12.30 Múniás do Bem
- 13.20 O Importante São as Pessoas
- 13.50 As Mulheres do Batuque
- 14.40 A Ilha do Tesouro (Longa-metragem)
- 16.30 Desporto 2
- 19.25 Onda Curta
- 20.00 Os Transatlânticos
- 20.50 Departamento de Homicídios
- 22.00 Jornal 2
- 22.35 O Lugar da História
- 23.35 Allô, Allô!
- 00.05 Jogo da Vida
- 00.35 Absolutamente Fabulosas
- 01.05 Exótica (de Atom Egoyan, Can./1994, com Bruce Greenwood, Mia Krishner, Elias Koteas, Don McKellar, Arsinée Khanjian. Ver Destaque)

SIC

- 08.00 Buéréré
- 11.55 O Nosso Mundo
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 Academia do FBI (de Dan Goldberg, EUA/1988, com Rebecca de Mornay, Mary Gross, Fred Danton Thompson. Comédia)
- 15.50 Big Show Sic
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Mundo VIP
- 22.20 Pequenos e Terríveis
- 23.20 Moda Roma
- 00.45 Afrodísia
- 01.15 Círculo Fechado



"Crimes de Midsomer" - histórias como só a TV Inglesa sabe contar

- (de Bethany Rooney, EUA/1996, com Teri Polo, Corbin Bernsen, Reed Diamond. Melodrama)
- 03.15 Último Jornal
- 03.50 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
- 11.50 Top Rock
- 13.00 Contra-Ataque
- 13.30 Caras Lindas
- 15.00 Uma Mulher de Corpo Inteiro
- 17.00 Nunca É Tarde para Roubar (de Giles Walker, EUA/1996, com Olympia Dukakis, Cloris Leachman, Corey Haim. Comédia)
- 19.00 Colégio Brasil
- 21.00 Directo XXI
- 22.00 (Programa não Designado)
- 24.00 Rebeldes Americanos (de Danny Cannon, EUA/1994, com Harvey Keitel, Iain Glen, John Wood. Acção)
- 02.00 Histórias Fantásticas

Domingo, 8

RTP 1

- 08.00 Infantil / Juvenil
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.45 Saber & Fazer
- 14.30 Volta a Portugal
- 16.15 Made In Portugal
- 17.45 Heróis em Acção
- 18.50 Destinos de Sofia
- 19.35 Volta a Portugal
- 20.00 Telegjornal
- 20.40 Saídos da Casca
- 22.00 Jet Sete
- 22.40 A Teia
- 00.35 24 Horas
- 01.15 Perigo Iminente
- 02.10 O Casamento de Muriel (de Paul J. Hogan, Austrália/1994, com Tomi Collette, Bill Hunter, Rachel Griffith, Jeanie Drynan. Ver Destaque)

RTP 2

- 09.00 Programa Religioso
- 10.30 Missa
- 11.50 Murphy Brown
- 12.15 Nancy Drew
- 13.00 O Comboio Azul
- 14.30 Rotações
- 16.15 Desporto 2
- 18.25 Ladrão que Rouba Ladrão
- 19.15 Bom Bordo
- 19.55 Artes e Letras - «Alfred Hitchcock» (Parte 1)
- 21.00 Grandes Mulheres
- 22.00 Jornal 2
- 22.35 Horizontes da Memória
- 23.15 Faenas
- 23.45 As Portas do Céu (de Michael Cimino, EUA/1980, com Kris Kristofferson, Christopher Walken, John Hurt, Isabelle Hupert. «Western»)

SIC

- 08.00 Buéréré
- 12.00 BBC - Vida Selvagem
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 Golpe Duro (de Aaron Norris, EUA/1992, com Chuck Norris, Beau Bridges, Jonathan Brandis. Acção)
- 16.00 Vip
- 17.00 Rex, O Cão Polícia
- 18.00 Falar Bem e Depressa (de Barney Kellman, EUA/1992, com Dolly Parton, James Woods, Michael Madsen. Comédia Romântica)
- 20.00 Jornal da Noite

TVI

- 09.00 Animação
- 11.00 Programa Religioso
- 11.10 Missa
- 13.00 Contra-Ataque
- 13.30 Caras Lindas
- 15.00 Vermelho Escaldante (de Paul Haggis, EUA/1993, com Balhazar Getty, Carla Gugino, Donald Sutherland, Hugh O' Connor. Drama)
- 17.00 Os Deuses Devem Estar Loucos na China (de Dickson K. N. Tso, Hong Kong/1994, com Cynthia Yang, Gloria Yip, Kent Cheng. Comédia)
- 19.00 Colégio Brasil
- 21.00 Directo XXI
- 21.40 Causa Justa
- 22.40 Suave Armadilha (de Alan Metzger, EUA, com Keith Carradine, Gail O' Grady. Drama)
- 00.40 Palmeiras Bravias
- 01.30 Nirvana (de Gabrielle Salvatores, It./Fr./1998, com Amanda Sandrelli, Christopher Lambert, Diogo Abatantuono. Drama)

Segunda, 9

RTP 1

- 08.00 Infantil
- 09.15 Malha de Intrigas
- 10.05 Bonanza
- 11.00 Praça da Alegria
- 11.40 Culinária
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.45 Laços do Passado
- 14.45 Nas Asas do Destino
- 16.00 Lições do Tonecas
- 16.35 Reis do Estúdio
- 18.15 País, País
- 19.15 Os Lobos
- 20.00 Telegjornal
- 21.00 Nós, os Ricos
- 21.35 Polícias



- 22.35 Marcado para Morrer (de Dwight H. Little, EUA/1990, com Steven Seagal, Basil Wallace, Keith David, Tom Wright. Acção)
- 00.25 Os Pais da Europa
- 01.30 24 Horas
- 02.20 Máquinas

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual
- 15.45 Rumo ao Sul
- 16.35 Gente Remota
- 17.30 Açores
- 18.00 Informação Religiosa
- 18.30 Filhos da Selva
- 19.15 Um, Dó, Li, Tá
- 20.05 Meia de Música
- 20.35 Riscos
- 21.05 Ellen
- 21.30 Remate
- 22.00 Jornal 2
- 22.45 A Coroa e o País
- 23.15 Claxon
- 23.45 Novos Heróis
- 00.45 Retratos: «Mário Viegas»
- 01.45 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buéréré
- 11.30 Malucos do Riso
- 12.00 Zazá
- 12.30 Dona Flor e Seus Dois Maridos
- 13.30 Primeiro Jornal
- 14.00 Chiquinha Gonzaga
- 15.00 Você Decide
- 15.40 Buéréré
- 17.00 Médico de Família
- 18.00 A Força de um Desejo
- 19.00 Andando nas Nuvens
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Clube dos Campeões
- 21.30 Suave Veneno
- 22.30 Roda de Milhões
- 00.40 Toda a Verdade
- 01.40 Último Jornal
- 02.15 A Sede do Mal (de Orson Welles, EUA/1958, com Orson Welles, Charlton Heston, Janet Leigh, Akim Tamiroff, Marlene Dietrich. Ver Destaque)
- 04.15 Portugal Radical
- 04.45 Vibrações

TVI

- 09.00 Animação
- 12.00 Pérola Negra
- 13.30 TVI Jornal
- 14.00 Sangue do Meu Sangue
- 15.00 Samantha
- 16.00 Animação
- 18.50 Heróis por Acaso
- 19.50 Asas nos Pés
- 21.00 Directo XXI
- 21.40 Pretender
- 22.40 Ficheiros Secretos
- 23.35 Crime a Duas Mãos (de Andrew Lane, EUA/1995, com Theresa Russell, Adam Baldwin, Megan Gallagher, Barry Primus. «Thriller»)
- 01.30 Competente e Descarada

Terça, 10

RTP 1

- 08.00 Infantil
- 09.15 Malha de Intrigas
- 10.05 Bonanza
- 11.00 Praça da Alegria
- 11.40 Culinária
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.45 Laços do Passado
- 15.10 Nas Asas do Destino
- 16.20 As Lições do Tonecas
- 16.50 Reis do Estúdio
- 18.15 País, País
- 19.15 Os Lobos
- 20.00 Telegjornal
- 21.00 Cromos de Portugal
- 21.50 Eclipse



- 22.25 Herman Enciclopédia
- 23.40 Dharma e Greg
- 00.10 24 Horas
- 01.00 Sequest, Brigada Submarina

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual
- 15.45 Derrick
- 16.45 Gente Remota
- 17.35 Euronews
- 18.00 Informação Religiosa
- 18.30 Filhos da Selva
- 19.00 Um, Dó, Li, Tá
- 20.05 Meia de Música
- 20.35 Riscos
- 21.05 Ellen
- 21.30 Remate
- 22.00 Jornal 2
- 22.40 Amor É Fogo (de Joshua Brand, EUA/1995, com William Baldwin, John Erguizamo, Sadie Frost, Armin Mueller-Stahl. Comédia Romântica)
- 00.15 Documentário
- 01.10 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buéréré
- 11.30 Malucos do Riso
- 12.00 Zazá
- 12.30 Dona Flor e Seus Dois Maridos
- 13.30 Primeiro Jornal
- 14.00 Chiquinha Gonzaga
- 15.00 Você Decide
- 15.40 Buéréré
- 17.00 Médico de Família
- 18.00 A Força de um Desejo
- 19.00 Andando nas Nuvens
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Futebol: Benfica-Bayern
- 23.00 Suave Veneno
- 00.15 A Feira das Vaidades
- 01.45 Cidade Escaldante
- 02.45 Último Jornal
- 03.20 Portugal Radical



Na TVI, "Palmeiras Bravias", série de ficção em 6 episódios, de Oliver Stone e com Dana Delany

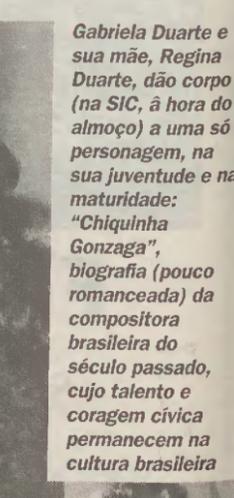
TVI

- 09.00 Animação
- 12.00 Pérola Negra
- 13.30 TVI Jornal
- 14.00 Sangue do Meu Sangue
- 15.00 Samantha
- 16.00 Animação
- 18.50 Heróis por Acaso
- 20.00 Asas nos Pés
- 21.00 Directo XXI
- 21.40 Marés Vivas
- 22.35 Especial - Mais um "fenómeno" do Brasil...
- 23.40 Marco Polo (EUA/1995, com Shuli Rand, Avital Dicker. Aventuras)
- 01.45 Competente e Descarada
- 02.20 Desporto

Quarta, 11

RTP 1

- 08.00 Infantil
- 09.15 Malha de Intrigas
- 10.05 Bonanza
- 11.00 Praça da Alegria
- 11.40 Culinária
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.45 Laços do Passado
- 15.10 Nas Asas do Destino
- 16.20 As Lições do Tonecas
- 16.50 Reis do Estúdio
- 18.15 País, País
- 19.15 Os Lobos
- 20.00 Telegjornal
- 21.05 Os Principais
- 22.35 Diário de Maria



Gabriela Duarte e sua mãe, Regina Duarte, dão corpo (na SIC, à hora do almoço) a uma só personagem, na sua juventude e na maturidade: "Chiquinha Gonzaga", biografia (pouco romaneada) da compositora brasileira do século passado, cujo talento e coragem cívica permanecem na cultura brasileira

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual
- 16.00 O Caminho das Estrelas
- 16.45 Gente Remota
- 17.35 Euronews
- 18.00 Informação Religiosa
- 18.30 Filhos da Selva
- 19.10 Um, Dó, Li, Tá
- 20.05 Meia de Música
- 20.35 Riscos
- 21.05 Ellen
- 21.30 Remate
- 22.00 Jornal 2
- 22.35 Sinais do Tempo ou Zoom
- 23.50 Yo-Yo-Ma
- 00.50 Assalto ao Monte Vermelho
- 01.35 Appolo 16: Memórias
- 02.35 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buéréré
- 11.30 Malucos do Riso
- 12.00 Zazá
- 12.30 Dona Flor e Seus Dois Maridos
- 13.30 Primeiro Jornal
- 14.00 Chiquinha Gonzaga
- 15.00 Você Decide
- 15.40 Buéréré
- 17.00 Médico de Família
- 18.00 A Força de um Desejo
- 19.00 Andando nas Nuvens
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Jornalistas
- 22.20 Suave Veneno
- 24.00 Jogos Secretos (de Gregory Hippolyte, EUA/1993, com Martin Hewitt, Marie Leroux, Amy Rochelle. Erótico)
- 02.00 Último Jornal
- 02.35 Médicos Sem Fronteiras
- 03.35 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
- 12.00 Pérola Negra
- 13.30 TVI Jornal
- 14.00 Sangue do Meu Sangue
- 15.00 Samantha
- 16.00 Animação
- 18.50 Heróis por Acaso
- 20.00 Futebol: Atlético de Madrid-Sporting
- 21.40 Directo XXI
- 22.00 Quero Justiça!
- 22.35 Os Fugitivos de Alcatraz (de Don Siegel, EUA/1979, com Clint Eastwood, Patrick McGeehan, Roberts Blossom. Ver Destaque)
- 00.40 O Corvo
- 01.40 Tal Pai, Tal Filho

Nota: A Redução não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Sob o Signo do Capricórnio

(Quinta, 22.35, RTP2)

Se não tivesse sido a «revisão» operada pelos críticos de uma consagrada revista francesa da especialidade - «Cahiers du Cinéma» - e este filme de mestre Hitchcock ficaria, para sempre, no rol das suas (poucas) fracassadas experiências cinematográficas. Numa história que foge ao que nele é habitual e passada em meados do século XIX na Austrália, uma bela e aristocrática Henrietta (Ingrid Bergman) vive com o seu marido Sam (Joseph Cotten) à margem da sociedade, sendo que a primeira é uma dependente do vício do alcoolismo e o segundo deserta secretamente as paixões da sinistra governanta Milly (Margaret Leighton), que faz a vida negra à sua patroa. Mas eis que chega Charles (Michael Wilding), primo de Henrietta, o qual tenta restituir a esta o «gosto de viver»... Pese embora tratar-se de um filme falhado de Hitchcock, só este seria capaz de inventar planos-sequência tão belos como os deste filme. A rever.



Ingrid Bergman e Joseph Cotten, intérpretes principais de «Sob o Signo do Capricórnio», de Alfred Hitchcock

pequeno génio que se esconde por detrás da personagem principal desta primeira obra realizada por Jodie Foster (um rapaz brilhante nas aulas de matemática ou na maturidade quase concertística com que aborda as suas experiências pianísticas) não faz esconder a fragilidade e a necessidade do apoio materno que ele experimenta ao contactar com o mundo dos adultos - ao que parece a mesma maturidade e fragilidade que rodearam os primeiros passos de uma carreira de atriz (e agora realizadora) iniciada muito cedo, aos três anos de idade. Uma obra muito bem escrita por Scott Frank e na qual uma inteligente Jodie Foster aborda com intensa sensibilidade os problemas dos superdotados. Um filme sem dúvida americano mas com um perfume algo europeu e particularmente francês, a lembrar um certo Truffaut.

O Casamento de Muriel

(Domingo, 02.10, RTP1)

Ao que se diz muito apreciado em 1994 na «Quinzena dos Realizadores», uma das secções mais exigentes do Festival de Cinema de Cannes, este primeiro filme do cineasta australiano Paul J. Hogan conta-nos a história de uma jovem, ruiva, gorda e entusiasta dos ABBA, que sonha em conquistar um namorado com o qual possa casar-se, até que abandona a sua família na província natal e parte para a grande cidade, Sidney, com uma amiga, ali buscando a sua realização pessoal. Excelente interpretação da atriz principal, Toni Collette, num filme a descobrir.

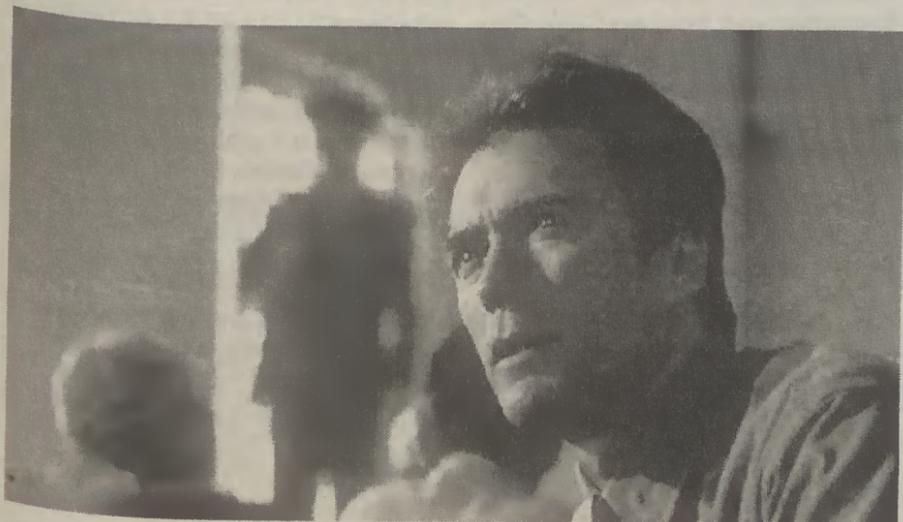
A Sede do Mal

(Segunda, 02.15, SIC)

Parecendo à superfície um filme policial de série B, é o talento de Orson Welles que o transforma numa obra-prima do género. Encomendado por Charlton Heston num fase em que o grande realizador se encontrava há uma década (!) sem trabalho, *A Sede do Mal* debruça-se sobre uma imbricada história de crime passada na fronteira entre os EUA e o México, com um membro da brigada de narcóticos (Charlton Heston) e um polícia corrupto (Orson Welles) a tentarem descobrir o verdadeiro culpado. Sem esquecer a súbita



Orson Welles e Charlton Heston, em «A Sede do Mal», de Orson Welles



Clint Eastwood, em «O Fugitivo de Alcatraz», de Don Siegel



Um fotograma de «Exótica», um filme de Atom Egoyan

reviravolta no final do filme, não pode deixar de ser chamada mais uma vez a atenção para o fabuloso plano-sequência inicial (logo capaz de situar o problema de fundo e a situação geográfica em que ele ocorreu), bem como para o intenso barroco dos cenários, a laboriosa movimentação da câmara e o excepcional naipe de actores e atrizes, de que se destacam, em papéis mais ou menos importantes, nomes como os dos próprios Welles (numa espantosa caracterização) e Heston, Joseph Cotten, Akim Tamiroff ou Marlene Dietrich.

Os Fugitivos de Alcatraz

(Quarta, 22.35, TVI)

Realizado com grande contenção de processos por Don Siegel, esta é a crónica (quase documental) da preparação e concretização, a par e passo, da célebre fuga de um criminoso (Frank Morris) e seus dois cúmplices da tenebrosa prisão da ilha de Alcatraz - tida, precisamente, como «aquela de que era impossível escapar». Os fugitivos jamais foram encontrados e a prisão seria encerrada anos depois. Clint Eastwood

tem aqui um grande momento na sua carreira de actor, numa obra que ficou como um modelo clássico do género.

Ruptura Explosiva

(00.25, RTP1)

A única ideia com piada deste filme, são os disfarces atrás dos quais se ocultam os quatro ladrões de bancos que perpetraram as mais variadas malfetorias: nada menos do que carantonhas de borracha de Nixon, Carter, Reagan e Lyndon Johnson... É este gang terrível que o destemido Keanu Reeves, na pele de um agente do FBI, vai tentar dismantlar, ao imiscuir-se no seio da comunidade de surfistas no Sul da Califórnia. Mas, independentemente de sequências verdadeiramente espectaculares e filmadas com maestria, o filme tem um argumento muito pouco sólido e credível e Patrick Swayze, o cérebro que está por de trás de tudo isto, apresenta uma *facies* que pouco difere das carantonhas dos malfetores que à distância comanda. Enfim, para assistir a um espectáculo brilhantemente eficaz em termos de imaginação visual, é preciso, pelos vistos, fingir que não se vê o resto...

CABO & SATELITE

Os campos de extermínio nazis

«Para que não esqueça!» - costuma-se dizer quando se quer chamar a atenção para horrores da História que jamais deverão repetir-se. Por exemplo, no documentário intitulado «Auschwitz, Os Planos do Genocídio», que o canal *Odisseia* hoje transmite, são mostrados uma série de documentos de arquivo que explicam todos os pormenores das decisões sobre a construção do campo de concentração de Auschwitz e da colaboração que as grandes empresas e seus patrões capitalistas deram, nesta «tarefa», ao regime nazi. Um documentário premiado com o Prémio do Júri do Festival de TV de Rheims (França). (*Odisseia*, quinta-feira, das 18 às 19 horas)



(1996) dá-nos a ver o combate dos índios Huaorani contra as grandes companhias petrolíferas. (*Arte*, quinta-feira, das 19.45 às 00.10)

A revolução das telecomunicações

No próximo domingo, o excelente canal *História* apresenta na sua rubrica «Maravilhas Modernas» um documentário



As ameaças à Amazônia

Como quase sempre, sabendo habilmente aliar a realidade à ficção (ou mostrando como a ficção não deve deixar de retratar a realidade), o canal *Arte* encerra hoje a sua emissão temática, dedicada à Amazônia, com o filme «Iracema» (1976, versão original com legendas em francês), realizado por Jorge Bodansky, com Edna De Cassia no papel principal. Isto acontece por volta das 22.35 mas já antes, a partir das 19.45, esta emissão especial começa com o documentário «Sur le Fleuve Amazone», de Ricardo Dias (1995) no qual seguimos o trajecto brasileiro de cinco pessoas, entre Belém e Manaus; depois, às 20.25, outro documentário, «Colifichets et Verroteries», de Christopher Walker

sobre a vida de Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, e das peripécias que, desde a descoberta do telégrafo, o famoso cientista encontrou pela frente (sobretudo na competição acesa com o seu «rival» Elisha Gray) até patentear o seu invento, em 1875, ou seja, mais de um século antes de «alguém» ter inventado o... telemóvel! (*História*, domingo, das 22 às 23 horas)



Para Elisa (*)

Como já aqui tive oportunidade de vos contar, é sempre com redobrado prazer que dou por mim a ler e reler as interessantes crónicas semanais escritas no «Diário de Notícias» pela **Directora de Programas da RTP**, tão reveladoras elas se tornam quanto às suas reflexões sobre a trabalhadeira (e, naturalmente, o cansaço!) que é desempenhar aquele cargo.

E isto, também, porque, como já terão reparado, a Directora anda sempre num virote, de uma *vernissage* para um espectáculo, de um jantar para um almoço, do cabeleireiro para um lanche, às vezes nos dando conta (e fazendo inveja!) dos belos espectáculos que vê ou dos belos concertos que frequenta ou das personalidades que, com a maior das familiaridades, com ela se cruzam, não apenas da área da governação, mas também da intelectualidade, do mundo artístico, enfim, sei lá que mais!

Por exemplo, na sua última crónica de domingo passado, de novo a Directora nos refere um espectáculo magnífico a que assistiu (já lá vamos), embora começasse por referir, logo de entrada, mais um almoço de trabalho da **Direcção de Programas com a RTC**, desta vez para discutir «a estratégia... comercial (!) da nova grelha de Outubro».

E eu a julgar que, pese embora a necessidade de acautelar as estratégias económicas do serviço público de televisão – no fundo, pago com o dinheiro de todos nós, contribuintes – essas tácticas correctas seriam tanto melhor asseguradas quanto melhor fosse concretizada

mação de um curto espaço de pura informação prática, como era o sorteio do **Totoloto**, em mais uma longa hora e meia de piroseira («Santa Casa»). Ou, quanto à produção estrangeira, a recente estreia de séries inenarráveis como «Heróis em Acção» (pedindo meças à «Marés Vivas», da TVI) ou essa indigência televisiva que dá pelo nome de «Grandes Mulheres» (na RTP 2!), sem falar na constante destruição do chamado «horário nobre», em nome de uma inadmissível e sempre frustrada competição de audiências?

E, entretanto, a Directora de Programas vai ao *ballet*. Ora viva o luxo! E nós à espera que, não só a Directora, como as câmaras da sua RTP, também elas se deslocassem ao *ballet* ou à ópera ou aos festivais ou a um concerto, a um teatro que fosse – e não apenas, de vez em quando, a um espectáculo de *rock* (nada a opor) ou às touradas ou aos chorrilhos de publicidade encapotada do género **Miss Portugal** – como acontece com outras estações públicas europeias, e depois nos mostrasse os resultados dessas idas, nem que fosse apenas na RTP 2.

E que foi a Directora de Programas ver? A companhia **Danza Contemporânea de Cuba**, emergindo da beleza (embora fresca, pedindo camisola) das noites de **Seteais**, aproveitando para se mostrar entusiasmada com o que viu e confessando-se até surpreendida quanto à grande qualidade artística, convencida que estava de que, «em Cuba, só existia dança clássica, na velha escola de Alicia Alonso»...

E mais nos confessou a Directora ter ficado surpreendida ao ler, nas notas do programa, reflexões do coreógrafo de um dos bailados programados, «**Metamorfosis**», assim transcritas: «*O homem não pode viver sem uma confiança em algo perdurável, em algo indestrutível... mesmo quando tal crença ou indestrutibilidade permanecem ocultas para ele.*». E logo acrescentava a Directora: «*Tenho a certeza que não fui a única na plateia, cheia, a pensar no velho ditador cubano.*».

Pois bem, cara Directora, também ao ler aquelas reflexões do coreógrafo, aqui transcritas, estamos seguros de que muitos e muitos leitores da sua crónica não deixarão de pensar, de forma totalmente inversa, em como – arrostando com sinistros bloqueios de mais de três décadas, com criminosas agressões e ameaças de toda a ordem e colossais manobras de intoxicação e isolamento internacional, para além do cobarde abandono de importantes solidariedades internacionalistas – o heróico povo cubano e os seus dirigentes revolucionários continuaram e continuarão a bater-se por uma sociedade mais justa em todas as suas vertentes, na qual as necessidades fundamentais do indivíduo estejam asseguradas, incluindo, claro está, a cultura e a arte, o que implica a constante busca da modernidade, também ela sempre revolucionária.

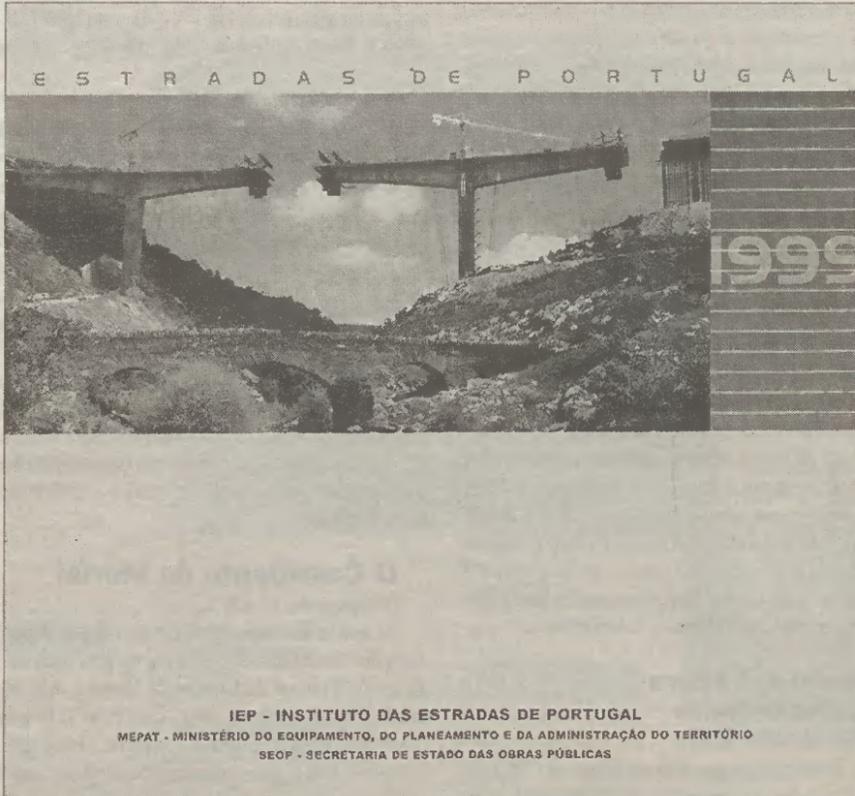
(*) Tradução de «Für Elisa», Bagatela para Piano em Lá Menor, de Beethoven

Espertezas

Escrevemos não há muito, nesta coluna, que, na corrida desenfreada para as eleições em que estão lançados os partidos que partilham entre si a política de direita, o PS não precisava de grande esforço de propaganda. O Governo substituiu o partido, com todas as vantagens. De facto, quanto mais vale a voz e a «aparição» de um minis-

do PSD. Mas se surgem rebuscadas algumas formas de estas virem a lume, não deixa de se notar que se trata, no fundamental, de receitas requentadas que, no entanto, têm dado as suas provas em campanhas anteriores.

O frouxo desempenho de Durão Barroso não teria, de facto, qualquer retumbância sem o escândalo madeirense. Apesar de surgir sob



tro a divulgar os milagres do «bem-estar» alcançado? Centradas como sempre na questão do governo e do primeiro-ministro e menos na das políticas a concretizar e muito menos ainda nos nomes e capacidades dos candidatos a propor aos eleitores, as legislativas – arredados os comunistas para um secundaríssimo plano pelos grandes meios de comunicação social – poderiam parecer, aos olhos do cidadão comum, uma feira, um arraial, a servir de arena aos desmandos verbais dos contendores. Entre beijos e bailinhos, estala o verniz engravatado dos candidatos, que se insultam e ameaçam, usando do vocabulário mais baixo de que são capazes. E são capazes de descer bem fundo.

A descida de nível da «argumentação» partidária tem uma razão muito concreta. É que não há – entre eles – ideias para debater, propostas a discutir, políticas a propor. Tudo, no fundamental, está assente entre eles. O próprio método e estilos se aproximam. Resta, para tentarem estabelecer a diferença, acusarem-se das próprias maldades, arremessando-as ao adversário. E gabarem-se de feitos que, em grande medida, são obra alheia. O PS, que vem prosseguindo com fervor a política que Cavaco Silva comandou com o PSD – continuando a merecer elogios por parte do grande patronato – faz estardalhaço de inaugurações que o PSD se reclama, com alguma razão, de ter sido o lançador. O PSD que, durante quatro anos, manifestou grandes dificuldades na crítica ao Governo socialista por ser patente a obra de continuidade seguida por Guterres, não tem mais do que atribuir-se os louros da estrada ou da ponte cujos caboucos haviam sido abertos pelos sociais-democratas. Gritando de feira em feira, com os telejornais na peugada, o PP zurze uns e outros, a esconder o seu acordo essencial com ambos. A questão fundamental, para os três, é quem se sinta, e com quem, nas bancadas da Assembleia e quem vai arranjar lugar no executivo que dali sair.

Entretanto, nesta difícil contenda, a procura de artificios que possam dar alguma credibilidade à «argumentação» de cada um tem vindo a absorver, parece, grande energia por parte dos arquitectos das campanhas do PS e

a asa trauliteira de João Jardim e da grosseira verve do tiranete das ilhas, o reboque oferecido não foi de menosprezar, se se tiver em consideração o porfiado esforço, desenvolvido pelo poder reinante, em transformar o País

e a opinião pública numa massa de espectadores de big-shows-sic, em que o que está a dar é o nivelamento por baixo. Outra ajuda a Barroso foi oferecida pelo ressurgir – no sentido fantasmático de ressurreição – da poeirenta figura de Cavaco Silva. As más línguas hão-de dizer por aí que, se não fora a pressa revelada por Balsemão na corrida para Belém, Cavaco se teria absterido de aparecer. Mas ninguém lhe negará o sentido de humor com que invectivou o PS que se limita a estabelecer calendários para futuros mais ou menos longínquos, atirando para as «calendas» do próximo milénio as obras que já deviam estar feitas.

É de cimento gordo que vai continuar a falar-se. Emprego, saúde, habitação, educação, cultura? Certamente haverá por aí uma roda-viva de ministros a dizer que há que chegue para todos e de outros a jurar que fariam melhor dentro da mesma política de direita. Mas que haverá de melhor que um comboio pendular, mesmo que a linha seja a mesma? Ou que uma linha à espera de comboios para atravessar o Tejo com preços que, «mais tarde» hão-de ser «corrigidos» pela inflação? Ou que uma boa obra de estrada para toda a gente ver a caminho do Algarve? Para o Partido Socialista, nem são precisos cartazes pagos e a incluir nas despesas de campanha. As inaugurações são oficiais e, por acaso, todas a colaborar nas datas, ao aproximar-se Outubro. Há dias, sem gastar um tusto, o PS, cheio de esperteza, fez a si próprio o favor de, através do Governo, propagandear a obra. Feita e a fazer. Lançada e projectada. Uma cara brochura, editada em não se sabe quantos exemplares pelo Instituto das Estradas de Portugal, do Ministério do mesmo Cravinho, e distribuída gratuitamente junto com um jornal diário, dava ao leitor a conhecer o grandioso feito governamental.

Se isto não é propaganda eleitoral às custas do Estado...



a longamente esperada reconversão da programação da RTP, de uma vez por todas abandonando a ridícula tentativa de se bater, nos mesmos terrenos resvaladiços, com a filosofia de programação das «privadas», antes optando por transformar-se, finalmente, na «televisão de referência» tantas vezes invocada pelos nossos governantes, como solução para recuperar o prestígio entretanto arrastado pelas ruas da amargura.

De facto, como é possível operar essa reviravolta se, todas as semanas, deparamos com erros crassos de programação, como são, a nível da produção nacional, a insistência em programas idiotas como «Os Principais» ou «Os Reis da Música» (este, ainda por cima, em repetição!), a manutenção de pimbalhadas, como «Made in Portugal» e, até, a transfor-

ESCAPARATE

EXPOSIÇÕES



GERARD SARROUY



JORGE PÉ-CURTO



ELISABETE PIMENTEL



MARCELINO GORDILHO



JORGE MEALHA



ALEXANDRA MAYER



HEITOR PAIS

Colectiva de Cerâmica no Chiado

Foi inaugurada no passado dia 27 de Julho e manter-se-á patente ao público até 2 de Setembro, na Galeria Municipal-Gymnásio R. da Misericórdia, Lisboa) uma exposição colectiva de cerâmica escultórica. Estão presentes nesta mostra, cujo horário é das segundas às sextas das 13 às 20 horas, aos sábados das 14 às 19 horas (encerrando aos domingos e feriados) obras dos escultores Alexandra Mayer, Elisabete Pimentel, Gérard Sarrouy, Heitor Pais, Jorge Mealha, Jorge Pé-curto e Marcelino Gordilho.

Tendências contemporâneas

Na Galeria das Descobertas (Centro Cultural de Belém) continua patente ao público até 22 de Agosto a exposição «Flashes – Tendências Contemporâneas», com obras da colecção da Fundação Cartier Para a Arte Contemporânea e da autoria de pintores como Nobuyoshi Araki, Matthew Barney, Stan Douglas, Nan Goldin, Gabriel Orozco, Panamarenko, Raymond Hains, Sophie Calle e Bill Viola. Segundo o texto de apresentação da exposição, «um dos objectivos da Fondation Cartier é o de, através desta colecção, testemunhar a vitalidade e a diversidade da criação contemporânea e uma forma de colecionismo de empresa exemplar, numa perspectiva de actualização da sua imagem».



MÚSICA E ANIMAÇÃO

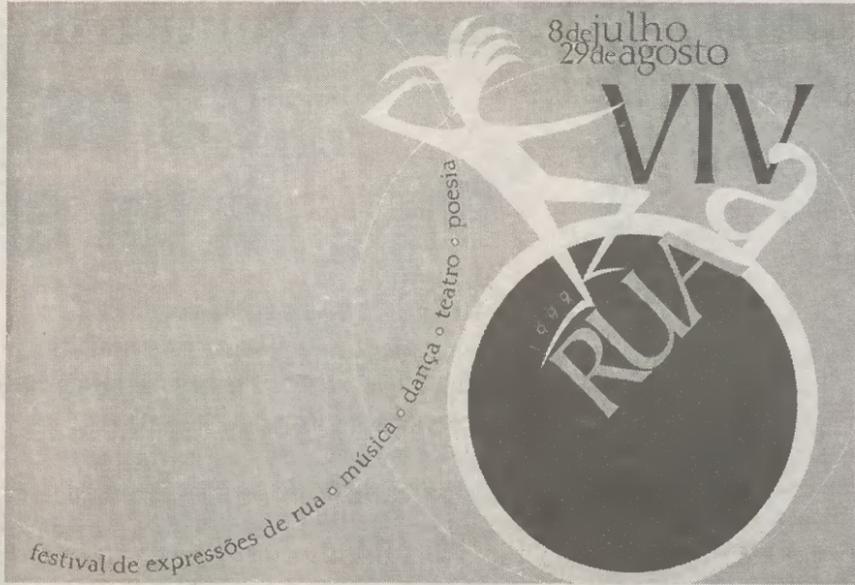
Ao ar livre

O espaço Jardim das Oliveiras, no Centro Cultural de Belém, anima-se durante os fins-de-semana de Verão com espectáculos musicais de vária índole, sempre a partir das 22 horas e com entrada livre, coisa de não somenos importância. Assim, para este mês de Agosto, estão marcadas as actuações do Quinteto de Sérgio Resende (6) e Djanmanca (7); Orquestra Lisboa Latina (13) e Les Fanatiques (14); Rui Melo (20) e Mico da Câmara Pereira (21); e Grupo Marambaia (27) e Irmãos Catita (28). Boa música!

TEATRO

Delírios na Malaposta

Intitula-se «Delírios e Outras Flores» o espectáculo que Paulo Matos estreará já amanhã no Centro Cultural Malaposta (Oliva del Basto). Trata-se, segundo se anuncia na apresentação, de «um espectáculo hilariante da sua autoria, inspirado em grandes autores e actores cómicos (Luís Costa Gomes, Raymond Devos, Robin Williams e Jerry Seinfeld)». Em palco estarão, ainda, a pianista Mercedes Cabanach, o violoncelista Luís Sá Pessoa e o percussionista Lídio Correia, «numa actuação delirante que nos faz rir pela observação do homem comum perante questões triviais e equívocos do quotidiano». É uma co-produção Amascultura / Arsenal d' Arte.



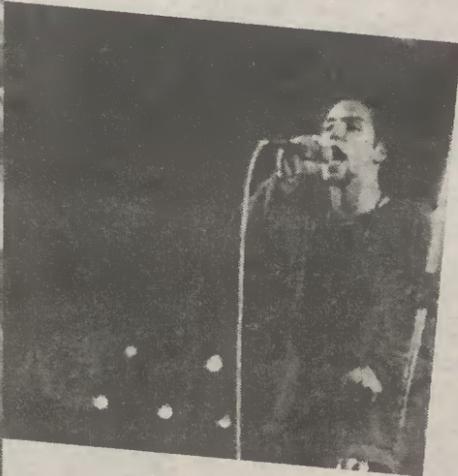
«Viva a Rua», em Évora

Assim adequadamente intitulado, está a realizar-se desde a primeira semana de Julho e prosseguirá até finais de Agosto, um contínuo festival de manifestações artísticas de rua em Évora – aquilo a que os seus organizadores chamam um Festival de expressões de rua – Música – Dança – Teatro – Poesia. São mais de

na Rua», «A Cantiga é uma Arma» e «O Piano está na Rua». Amanhã será a vez de um outro ciclo ter início – «Vozes de Mulher» – com a actuação de Rosa Zaragoza (Catalunha), na Praça do Giraldo às 22 horas. Na sexta-feira, actuará o duo Maria João-Mário Laginha no mesmo local e à mesma hora e, no sábado, também na Praça do Giraldo, será a vez de Baladas Bailadas. Noutros géneros de espectáculo, o destaque vai ainda para o programa «Com Variações de Marionetas em



40 espectáculos musicais, cerca de 12 espectáculos de teatro e, ainda, desportos e outras actividades de ar livre. Tudo começou em 8 de Julho com os «Encontros Musicais de Tradição Europeia», prosseguindo com os ciclos «Jazz em Noites de Verão», «O Teatro Está



Redor da Música», no Largo Chão das Covas às 21.30 (dia 10) ou para «A Tingoma» (Percussão Africana) no dia 11 na Rota dos Bairros, a partir das 18 horas, ou na EPAC às 22 horas. Já a partir do próximo dia 16 e até dia 18, sempre às 21.30, no Bairro da Malagueira, realizar-se-á o «Festival Malagueira Rock», com a participação das seguintes bandas de Évora: Shotgun, Houdini Blues, Swamp, Jam, The Vein e Os Amigos do Nico.

FESTIVAL

Rock e Pop no «Sudoeste '99»

É já amanhã que começa mais um Festival «Sudoeste '99», o terceiro, próximo da Zambujeira do Mar. Distribuído por três palcos diferentes, vão suceder-se até domingo, sempre a partir das 17 e até de madrugada, grupos que procuram tornar-se revelação, como os Pee Wee Montana, os Roll Ana Beat, os Goldfinger, os Mercado Negro ou os Anger, entre outros, para além de formações já consagradas que actuarão no palco principal, a partir das 20 horas. Contam-se entre estes, grupos nacionais e estrangeiros como, por exemplo, Kula Shaker ou Massive Attack (amanhã), Clã, Joe Spencer Blues Explosion ou Xutos e Pontapés (no sábado) e Urban Dance Squad, James ou The Gift (no domingo). Boa curtição!



LIVROS



A Dança das Sombras

Em português, mas do Brasil, esta Dança das Sombras, que Roberto de Sousa Castro nos propõe, através de mais uma edição da Caminho. Na sua colecção Ficção Científica, esta editora – das poucas que se esmera em apresentar obras de qualidade no género – figura agora uma ampla recolha dos contos deste escritor brasileiro que alcançou grande prestígio no seu país e, com este livro, entra em Portugal com recomendações. Desde logo a de António Macedo, destacado autor português no campo da FC, que, falando em prefácio dos treze contos, logo revela que estas Danças incluem «desde invasões alienígenas a histórias de amor raivosas, mundo de terríveis predadores, jogos políticos que fazem lembrar a conspiracy theory, o drama das orações que são atendidas, sonhos fantásticos que nada ficam a dever ao melhor Bradbury»...

Dicionário abreviado de Economia

José María Lozano Irueste

Dicionário abreviado de Economia

Há livros que, embora cobrindo pela sua temática, uma área de conhecimento especializado, não deixam porém de ser úteis para qualquer cidadão que pretenda manter-se minimamente informado. Ao chegar-nos às mãos este Dicionário abreviado de Economia, da autoria do catedrático espanhol José María Lozano Irueste, foi no que pensamos. Não é, de facto, um livro «para ler», mas um precioso auxiliar para a leitura por exemplo de... jornais. Este professor de Economia da Universidade Complutense de Madrid, embora haja certamente construído o dicionário a pensar nos seus alunos – a quem dedica o livro –, não deixa de pensar em nós, pobres mortais, que a cada passo nos vemos confrontados por palavras, muitas vezes em inglês ou, pelo menos, de origem anglo-saxónica, que invadiram a comunicação social e não apenas nas páginas especializadas de economia ou de «negócios». Por isso mesmo um livro interessante. Da Campo das Letras.

ATALHE DE FOICE Abnegação

Afinal a TAP despenhou-se, e foi o seu próprio conselho de administração que esta semana oficializou o desastre.

Segundo as palavras de Norberto Pilar, o novo homem forte da transportadora nacional, a companhia atravessa «um momento preocupante e sem paralelo», dado que o plano estratégico da empresa, visto e citado pelo *Diário de Notícias*, regista uma «acentuada e abrupta quebra de receitas» que se agravou a partir de Novembro de 1998, ao ponto de, em Maio deste ano, o resultado líquido apresentar já um desvio negativo superior a 100%.

A gente lê isto e fica parvo. Quando recentemente esta administração tomou posse, os discursos, sempre inflamados de convicção, afirmaram exactamente o contrário do que agora é dito: disseram, preto no branco, que a TAP ia de novo voar para o sucesso. Pouco depois, e na sequência de mais uns rumores sobre a crise da empresa, esta mesma administração e o próprio ministro João Cravinho passaram mais um atestado de robustez à companhia aérea nacional, respaldado na telenovela das «parcerias estratégicas». A seguir surgiu, mesmo, a apresentação de lucros como prova do bom rumo para onde se teria encaminhado a TAP, glória desta administração rematada, há coisa de duas semanas, com a «jóia da coroa»: a concretização de um acordo entre a administração e o sindicato dos pilotos, pondo fim a um conflito interminável desencadeado há mais de dois anos por estes últimos e que, à superfície da crise, deixou a ideia de ser o responsável pela queda das anteriores administrações. A bondade desta nova administração da TAP seria, aliás, expressamente assinalada por Francisco Felgueiras, porta-voz do sindicato dos pilotos, que fez questão de a elogiar na pessoa do seu presidente, Norberto Pilar. Segundo Felgueiras, o presidente Pilar demonstrou uma «capacidade de diálogo» que nenhum dos seus antecessores foi capaz de ter. Percebe-se porquê. É que a «capacidade de diálogo» de Norberto Pilar proporcionou, finalmente, à elite corporativa dos pilotos a concretização do grande objectivo que há mais de dois anos movia as suas intransigentes e insaciáveis reivindicações salariais: a apropriação da própria empresa, através da atribuição aos pilotos de, pelo menos, 20% das acções numa das três empresas que resultarão do desmantelamento e privatização da TAP.

Dias depois, este mesmo gestor de sucesso vem a pública afirmar que a TAP atravessa «um momento preocupante e sem paralelo».

Mais: este gestor com «capacidade de diálogo» propõe, como resposta à crise, a «total abnegação de todos os trabalhadores», avançando já a ideia de que é urgente «intervir na área do pessoal», introduzir «novos critérios de exigência e responsabilização individual», «conter as promoções» e «criar um subsistema alternativo de saúde, de maior qualidade e mais rentável».

Ou seja: o que a dialogante administração de Norberto Pilar vê como solução para os problemas da TAP é pôr os seus trabalhadores a pagar, em postos de trabalho, salários, carreiras e direitos, os desastres financeiros provocados pela incompetência de sucessivas administrações, incluindo a sua.

Quanto aos pilotos, a quem a administração de Norberto Pilar e o Governo que a tutela já «doou» uma fatia da própria empresa, a esses não se pede «abnegação», certamente porque deixaram de ser «trabalhadores» e passaram a proprietários. O que é absolutamente lógico. No «socialismo» do PS de António Guterres, a repartição dos deveres e dos direitos é a mais democrática do mundo: os deveres vão todos para quem realiza a produção e os direitos pertencem a quem dela se apropria.

■ Henrique Custódio

Comissão Política do PCP denuncia PS está a violar a lei eleitoral

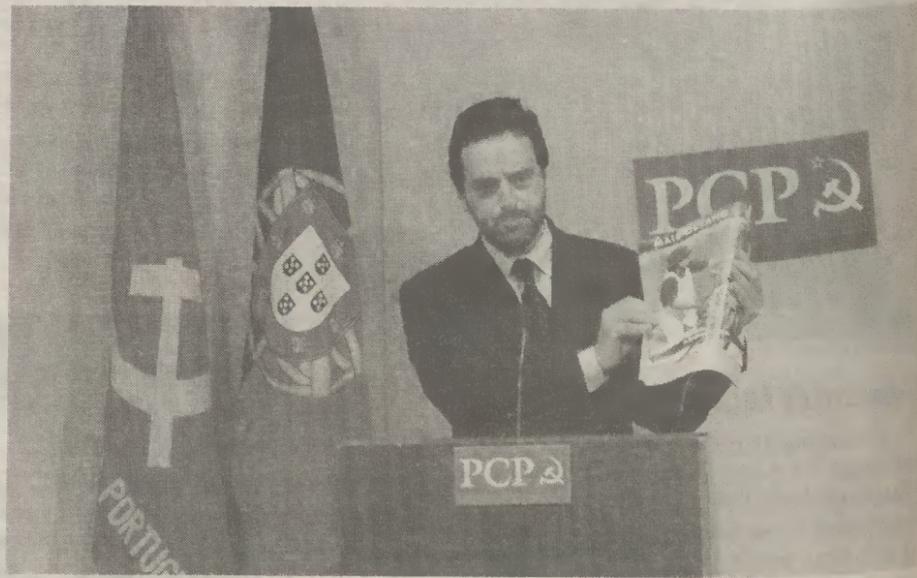
Luís Sá, membro da Comissão Política do PCP, apresentou, na terça-feira passada, na Assembleia da República requerimentos a respeito de alguns casos mais recentes de publicidade do Ministério do Ambiente e do Ministério do Planeamento, do Equipamento e da Administração do Território, exigindo saber quanto foi gasto pelo Governo em publicidade ilegal.

Em conferência de imprensa sobre a situação política e eleitoral, Luís Sá justificou a iniciativa com o facto de o PS estar a violar a lei eleitoral, em especial o princípio da proibição da propaganda por meios de publicidade e o princípio da neutralidade e imparcialidade de todas as entidades públicas.

Segundo o dirigente comunista, neste dias ficou demonstrado, ainda com maior clareza, «o perigo de uma maioria absoluta do PS» já que, sem a ter, o Partido Socialista está já «num caminho de abuso de poder para efeitos eleitorais», instrumentalizando os cargos públicos e utilizando os impostos que todos pagamos para propaganda indirecta do PS.

Foi o caso de inaugurações programadas ou de obras antecipadas por causa das necessidades e objectivos eleitorais do PS ou a publicação no fim da legislatura de programas de ministérios para os próximos quatro anos - como aconteceu na saúde e no ambiente - que afinal «confessam» o que deveria ter sido feito e o muito que não se fez. Mas é igualmente a despuorada tentativa de fazer passar por programas ministeriais o que não passa de novas listas de promessas eleitorais.

Luís Sá lembra também o caso da brochura dita de balanço propagandístico da legislatura, na



Na conferência de imprensa da Comissão Política do PCP, Luís Sá denunciou a instrumentalização que o PS está a fazer dos cargos públicos

realidade propaganda do PS, publicada pelo governador civil de Évora. E o caso, há dias verificado, de um filme de campanha do PS, feito numa escola pública, a Escola de Formação Profissional do Alentejo, situada em Évora. «O ministro da Agricultura é o primeiro candidato deste círculo eleitoral», mas a campanha «parece que a pagamos todos nós».

«Escandaloso» é ainda o caso do livro «Estradas de Portugal» distribuído há dois dias com jornais. «O custo deste livro daria

certamente para melhorar o mau estado das estradas com que muitos portugueses são confrontados», diz o dirigente comunista, referindo ainda a existência de inúmeros casos de publicidade ilegal do PS, «apresentada como propaganda de ministérios, de entidades públicas e de empresas de capitais públicos».

trar «uma fronteira entre o que é prestar contas e o que é usar e abusar do dinheiro dos contribuintes para uma campanha partidária de intenção eleitoral.

O PCP exige ainda a suspensão imediata de toda esta publicidade, não só ilegal como enganosa, já que, por exemplo, em relação ao caso da Junta Autónoma

de Estradas, o PS através do Governo e do novo Instituto de Estradas de Portugal responde «à situação escandalosa e às obras por fazer ou atrasadas com o referido livro distribuído gratuitamente com jornais. Livro que, mostrando «a série de inaugurações ou de suposto lançamento de obras prevista para as próximas semanas e até às eleições» aponta para uma campanha eleitoral e pré-eleitoral com forte instrumentalização dos lugares públicos e deixa por responder perguntas fundamentais.

Por outro lado, importa encon-

Camuflar os problemas

Ainda como caso de publicidade enganosa, Luís Sá refere o do suplemento «Água» publicado no jornal *Expresso* do passado dia 17 de Julho que se segue ao suplemento de 300 000 exemplares, também do Ministério do Ambiente, com o título «O litoral está a mudar» e a outros. O objectivo é sempre o mesmo: «camuflar os sérios problemas que envolvem a política do ambiente em geral e o sector dos recursos hídricos».

Também nestes dias, em mui-

tas regiões, Portugal é um país a arder. A resposta foi há poucas semanas um suplemento de publicidade comercial «Floresta Viva», enquanto Portugal enfrenta processos da União Europeia por directivas sobre ambiente não cumpridas e outras estão previstas.

É o caso da água, em que Portugal tem que enfrentar uma acção da Comissão perante o Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias por causa da falta de quali-

dade das águas balneares (10,5% das águas costeiras e 79% das águas interiores sem qualidade), sendo, contudo, interessante verificar que «a publicação do referido suplemento como publicidade comercial surge ao mesmo tempo que se verifica a publicação de notícias de inúmeros processos, que na área do ambiente a União Europeia levantou ao Governo português».

Desses, cinco processos referem-se a omissões do Governo

português quanto a medidas impostas pelas directivas da União Europeia que, apesar de frequentemente integradas no Direito Nacional, não são transpostas para a realidade.

É o caso da directiva relativa à água de consumo humano que, por não ter sido correctamente transposta, resultou já em coima, obrigando o Estado português, segundo notícias vindas a público, ao pagamento de mais de 20 mil contos diários.

A verdade é que apesar da publicidade enganosa, paga pelo erário público, o Ministério do Ambiente não consegue disfarçar a situação penosa em que se encontra no final desta legislatura; que nenhum dos seus grandes projectos resultou positivamente; que a questão dos resíduos sólidos e dos resíduos industriais tóxicos está por resolver; que o Plano Nacional da Água nunca mais é Plano.

Pôr cobro aos abusos

«As listas do PS foram formadas com base em ministros, secretários de Estado, governadores civis, presidentes de câmara e outros titulares de cargos públicos ou de entidades de capitais públicos», sublinhou ainda Luís Sá.

Este facto torna especialmente urgente uma resposta positiva ao apelo do PCP no sentido de que «termine a confusão entre tarefas de candidatos partidários e desempenho de cargos públicos».

«Tem que existir um respeito escrupuloso pelo princípio da neutralidade e imparcialidade de cargos públicos», defende o dirigente comunista, garantindo que o PCP solicitará a intervenção de todas as entidades, desde o Presidente da República à Comissão Nacional de Eleições e aos tribunais «para que seja posto cobro a abusos e ilegalidades».

Luís Sá acentuou, entretanto, o facto de algumas medidas

positivas terem sido possíveis «porque o PCP as impôs», da mesma forma que foram impedidas algumas outras negativas, assim como o de ter sido a maioria relativa que permitiu também o funcionamento do papel fiscalizador da Assembleia da República. O que não seria possível com uma maioria absoluta.

Deve, pois, ser outro o caminho para a democracia portuguesa e para Portugal.





AMORA-SEIXAL

Festa Avante! 1999
 3, 4 e 5 Setembro
 Atalaia • Amora • Seixal

SOLIDARIEDADE
 SEXTA 3
 SÁBADO 4
 DOMINGO 5

EP Entrada Permanente
já à venda

Os artistas da Festa!

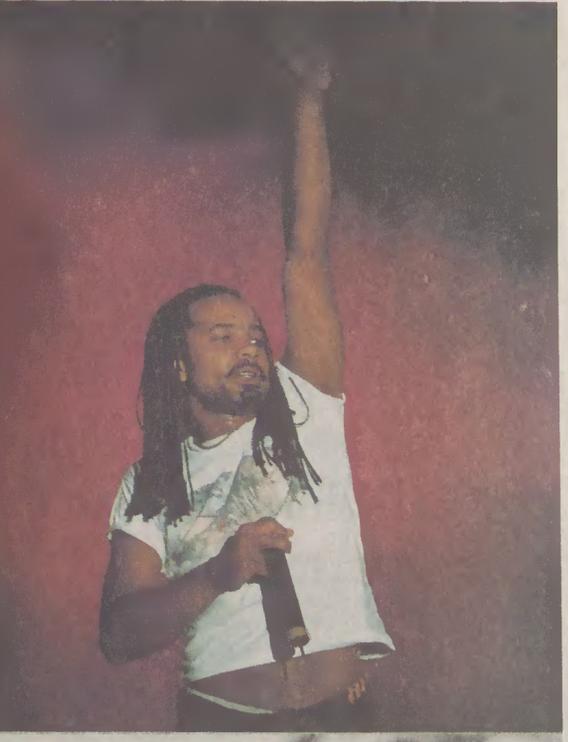
Hévia



ROCK & REVOLUÇÃO

LINHA DA FRENTE
 RUGER PENHA
 RUGER PENHA

Santos & Pecadores



Ala dos Namorados



Blasted Mechanism



Xutos + Corvos



João Afonso





Os artistas da Festa

José Angel Hevia

O músico que devolveu a gaita de foles ao povo das Astúrias

Poucas vezes tradição e modernidade se combinaram de forma tão feliz. Tambores e *didgeridús* asturianos dão a mão às baterias mais enérgicas. Os ancestrais cantares das mulheres das montanhas da Europa partilham sons com os ritmos frenéticos do fim do milénio. A secular gaita alia-se à magia da electrónica. Tudo isso constitui parte essencial do trabalho com o que o gaiteiro asturiano José Maria Hevia inicia uma trajetória artística, que promete ser intensa, com um álbum onde os seus ancestrais fundem as raízes na mais radiante modernidade. *Terra de ninguém* é um disco que estava escrito há muitos anos e que nunca se tinha escrito. É a banda sonora de um povo no sopé da montanha e de qualquer rincão do planeta. De Hevia, nascido em Villaviciosa, em 1967, só se conhecia até à data um tema de recorte muito tradicional, *A procissão*, que se incluiu no primeiro volume da antologia *Nações celtas* (1997). A primeira vez que soprou uma gaita de foles, a gaita, como simplesmente se diz em Espanha, o pequeno Angelillo contava apenas dez anos e deixou toda a sua família constrictada. «Então, há que dizê-lo claramente, tocar gaita estava associado ao mais grosseiro homem da região», relembra, agora, divertido. E aponta: «Chamavam-nos *A quinta do biberão* e não éramos mais de 25 em toda a Astúria. A minha mãe chorou a primeira vez que actuei em público, porque a gaita era um símbolo rural, de romaria, próprio dos bêbados abançados junto à barraca da cidra». Não corriam bons tempos para a tradição, mas o veneno da música popular havia sido inoculado: «A primeira vez que vi uma gaita, não o esquecerei nunca, tinha quatro anos e ia passeando com o meu avô, mineiro», relata. «Ele era um homem que não tocava nesse momento, mas permanecia abraçado à sua gaita. Essa imagem levou-me a pensar que este instrumento não é só a sua música: eu considero-o a própria representação do povo». Desde aqueles tempos já remotos, José Angel e a sua gaita constituíam um binómio indissolúvel. Hevia era inclusive um rapaz aplicado e licenciou-se em Filologia Hispânica («ficaria encantado se algum dia se estudasse filologia asturiana», suspira), mas o seu caminho ia por outros rumos bem diferentes: primeiro, como insaciável aprendiz de gaiteiro, mais tarde afaidando-se em concursos e certames por todo o país; por fim, lançando a semente com a fundação de diferentes escolas de gaitas. Hoje, Hevia pode orgulhar-se do primeiro prémio no Festival Intercéltico de Lorient de 1992 – talvez o encontro mais

relevante de todo o calendário celta – e de dirigir meia dúzia de bandas de gaiteiros por toda a Astúria. «Dos 25 que éramos quando *biberões* passámos a mais de 3000 gaiteiros na actualidade», conta orgulhoso. Assentes convenientemente as raízes, gravar um disco próprio constituía um salto qualitativo importante. E *Terra de ninguém* supõe um passo em frente muito decidido. O seu autor partiu do repertório tradicional asturiano e transformou-o numa linguagem cosmopolita e universal. Sem contemplos nem mais limites que os da própria imaginação. «Os cânticos *sampleados* dos índios *arapahoes* venderam milhões de discos em todo o mundo. Porque não pode ser um êxito a toada tradicional, a que cantam os pastores enquanto tratam do gado?», raciocina Hevia. Assim, os temas da *Terra de ninguém* sabem pouco de fronteiras. *Se a neve*, por exemplo, arranca com uma melodia asturiana, introduz elementos do gosto céltico e desemboca no tilintar de um alaúde árabe. *Llaciana* é uma bela música popular rejuvenescida que entronca na parte de acervo ibérico que a todos nos toca. E o *Collectiviu Etnográfico Mueyes* salpica o disco de umas vozes que, contra todo o prognóstico, colocam Astúrias mesmo no coração do Sahara. Parágrafo à parte merece um dos grandes achados do disco, esse artifício que nos créditos figura como «gaita electrónica Multimétrica» e que, fazendo gala do seu instinto didáctico, José Angel define assim: «É para a gaita o que o teclado electrónico é para o piano». Trata-se de uma gaita MIDI que permite ao seu executante imitar o som do violino, da flauta, do acordeão, da sanfona, ou do que calhe, o que multiplica extraordinariamente as possibilidades do instrumento. O invento nasceu nas aulas de gaita de Hevia com um objectivo do mais prosaico: que o aluno pudesse praticar em casa com auscultadores para não incomodar a vizinhança. Agora, quase quatro anos depois, este músico prepara, graças à sua gaita MIDI, aulas em tempo real através da Internet. As fronteiras, uma vez mais, saltam em fanicos. Entre umas coisas e outras, mais do que um purista levantará as mãos à cabeça, mas Hevia confessa-se muito pouco preocupado com isso. «O purismo é muito necessário, mas penso que deve ser compatível com a investigação com vista ao futuro», assegura. E conclui: «Não me importa que as gaitas do século XXI tenham uma forma um pouco diferente das actuais. O que não quero é que terminem nas vitrinas dos museus. Também houve um momento em que no instrumento se introduziu o tubo, e não creio que ao seu inventor se deva tratar como a um herege».

Jon Fromer

A canção de luta nos EUA

Jon Fromer nasceu num dos mais lendários bairros da música popular norte-americana: Haight Ashbury, em S. Francisco, desde o início do século e até hoje a residência de vanguardas estéticas, musicais e políticas, dos poetas *beatniks* aos *hippies*, das sedes de sindicatos às associações de defesa dos direitos das minorias. Filho de uma família de músicos e de activistas políticos, Fromer é dos poucos músicos da área da música de intervenção que tem simultaneamente conseguido romper os obstáculos da grande

indústria (ganhou já dois EMMYS por trabalhos para a televisão e trabalhou com nomes tão conhecidos como Henry Mancini ou os Beach Boys) e mantido uma intensa actividade cívica e política. Além de actuações com nomes consagrados como Pete Seeger e Buffy St. Marie, de uma memorável digressão pela África do Sul com o grupo Vukani Mawethu (que desenvolveu importante papel no movimento anti-apartheid na Califórnia), Fromer gravou recentemente o CD «We do the Work», um álbum gravado ao vivo e bem representativo da capacidade dessa comunicação comum aos cantores folk norte-americanos. Além de dirigente sindical (é membro da direcção da Federação Americana dos Artistas de Televisão e Rádio), Fromer envolveu-se igualmente na constituição da Freedom Song Network, uma organização que vai buscar as suas raízes à *People Songs*, de Woody Guthrie e Seeger. A Network reúne presentemente várias centenas de cantores associados na região de S. Francisco, assegurando presenças em greves, comícios e reuniões sindicais, como sucedeu com o próprio Fromer que este ano, uma vez mais, encerrou o espectáculo da convenção nacional da AFL-CIO.



CONCERTO PARA SOPROS

Orquestra Filarmonia das Beiras

No último dia 31 de Julho de 1998 terminou, com o seu centésimo concerto, a temporada artística da Orquestra Filarmonia das Beiras, a 2.ª desde os acordes iniciais que soaram em Dezembro de 1997. A 3.ª temporada iniciou-se à noite de 3 de Setembro no Auditório «1.º de Maio» da Festa do «Avante!». A temporada concluída em Julho assinalou o significativo passo da presença da formação sediada em Aveiro para além da sua área de implantação: um concerto em Loures integrado nas respectivas Festas do Município e o outro a norte, inserido no reconhecido Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim. A Orquestra das Beiras é uma organização jovem, mas com estratégias determinadas. Os seus responsáveis afirmam a vontade de vivificar o quadro de músicos profissionais em Portugal, jovens instrumentistas portugueses principalmente, desejando igualmente potenciar o mérito de directores de orquestra portugueses, apoiando-os na sua formação e recolhendo os frutos desse processo. Simultaneamente, a Filarmonia das Beiras tem procurado fortalecer os laços com a

comunidade musical da região possibilitando a alunos de escolas de música regionais trabalharem e apresentarem-se em público com uma orquestra profissional, procurando agora alargar esse trabalho a outras entidades ligadas à música, como acontece com os grupos corais. A Filarmonia das Beiras tem igualmente trabalhado com solistas convidados, como foram os casos do francês Phillip Galois ou do húngaro Istvan Matuz, flautistas de renome mundial, do pianista Jorge Moyano, estando previstas para a próxima temporada as presenças, entre outras, do saxofonista americano Robert Kriz e do maestro Gerhad Samuel. Igualmente prevista a estreia absoluta da obra «A Ver o Mar» do compositor português Eurico Carrapatoso e a gravação do primeiro CD com orquestrações do Professor João Pedro Oliveira para materiais de Schubert. O concerto apresentado pela Filarmonia das Beiras estará a cargo do naipe de sopros da orquestra, com um programa adequado que inclui obras de Richard Strauss, Antonin Dvorak e Carl Orff.

Luís Filipe de Carvalho

Maestro Convidado

Natural da cidade do Porto, onde nasceu em 1974, iniciou os seus estudos musicais aos 11 anos, ingressando no Conservatório de Música daquela cidade em 1989, onde concluiu o curso complementar de clarinete na classe do professor Moreira Jorge (1993). Prosseguiu os seus estudos na ESMAE e na classe do professor António Saiote, da qual saíria licenciado em 1998. Galardoado em diversos concursos, destacam-se o «Prémio Helena Sá e Costa» (1997), o 1.º Prémio de música de câmara (quarteto de clarinetes) nos «Concursos JMP - 1995» e ainda o «Prémio para os melhores alunos de cada curso» (1994), atribuído pelo IPP. Em 1991 foi 1.º classificado nos concursos de admissão à «Orquestra Portuguesa da Juventude», frequentando, como 1.º clarinete, os sucessivos estágios de intercâmbio luso-alemão e luso-francês. Já em 1996, apurado entre instrumentistas de 24 países, participou no estágio da «Orquestra Sinfónica de Jovens do Mediterrâneo» em Aix-en-Provence (França). Participou ainda, no âmbito do curriculum do curso superior de clarinete, na Orquestra «Sinfonieta» (ESMAE - 1996/97). Como executante de clarinete baixo tem colaborado regularmente com a «Orquestra Nacional do Porto» e a já extinta «Orquestra Clássica do Porto», em programas tão específicos como a produção da ópera «Madame Butterfly» (1996), as «Comemorações do Centenário de George Gershwin» (Teatro Rivoli - Porto/1998), ou o «XII Festival Internacional de Música de Macau» (1998). Saliente-se também a participação na estreia absoluta da ópera de câmara «O doído e a morte», de Alexandre Delgado, com os «Solistas do Porto» na Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura. A convite da «Associação Portuguesa de Clarinete» executou um recital exclusivamente dedicado à música do século XX no CLARMEETOPORTO - Congresso Internacional de Clarinete (Porto - Maio 1997) e, a convite do professor Saiote, no «1.º congresso EUROCAST de Clarinete e Saxofone» (Budapeste / Hungria - Agosto 1997), sendo elogiadamente citado pela crítica especializada (revista «The Clarinet»). A convite da professora Helena de Sá e Costa foi solista no concerto de encerramento dos «V Encontros da Primavera» (Guimarães - Maio / 1998), com a Orquestra Nacional do Porto, a convite do maestro Fernando Eldoro com a Orquestra Filarmonia das Beiras no festival «Musique en Guyenne» (Monflanquin/França - Julho/1998). Lecciona actualmente na Escola Profissional de Música de Espinho, Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto. Desde 1997 solista principal da Orquestra «Filarmonia das Beiras».

PROGRAMA

I PARTE

- | | |
|--|--|
| Richard Strauss
(1892 - 1955)
Serenata para Cordas, Op. 7
I - Andante | Antonin Dvorak
(1845 - 1924)
Serenata in D menor Op. 44
I - Moderato, quasi marcia; II - Minuetto. Tempo di minuetto; III - Andante com Moto; Finale. Allegro molto |
|--|--|

II PARTE

- | |
|---|
| Carl Orff
(1809 - 1847)
Carmina Burana
(Arranjo para Sopros e Orquestra)
I - O Fortuna; II - Primo Vere; III - Uf dem Anger; IV - In Taberna; V - Cour d'amours |
|---|

Luís Carvalho, Direcção

Festa
1999
Avante!
3, 4 e 5 Setembro
Atalaia * Amora * Seixal

Os artistas da Festa!



Santos e Pecadores

Surgidos em 1987 e tendo no vocalista Olavo Bilac a sua figura mais destacada, os **Santos e Pecadores** afirmaram-se nesta década como uma das mais sólidas formações nacionais com um crescendo de êxitos, seja nas suas edições discográficas, seja

nas suas apresentações em público. Ao completarem dez anos de carreira receberam o Duplo Galardão do Disco de Ouro para os dois registos que haviam entretanto efectuado. No final desse mesmo ano lançaram o

aclamado disco ao vivo gravado ao longo de três concertos consecutivos no Paradise Garage. Registado o ano passado e lançado em Maio deste ano, o álbum «Voar» encontra-se neste momento em n.º 1 do top nacional de vendas.



Xutos + Corvos



Com quase 20 anos de uma carreira ininterrupta iniciada em 26 de Janeiro de 1980, os **Xutos** são uma banda que dispensa qualquer apresentação. A sua presença na Festa do «Avante!» deste ano será enriquecida pela actuação, integrada no seu espectáculo, das sugestivas criações de temas seus interpretados pelo grupo de cordas **Os Corvos**.



Ala dos Namorados

O grupo criado em 1993 pelo ex-Trovante João Gil e por Manuel Paulo Felgueiras ganhou com a entrada do vocalista Nuno Guerreiro, um contra-tenor de invulgares



dotes vocais e interpretativos, uma personalidade que fez dele não apenas um «caso» no panorama português, como o fez entrar já no circuito europeu onde lhe foi reconhecida não apenas particular originalidade, como uma criadora identidade com as suas raízes na música portuguesa. O último trabalho e especialmente o tema «Solta-se o Beijo», gravado ao vivo, subiu rapidamente nas tabelas até chegar a disco de prata, prosseguindo um ano particularmente profícuo que levou o grupo ao Japão, a França, Espanha, Bélgica, etc. e a colaborações com nomes tão sonantes como Wim Mertens, Michael Nyman, Aldo Brizzi, Carlinhos Brown e Akira Senju.

Rock & Revolução

O projecto **Rock & Revolução** nasceu para as Festas de Lisboa deste ano, traduzindo a ideia de diversos músicos de rock de criarem um espectáculo que se ligasse à passagem do 25.º aniversário da Revolução dos Cravos. O entusiasmo que a sua primeira (e até agora única) apresentação gerou levou à proposta para nova actuação no Palco «25 de Abril» da Festa. Constituem o colectivo de **Rock & Revolução** os músicos (da esquerda para a direita e de cima para baixo na foto) Luís Varatojo (*Despe e Siga*), Viviane (*Entre Aspas*), Jahnello (*Kussundulola*), Dora (*Delfins*), Rui Duarte (*Ramp*), João Aguardela (*Sitiados*), Emanuel Ramalho (bateria), Castora (percussão), Miguel «Magic» (percussão), Nuno Rafael (guitarra), Jaime Oliveira (piano e teclados) e ainda João Marques (trompete), Jorge Ribeiro (trombone), João Cabrita (saxofone). O repertório do espectáculo vai de Cesária Évora a Zeca Afonso, passando por José Mário Branco e Chico Buarque.

Dany Silva

O novo CD de **Dany Silva**, «Tradição», reflecte nas suas colaborações o respeito e interesse que a carreira do cantor cabo-verdiano - que remonta já aos anos 60 - tem despertado entre nós: Carlos do Carmo, African Voices, Sara Tavares e Rui Veloso participam no registo, dando aliás continuidade a colaborações que têm levado o cantor a participar como convidado em espectáculos dos artistas que agora o acompanham. **Dany Silva**, para além de ser uma das mais destacadas presenças da dinâmica cena cabo-verdiana em Portugal, tem largamente contribuído para a sua expansão europeia com espectáculos aplaudidos em Montreux, Amsterdão, etc, tal como no Brasil onde se apresentou o ano passado.



João Afonso

Cantor e compositor, **João Afonso** conseguiu na carreira que iniciou no princípio da década uma proeza de que poucos artistas se podem orgulhar: manter junto do público a natural ligação a seu tio, Zeca Afonso, conseguindo, entretanto, quer como compositor, quer como intérprete, afirmar uma identidade e uma sonoridade próprias. Nascido em Moçambique, **João Afonso** assume claramente as influências rítmicas e melódicas da sua infância africana, o que reconhecidamente constitui um dos factores de maior sedução dos seus trabalhos.



Navegante com Isabel Silvestre

Nascidos em 1992 animado pelo cantor, compositor e multi-instrumentista José Barros, os **Navegante** rapidamente foram reconhecidos como um dos mais criativos e consistentes grupos do que se convencionou designar por MPP. A semelhança do que tem sucedido nos últimos anos

(constituindo aliás um significativo traço da vitalidade da Festa), os **Navegante** prepararam para a sua presença este ano na Festa um programa especial que inclui a presença da cantora **Isabel Silvestre**, justamente celebrizada pelas suas interpretações com o Grupo de Cantares de Manhouce.



Orquestra Sons da Lusofonia

Dinamizados pelo saxofonista Carlos Martins, «Cainha», os **Sons da Lusofonia** conseguiram conquistar um espaço muito particular numa área de encontro de culturas musicais lusófonas onde outros projectos encontraram

de união no cruzamento de influências da música dos países de língua portuguesa, coerência conseguida em grande parte por um criador recurso a uma linguagem jazzística como base do diálogo. Para a Festa do «Avante!», os

Sons da Lusofonia prepararam um programa especial ligado às comemorações do 25.º aniversário do 25 de Abril e às diversas leituras proporcionadas pelo seu impacto nos vários países cujas raízes musicalmente estão presentes no grupo.

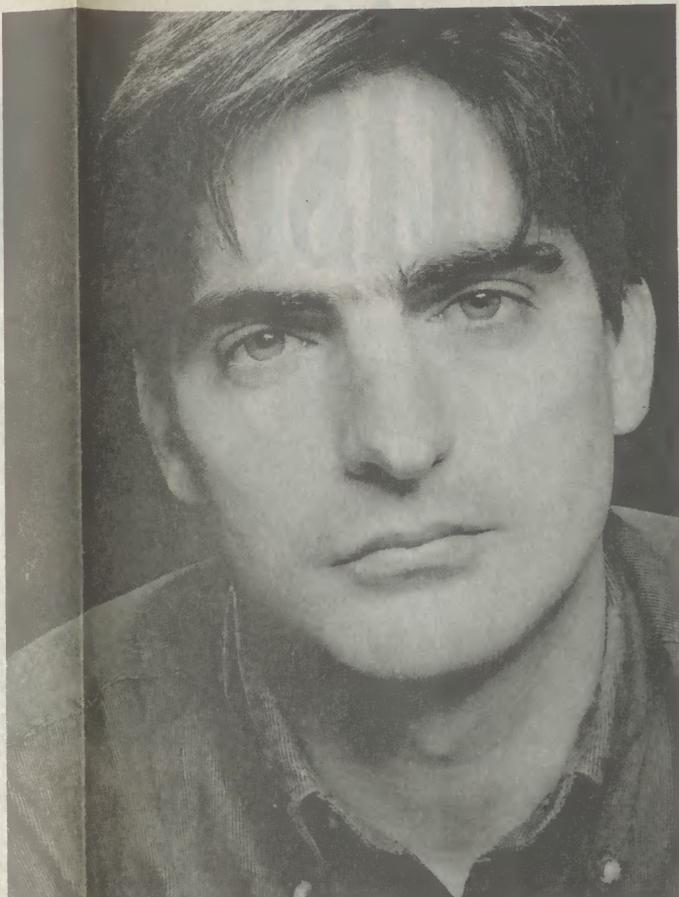


Blasted Mechanism

N um breve espaço de tempo, os **Blasted Mechanism** impuseram-se na cena rock portuguesa como uma das mais originais formações surgidas nos últimos anos, nomeadamente através de uma criadora e imaginativa apresentação cénica que inclui

cenários, guarda-roupa e adereços especialmente concebidos para os músicos, que para tanto têm contado com a colaboração de nomes conhecidos entre artistas plásticos, estilistas, fotógrafos e performers. Para além do seu visual, o

grupo «inventou» igualmente um instrumento, o *bambulêco*, uma fusão de guitarra e contra-baixo, que ligado ao recurso a percussões improvisadas (caixas metálicas, bidons, etc.) constroem um som igualmente original e trepidante.



Camané

Tendo ganho em 1979 a Grande Noite do Fado, **Camané** é hoje inquestionavelmente um dos nomes fundamentais do Fado, género que tem conhecido um renovado interesse por parte de públicos crescentemente diversificados.

Os anos de 1998 e 1999 foram de consagração, começando com a gravação do CD «Linha da Vida», produzido por José Mário Branco, no espectáculo do qual, no Teatro Camões, já este ano, viria a actuar como artista convidado, situação em que também se apresentou no

espectáculo de Carlos do Carmo no CCB. Digressões no estrangeiro, colaborações com o grupo Ala dos Namorados, com Filipa Pais, Carlos Martins marcaram os últimos meses, estando em preparação novo CD com edição prevista para Outubro.

Os artistas



Quadrilha

Com quatro CD's gravados e uma presença já regular no circuito folk europeu, o grupo de Sebastião Antunes tem vindo de

ano para ano a ganhar uma consistência que releva não apenas de um persistente trabalho criativo (que se reflecte

igualmente na produção de como «Ai, Caramba», «Na Dinheiro» e outros), mas a solidez que se conquista



hands on approach
blown



Hands on Approach

A banda setubalense formada em 1996 para um «unplugged» em directo da Antena 3, «estoirou» como um verdadeiro furacão este ano ao lançar o seu primeiro CD em escassas semanas primeiro para disco de prata, disco de ouro ao fim de dez dias e a caminho de ser platina! Para trás deste registo (que contou com os cuidados técnicos de Darren Allison e foi remasterizado em Abbey Road), ficam meia centena de concertos que deram já à banda uma rodagem que lhe permite enfrentar o palco com segurança correspondente ao êxito obtido em disco.



Ramp

Criados em Agosto de 1988, os **Ramp** já se confirmaram como das mais sólidas formações do rock português, não apenas em digressões pelo país, como com actuações no estrangeiro, mercado reconhecidamente difícil nesta área musical. Recentemente lançado o seu terceiro CD, «Evolution, Devolution, Revolution», prossegue uma carreira discográfica muito bem recebida pela crítica nacional e estrangeira, que reconhece igualmente à banda uma consistente energia nas presenças ao vivo.

Noites do Ribatejo



O Ribatejo é tradicionalmente a extensão do universo fadista lisboeta e das vilas e cidades da lezíria têm vindo alguns dos mais consagrados intérpretes de Fado. Para além disso, o Ribatejo é ainda o local onde se encontram duas manifestações populares com inquestionáveis ligações históricas e que se têm acompanhado ao longo de dois séculos - o Fado e o Fandango. O espectáculo **Noites do Ribatejo** conta com a presença de sete cantores (Cristina Branco, Teresa Tapadas, Helena Leonor, João Chora, Carlos M. Pereira, Carlos Lisboa e António Figueiredo), um guitarrista e duas violas (Custódio Castelo, Carlos Velez, João Chora), dois fandanguistas do consagrado grupo de Riachos (António Veríssimo e José Triguinho) e a apresentação de Raul Caldeira.



Blind Zero



s da Festa

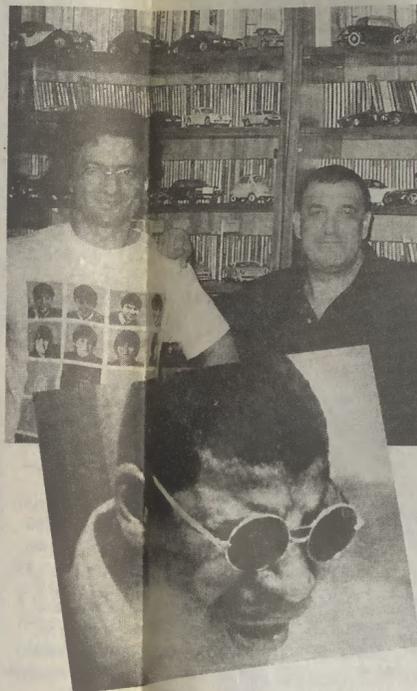
Festa
1999
Avante!
3, 4 e 5 Setembro
Atalaia * Amora * Seixal

Quinteto de Carlos Martins

O CD «Sempre» gravado pelo saxofonista Carlos Martins, editado em Maio deste ano, além de reunir uma formação de luxo do jazz português (Bernardo Sasseti ao piano, Carlos Barreto no contrabaixo, Mário Delgado na guitarra

eléctrica e Alexandre Vazão na bateria), conseguiu uma proeza que muitos consideram impraticável: desenvolver um impecável fraseado jazzístico a partir de temas de compositores portugueses (Sérgio, Zé Mário, Zeca, Fausto, Paredes e outros) ligados ao 25 de Abril e que têm em comum além disso o terem construído uma

sonoridade caracterizadamente portuguesa cuja compaginação com o jazz parecia difícil de conseguir. Do público aos críticos de jazz mais exigentes a opinião foi unânime e «Sempre» tem obtido um êxito invulgar para gravações desta área, assegurando um espectáculo de grande qualidade.



Orquestra de Jazz de Matosinhos

O Norte tem sido tradicionalmente berço de muitos dos melhores músicos portugueses, com destaque para o jazz, realidade que nos últimos anos tem sofrido ainda novo alento pela realização de numerosos festivais que têm trazido nomes consagrados, nomeadamente da cena americana.

A Orquestra de Jazz de Matosinhos, uma big band com vinte e uma figuras, nasceu da iniciativa dos seus directores, Pedro Guedes e Carlos Azevedo, que apresentam um dos mais ricos curriculums musicais, que inclui passagens pela exigente indústria cinematográfica americana.

Francisco Ceia

Com uma carreira que remonta a 1976 quando se estreou como actor profissional no CENDREV de Évora, Francisco Ceia tem mantido igualmente uma presença constante como cantor e compositor na esteira dos intérpretes que tanto contribuíram para o desenvolvimento da música popular portuguesa nas décadas de 70 e 80, de cuja aceitação pelo público é prova a edição de novo trabalho gravado, «Fado Singelo», com lançamento previsto para exactamente Setembro deste ano.



Telectu com Sunny Murray

O grupo de Jorge Lima Barreto e Vítor Rua tem anualmente assegurado a presença nos seus espectáculos na Festa de alguns dos nomes mais significativos da música de vanguarda e electro-acústica da Europa. Este ano, o duo convidou o consagrado baterista Sunny Murray, um nome seminal do free jazz que tem mantido uma presença regular e activa em numerosas formações de jazz.



Ciganos de ouro

Com o seu segundo álbum, «Libertad», o grupo Ciganos de Ouro confirmou a originalidade de um som inquestionavelmente ligado ao flamenco andaluz, mas onde, nomeadamente após a colaboração com Pedro Jóia, é possível encontrar uma

originalidade que, sem nada retirar à energia e virtuosismo da música do sul de Espanha, lhe concede um cunho que, com alguma coisa de português, tem aberto à banda um sucesso que nem sempre tem estado ao alcance de formações idênticas do país

vizinho. Para a Festa, os Ciganos apresentarão um espectáculo não só enriquecido com os sopros presentes no seu último CD, mas também com a presença de bailarinos de flamenco.

Alcoolémia



O CD «Até Onde», último trabalho dos Alcoolémia, veio confirmar - até pela curiosa e significativa diversidade dos convidados para a gravação - uma banda que, reclamando-se do rock, tem procurado uma sonoridade própria e variada, recorrendo a instrumentos electricificados que alternam com acústicos e a uma diversidade de ritmos e intensidades que explica a sua aceitação junto de um largo espectro de público.



Belle Chase Hotel

Com o CD «Fossanova», o grupo de Coimbra Belle Chase Hotel revelou-se como uma das mais elaboradas e originais apostas do panorama musical nacional. Surgidos em 1995,

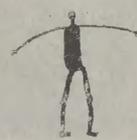
os Belle Chase revelam uma multiplicidade de influências musicais e culturais que, para além das próprias características das suas apresentações, os integram claramente no universo sofisticado e esteticamente

elaborado do cabaret alemão e das afinidades deste com o jazz americano. A crítica tem sido justamente entusiástica, tendo o grupo sido considerado a revelação de 1998.

Toca a rufar



TOCA RUFAR
ORQUESTRA DE PERCUSSÃO



estrada e na exigência de tournées nacionais e estrangeiras.

Fora pelos pergaminhos que rodearam os seus registos em estúdio, os Blind Zero mereceriam já um lugar de destaque na cena nacional, ao contarem na produção dos seus trabalhos com colaborações tão destacadas como produtores que trabalharam já com Madonna, Miles Davis ou Gil Evans (Michael Yail Blum, Mark Wilder, etc).

Este facto decorre, contudo, como é natural, de uma reconhecida capacidade de composição do grupo e a originalidade da sonoridade que impõem aos temas criados. Com uma formação rock inteiramente clássica (voz, duas guitarras, baixo e bateria), o grupo tem assinado algumas das mais vivas actuações nos palcos portugueses.

Espaço Internacional Solidariedade com os povos em luta



A Espaço Internacional volta a ser o lugar da solidariedade para com a luta dos povos pela paz, contra a exploração, por um mundo mais justo. Desta vez, o visitante vai encontrá-la logo junto à entrada da Quinta da Princesa, onde as condições no terreno permitem que as estruturas surjam mais dispersas no terreno, beneficiando da sombra fresca das grandes árvores existentes na zona.

Como sempre, o ambiente é acolhedor e animado, quer seja nos restaurantes, bares e stands, quer seja no auditório onde, para além de debates sobre temas candentes com a participação de delegados estrangeiros, dirigentes do PCP, e especialistas nas temáticas internacionais, terão lugar espectáculos com grupos que nos trazem o colorido de outras músicas e sons.

Nos debates deste ano assumem particular relevo as questões da guerra e da luta pela paz, assunto que de resto estará presente sob diversas formas no Espaço Internacional. A guerra na Jugoslávia, a agressão da Nato e os média; a Nato e as despesas sociais; são temas em foco nas sessões programadas para os três dias da Festa. Prevista está igualmente uma iniciativa de solidariedade com o povo de Timor-Leste, cujo futuro está agora dependente da realização de referendo e do respectivo contexto.

Neste momento, a cerca de mês e meio da abertura da Festa ao público, estão confirmadas as presenças de várias delegações estrangeiras, designadamente da Alemanha, Angola, Bélgica, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, China, Chipre, Colômbia, Coreia, Cuba, Curdistão, Espanha, França, Grã-Bretanha, Iraque, Líbano, Moçambique, Marrocos, Palestina, Peru, Sudão e Timor-Leste.

Livro e Disco

Os espaços do Livro e do Disco são pontos de passagem obrigatória dos visitantes que ali encontram não só edições de qualidade, novidades e saldos a bons preços, com uma programação que inclui debates e sessões de autógrafos com autores conhecidos do grande público.

A par das propostas habituais, que incluem obras das mais importantes editoras nacionais, em áreas tão distintas como o romance, ensaio, ciências sociais e da natureza, música, literatura infanto-juvenil, policial e ficção científica, este ano o visitante terá disponível um conjunto de edições em torno do 25 de Abril.



Avanteatro

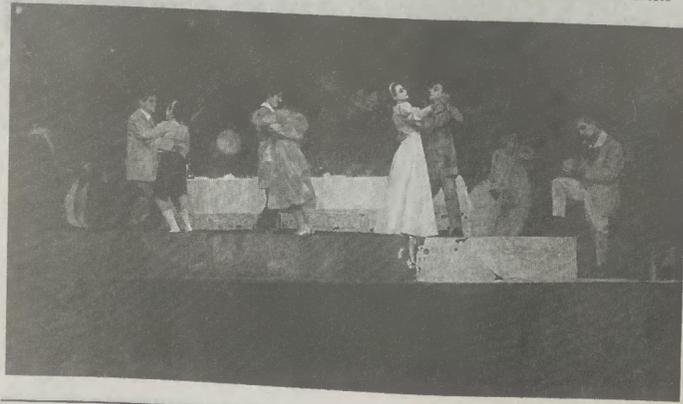
O Avanteatro surge este ano como o espaço das artes do espectáculo. Terá teatro, marionetas, música, dança e poesia. O programa conta com espectáculos da Companhia de Teatro de Almada, dos Finalistas da Escola de Teatro de Cascais, do Teatro Extremo,

do Teatro Garcia Marquez e as Marionetas Chão de Oliva. «Guitarra Portuguesa &... Carlos Paredes» é a proposta musical de Luísa Amaro, e a encerrar a noite domingo actua Fernanda Lapa, Marta Lapa e a Companhia Bengala.

Outros palcos e animação de rua

Para além dos palcos maiores, outros palcos apresentam uma programação variada e interessante: O Café Concerto

de Lisboa, os palcos de Setúbal, Alentejo, Coimbra, Algarve, Bragança e o Café Concerto da JCP são por isso espaços a ter em conta no roteiro do visitante. Prosseguindo o êxito de edições anteriores, pelo palco dos Novos Valores desfilarão as bandas vencedoras dos concursos de música moderna portuguesa, realizados em Lisboa, Viana do Castelo, Coimbra, Aveiro, Porto, Setúbal, Castelo Branco, Portalegre e Santarém. Entre as bandas já confirmadas estão os No Shine (Porto), Sandra Costa (Almada), The Siphonix (Guimarães), Jaroupe (Viana do Castelo), Neptune Falls (Sta. Maria da Feira) e XL (Seixal). Mas mesmo nas ruas a animação vai ser uma constante surpresa para o visitante ao cruzar-se com a Fanfarra da Verdi, a Animação Circense, os Pregões de Lisboa e os Bombos de Viana do Castelo.



Festa 1999 Avante! 3, 4 e 5 Setembro Atalaia * Amora * Seixal

Exposições no Espaço Central A actualidade política, e as propostas dos comunistas



O Espaço Central da Festa do Avante! ocupa este ano uma vasta área de 2700 metros quadrados, próxima da entrada da Quinta da Princesa, onde estão patentes diversas exposições, destacando-se entre elas «25 fotografias de Eduardo Gageiro», fotógrafo que será alvo de uma homenagem na sexta-feira. A mostra inclui imagens em grande formato do 25 de Abril de 1974, bem como dos principais momentos do período revolucionário. Também a não perder é a exposição de cartazes da Revolução, que reúne uma centena de cartazes que encheram as ruas entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Abril de 1976, muitos dos quais concebidos por artistas de renome como é o caso de Vieira da Silva. O projecto intercala as cartazes

com extractos do poema de Ary dos Santos «As Portas que Abriu», e utiliza vários monitores de vídeo, onde será possível visualizar um filme com imagens da época, acompanhadas das canções da Revolução que se ouvirão no recinto como música de fundo. No espaço da Imprensa do Partido, o visitante encontra uma selecção de 100 primeiras páginas do Avante! e de O Militante, publicadas nos últimos 25 anos. A semelhança dos anos anteriores, a banca de O Militante funcionará durante os três dias da Festa e é o local ideal para o visitante obter esclarecimentos sobre o PCP, podendo ali mesmo preencher a sua ficha de inscrição no Partido, comprar o jornal Avante! e a revista O Militante, assim como outros materiais. Em funcionamento estará ainda

o prelo, no qual se imprimia clandestinamente o Órgão Central do PCP, durante o tempo da repressão fascista. Todo o processo de construção e funcionamento do prelo poderá ser compreendido através de painéis explicativos.

O balanço da legislatura

Lugar de relevo é reservado à exposição política sobre a intervenção do PCP, a luta contra a política de direita do Governo PS, as propostas do Partido para a próxima legislatura e o balanço da actividade do Grupo Parlamentar. Para além dos projectos apresentados, dos que foram aprovados e se transformaram

O espectáculo do desporto

Dezenas de modalidades, milhares de praticantes e público numeroso fazem uma autêntica festa do desporto todos os anos na Quinta da Atalaia. Durante três dias, realizam-se torneios e exposições de futebol, basquetebol, ginástica, aeróbica, artes marciais, tiro com chumbo, xadrez, damas, triatlo, chinquilho e outros jogos tradicionais. Do programa deste ano, contam

ainda um sarau de ginástica e danças desportivas de salão, com a participação da Sociedade dos Alunos de Apolo.

Nos desportos radicais, destacam-se uma prova de Slide e a Parede de Escalar, não esquecendo a sempre espectacular demonstração de pára-quedaismo que terá lugar no domingo, dia em que também se realiza, de manhã, a tradicional

Corrida da Festa, em que participam mais de mil atletas, e que este ano terá a meta colocada no interior do recinto da Festa.

Inscrições na Corrida

Com a partida marcada para a manhã de domingo, dia 5 de Setembro, a Corrida é tal como

nas edições anteriores aberta a participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, ou a atletas individuais.

O escalão de masculinos juniores abrange os atletas nascidos entre 1980/81 e os seniores, nascidos em 1979 e anos anteriores. Os veteranos I incluem atletas com idades entre 40 a 44 anos; veteranos II, de 45 a 49 anos; veteranos III, de 50 a 54 anos; veteranos IV, de 55 a 59 anos; veteranos V, a partir dos com 60. O escalão de femininos juniores

devem ser feitas até ao próximo dia 27 de Agosto na Corrida da Festa do «Avante!», Av. António Serpa, n.º 26, 3.º Dt.º, 1050 Lisboa, das 9.30 às 13 horas e das 14 às 18 horas. Telefones: 796 43 09; 796 91 41, ou 222 40 00 na (Atalaia); Fax: 796 91 39.

Os vencedores absolutos femininos e masculinos ganham uma viagem à Madeira de quatro dias com pequeno almoço, a gozar durante o mês de Outubro próximo. As 15 primeiras equipas recebem troféus ou taças



compreende atletas nascidas em 1980/81; seniores, nascidos em 1979 e anos anteriores; e veteranas a partir dos 35 anos. As inscrições são gratuitas e

e até a 1100.º classificado são oferecidas t-shirts a todos os atletas, bem como todos os que completarem a prova terão entrada gratuita na Festa.

Transportes e



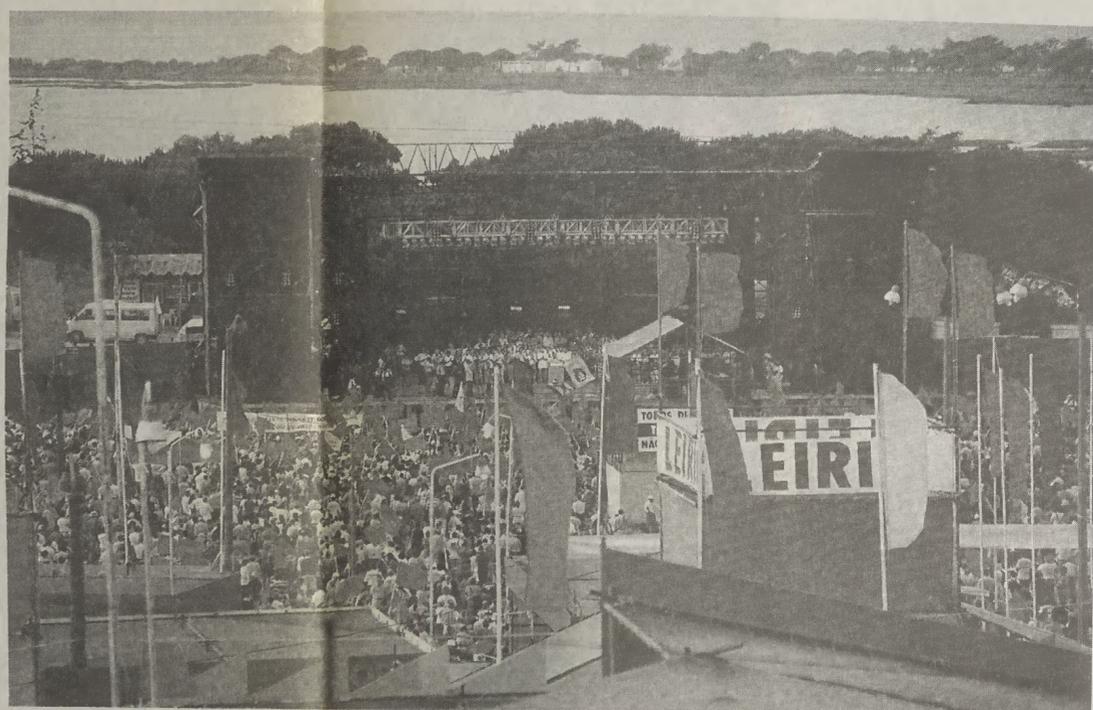
A Quinta da Atalaia é um local bem servido de transportes fluviais e rodoviários, sendo que este ano é possível utilizar o transporte ferroviário e parar na Estação Foros da Amora. Daí até à festa é um saltinho, a pé ou de autocarro. Quem se desloca em transporte próprio continua a ter reservadas amplas áreas de estacionamento na Amora. Como nos anos anteriores as carreiras de autocarros serão reforçadas e o trânsito na zona da Festa ordenado de forma a permitir a fluidez da circulação. Para os que preferem ficar perto da Festa durante os três dias, a melhor opção é o acampamento, situado mesmo ao lado da Quinta da Atalaia.

E não esquecer que já há comboio!

o trabalho

em leis por iniciativa dos comunistas, vão estar expostas as listas de candidatas da CDU em todos os círculos eleitorais do País, bem como as propostas do Partido para a próxima legislatura. O Pavilhão Central conta igualmente com dois espaços de discussão - o Fórum e «A Conversa Com...» - onde se realiza uma série de colóquios e debates com deputados do PCP na Assembleia da República. A prestação de contas e a análise dos quatro anos de governação PS serão os principais temas em foco, mas estão igualmente previstas sessões sobre «25 de Abril - 25 anos depois», «Guerra e a paz - a discussão actual» e «O que é ser comunista hoje?».

escritor laureado com Nobel da Literatura, com os visitantes da Festa. Os cibermatistas experimentados ou simplesmente os visitantes que desejem conhecer o mundo da informática devem procurar a Sala da Internet, que está equipada com vários computadores ligados à rede, onde podem consultar a página virtual do PCP e «viajar» por outros sites. O acesso é livre e gratuito. As primeiras imagens da Festa serão aqui digitalizadas e disponibilizadas na Net. De referir por último que a Banca Central terá à venda materiais exclusivos, como t-shirts e pólos com motivos e design irreverentes. Para despertar a curiosidade revelamos que estará disponível uma t-shirt vermelha decorada com uma foice e um martelo com cerca de meio metro.



A luta contra a política de direita do Governo PS, as propostas do Partido para a próxima legislatura e a actividade do Grupo Parlamentar são temas presentes na Festa

Abertura e Comício - Afirmar o PCP e a CDU para as legislativas

A abertura da Festa é sempre um momento ansiosamente aguardado, quer pelos milhares de visitantes que esperam no exterior o momento de entrar, quer pelas muitas centenas que no interior trabalham com afinco a ultimar os últimos pormenores, assegurando-se de que tudo estará a funcionar na perfeição. Sexta-feira, pelas 19 horas, pouco depois da abertura das portas ao público, a Festa será oficialmente

aberta por Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do PCP, que fará uma intervenção na Praça da Paz. No domingo, pelas 18 horas, terá lugar o comício, onde intervêm José Casanova, director do «Avante!», um membro da Direcção Nacional da JCP, e Carlos Carvalhas. É o culminar do intenso programa político da Festa que certamente irá contribuir para a afirmação das propostas do PCP e da CDU para eleições legislativas de Outubro.

11.ª Bienal de Artes Plásticas A arte junto do público

A 11.ª edição da Bienal de Artes Plásticas regressa à Festa para dar a conhecer a um vasto público o melhor que se tem produzido em Portugal nos últimos anos nas diferentes modalidades, técnicas e expressões estéticas das artes plásticas, incluindo ainda desta vez as áreas da arquitectura e do design. Para além de um grande lote de artistas convidados, estarão patentes obras apresentadas a concurso por cerca de 300 criadores nas modalidades de pintura, escultura, medalhística, desenho, ilustração, banda desenhada, gravura, cerâmica, fotografia, tapeçaria, vídeo e instalação. Na arquitectura, a participação foi limitada a arquitectos que projectaram a sua primeira obra na década de 90 e, no design, a obras de design gráfico.

Helena Elias e o Atelier Ideia Ilimitada. Nas diferentes áreas artísticas destaca-se ainda a participação de dezenas de jovens artistas, sendo igualmente de visita obrigatória o espaço interactivo sobre a Ciência, que pretende despertar a curiosidade do público para a exploração científica de fenómenos de luz, som e eléctricos, bem como para as particularidades de alguns materiais. No espaço central estará patente um painel com 10 metros de comprimento, oferecido recentemente ao PCP pelo pintor moçambicano Malangatana.

Entre centena e meia de artistas convidados a expor, estão nomes como António Bronze, Paula Bacelar, Acácio Carvalho, Alfredo Barro, Cruzeiro Seixas, Isabel Sá, João Duarte, Eduardo Lima Teixeira, Fátima Neves, Eurico Gonçalves, Ivone Ralha,

Homenagem a Jorge Vieira



No âmbito da 11.ª Bienal, é promovida uma exposição de homenagem ao escultor Jorge Vieira, falecido em 23 de Dezembro de 1998, com 76 anos de idade. Jorge Vieira foi um dos grandes nomes da sua geração com forte presença e influência na escultura portuguesa dos últimos 50 anos. Considerado o precursor da moderna escultura portuguesa, trabalhou até ao fim da sua vida, tendo criado recentemente a grande obra em ferro denominada «Homem Sol», implantada no recinto da Expo'98, assim como a escultura que embeleza a praça da portagem da Ponte Vasco da Gama.

Exposição de Eduardo Gageiro Fotografias da Revolução

Eduardo Gageiro é fotógrafo há 46 anos. No seu percurso contam-se inúmeros prémios nacionais e internacionais, trabalhos publicados na imprensa e em livro, exposições individuais e colectivas nos quatro cantos do mundo. Na Festa do Avante! deste ano apresenta uma exposição de 25 fotografias do período revolucionário do 25 de Abril.

As fotos escolhidas são símbolos do 25 de Abril? Eduardo Gageiro - Acho que sim, especialmente uma que considero mais significativa, que foi precisamente na altura em que a Revolução, de certo modo, foi ganha. A cena passa-se no Terreiro do Paço, os tanques da Cavalaria 7 acabavam de aderir ao movimento e o Salgueiro Maia vem a morder o lábio - numa entrevista posterior ele conta que era para não chorar. Para mim este foi o momento culminante, porque inclusivamente minutos antes eles tiveram de convencer o major Pato Anselmo a render-se. Eu segui de perto os acontecimentos, aliás tive a sorte de ser o único fotógrafo que lá estava. Quando avanço atrás do grupo de Salgueiro Maia para o major se render, este viu-me com a máquina fotográfica, chamou-me pelo nome - eu nem sabia que ele me conhecia - e disse: «Gageiro, se me tiras a fotografia, eu mato-te!». Eu tirei a fotografia e ele não me matou... Depois ele acabou por se render. Antes passou-se também uma cena interessante. O Pato Anselmo deu ordem de fogo duas vezes. Eu estava do lado de cá, do lado das chaimites, que eram uma coisinha mínima. Os outros tanques eram enormes e se disparassem para o Terreiro do Paço aquilo ficava feito num oito.

Depois acompanhou todo o movimento? Sim, acompanhei até às tantas da noite. Aliás, tenho uma fotografia de um pido que tentou fugir e foi apanhado pela tropa. Ele está com as calças para baixo, porque pensavam que ele tinha uma arma escondida nas cuecas. O 25 de Abril foi a concretização de um sonho, que eu supunha

quase irrealizável. Nesses dias andei sempre de um lado para o outro, a viver intensamente todos os momentos. Como foi fotografar os anos da Revolução? Houve momentos altos, momentos baixos, momentos conflituosos, momentos difíceis... Evidentemente isso foi complicado. Começou a haver muitos partidos novos e as pessoas começaram a

brincadeira: «No ano 2000 ainda vamos ter de gramar com a ditadura. Isto não pode ser!» Eu viajava muito e ficava muito contente quando via países democráticos, onde as pessoas eram livres e podiam falar abertamente. Quando vinha do estrangeiro ficava profundamente afectado, porque começava a contar coisas que tinha visto e os amigos que estavam comigo alertavam-me: «Toma cuidado que aquele é da Pide!». Uma pessoa não podia sequer manifestar as suas opiniões! Sempre fui um homem com um grande espírito de liberdade, procurei fotografar aquilo que me parecia mal - aliás estive um pequeno período preso - e sentia-me profundamente vigiado.

Depende muito dos olhos do fotógrafo, do saber olhar. Há locais onde estão 20 fotógrafos e não há praticamente nenhuma fotografia igual. A fotografia capta em frações de segundo coisas que já não se repetem. É por isso que eu não sou grande apreciador da fotografia conceptual. Gosto muito do instantâneo e do foto-jornalismo. Que expectativas tem para a edição deste ano da Festa? Vai ser uma festa à Festa do Avante!. A Festa tem melhorado de ano para ano e é uma iniciativa sempre aliciante pela diversidade de propostas apresentadas. Aliás, tenho imensos amigos que não têm nada a ver com o PCP e que são visitas assíduas da Festa.



Eduardo Gageiro acompanhou o 25 de Abril de câmara fotográfica em punho

desmembrar-se. Mesmo a nível de relações de amizade, as coisas deterioraram-se um bocadinho, muitas vezes só porque um foi para o partido x e outro para o partido y. Mas, felizmente, a situação normalizou-se e essas amizades foram recuperadas. O que representou para si ver de perto momentos históricos e até participar neles? Acho que fui um privilegiado. Eu costumava dizer em jeito de

Eu colaborava com a Associated Press e mandei muitas fotografias de manifestações, mas clandestinamente. A AP nunca disse que eram minhas, mas a Pide desconfiava, só que não tinha provas. Eu sentia-me pressionado, mesmo a nível de emprego. Na altura trabalhava no «Século» e até na secção fotográfica havia informadores. A fotografia pode dar uma outra visão do mundo?

O que é que significa para si expor num local visitado por milhares de pessoas? Fiquei profundamente sensibilizado quando me convidaram. Acho que foi uma forma de reconhecer o meu trabalho. Expor na Festa tem um valor incalculável. É a maneira de uma pessoa se expor a milhares de pessoas. Acho que vai ficar na minha memória para sempre.

acampamento





Homenagem a JORGE VIEIRA na XI Bienal



Colóquio e autógrafos com JOSÉ SARAMAGO

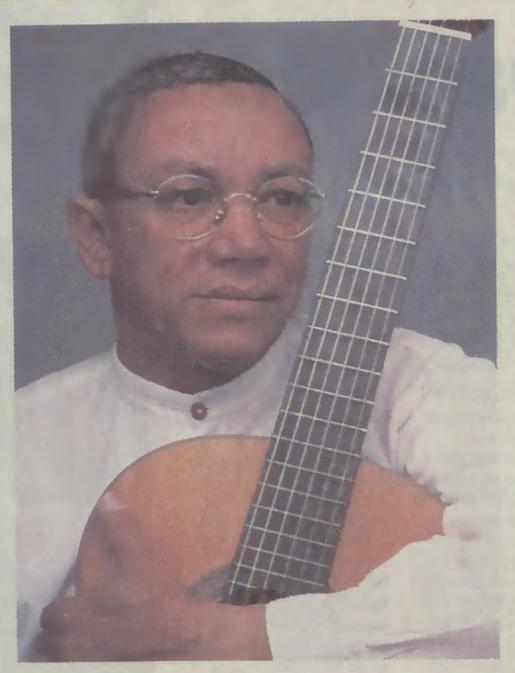


Exposição de fotografias de EDUARDO GAGEIRO



Exposição de CARTAZES DE ABRIL e mais muito mais na Revista Programa brevemente à venda

Sons da Lusofonia



Dany Silva

Isabel Silvestre e Navegante



Hands on Approach

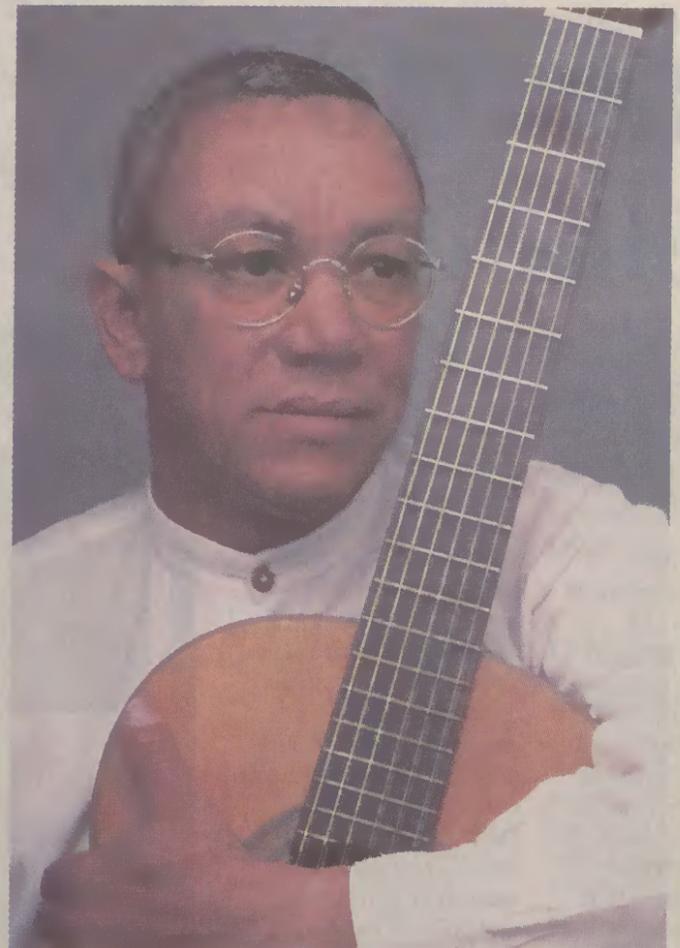
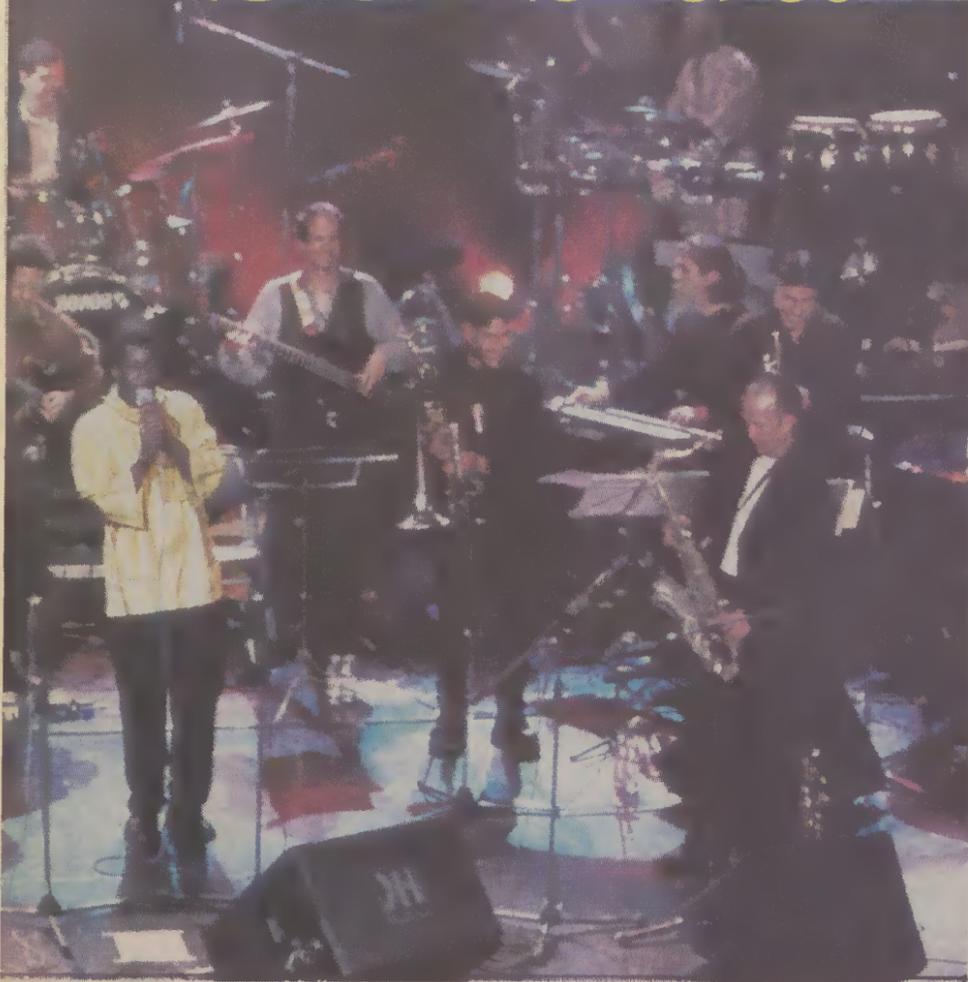
Blind Zero



Ramp

Os artistas da Festa!

Sons da Lusofonia



Dany Silva

Isabel Silvestre e Navegante



Blind Zero

